



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIA  
CAMPUS XVIII - EUNÁPOLIS  
LICENCIATURA DE HISTÓRIA**

**ISABEL DAIANE NEPOMUCENO SILVA VIEIRA**

**TRANÇANDO IDENTIDADES, CONSTRUINDO RESISTÊNCIA:  
Saberes e fazeres das trançistas eunapolitanas como ferramenta para a “etno-  
ressignificação” (2010 -2020)**

**EUNÁPOLIS - BA  
2024**

**ISABEL DAIANE NEPOMUCENO SILVA VIEIRA**

**TRANÇANDO IDENTIDADES, CONSTRUINDO RESISTÊNCIA:  
Saberes e fazeres das trançistas eunapolitanas como ferramenta para a “etno-  
ressignificação”. (2010 -2020).**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em História do Departamento de Ciências Humanas do Campus XVIII da Universidade do Estado da Bahia UNEB orientado pela Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Mariane Nascimento dos Santos.

**EUNÁPOLIS - BA**

**2024**

**ISABEL DAIANE NEPOMUCENO SILVA VIEIRA**

**TRANÇANDO IDENTIDADES, CONSTRUINDO RESISTENCIA:  
Saberes e fazeres das trançistas eunapolitanas como ferramenta para a “etno-  
ressignificação” (2010 -2020)**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de Licenciatura, e aprovada em sua forma final.

Eunápolis, 07 de Julho de 2024.

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Ma. Mariane Nascimento dos Santos  
Orientadora  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

---

Prof. Ma. Lorena Michele dos Santos  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

---

Prof. Dr. Ma. Cristiane Soares de Santana  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Dedico a minha família, esposo e filhos pelo incentivo e apoio. Vocês são a razão de eu ter chegado até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Uma longa caminhada! Essa é a frase que descreve com precisão a minha aventura acadêmica. Sim, foi longa, foi árdua e foi desafiadora. E o maior desafio, foi lutar contra mim mesma para não me permitir diante de todos os desafios e impasses, desanimar e retroceder dessa jornada.

Isso posto, quero aqui agradecer a todos os que estiveram envolvidos nesse meu processo de construção. Construção de uma história, de uma identidade de uma caminhada tão sofrida quanto linda.

Primeiramente, quero agradecer ao MEU DEUS! Que me sustentou todos esses anos, abrindo portas e mostrando o caminho que eu deveria andar, mesmo quando muitas vezes eu me desviei dele. A JESUS, por nunca ter desistido de mim e ter me dado a chance de honra-lo com minha vida e talentos.

Aos meus pais, meu profundo agradecimento por serem a base sólida sobre a qual construí meus sonhos e valores, oferecendo suporte incondicional em cada passo desta jornada. A minha mãe por ter sido minha orientadora para vida.

Gostaria de expressar minha gratidão à minha orientadora acadêmica, Prof.<sup>a</sup> Mestra Mariane Nascimento dos Santos, por ter aceitado me orientar nesse processo de forma tão disponível (mesmo durante o período de férias e feriados srsrsrsr), por todo incentivo e coragem que me deu, e que foram essenciais para a realização e continuidade deste estudo. Destaco seu apoio, a maneira interessada, extraordinária e pertinente com que acompanhou o desenvolvimento deste trabalho. Suas críticas construtivas, discussões e reflexões, e as conversas informais que se configuraram verdadeiras terapias, foram fundamentais ao longo de todo o percurso. Muito obrigada pela maneira que você conduziu e exerceu a sua docência de forma tão humana e amável.

Agradeço aos colegas de turma e de jornada, Vilma por ter sido companheira e amiga que por vezes dividiu os fardos da academia e da vida, obrigada amiga. Kátia pelas conversas tão boas e as partilhas de experiência, aprendi muito com sua vida. E a todos os demais colegas os quais sendo eu dessemestralizada peguei algumas matérias em suas respectivas salas e tive o prazer de conhecê-los: Karolyne, Tatieles obrigada meninas pelas vezes que mutuamente nos motivamos quando a jornada parecia impossível.

As minhas irmãs Sara e Adriana, por acreditarem em mim quando eu não acreditava mais e por salvarem minha (in)sanidade mental com nossas risadas e resenhas. Dri, obrigada por ter sido muitas vezes ouvinte paciente e confiante de todas as minhas loucuras e teorias loucas, e por me lembrar sempre de meu potencial nos momentos de dúvida.

As minhas amigas do Ensino Médio para a vida: Luiza, Joana e Janiny. Essas mulheres corajosas, brilhantes e talentosas, que fizeram parte de um passado tão lindo e que hoje fazem parte do meu presente. Que sempre me incentivaram e acreditaram em mim, me dando palavras de incentivo e apoio e me fazendo entender que a maternidade e os demais desafios nunca seriam uma barreira para alcançar meus ideais e realizar meus sonhos, mas ao contrário, se configurava uma força maior para lutar por dias melhores pra mim e pra meus filhos. Vocês sempre estiveram presentes com palavras de encorajamento e força. Vocês também fazem parte da minha jornada durante este tempo de minha vida. Quero agradecer pelo apoio, força, amor e assistência inabalável. Obrigada por todos os conselhos úteis, as sessões de terapia em grupo, pelas palavras motivacionais e puxões de orelha. As risadas que compartilhei durante os momentos difíceis na faculdade, que me ajudaram a passar por dias ruins, obrigada por serem as coautoras das pausas necessárias e dos momentos de descontração que me mantiveram são(a) durante este percurso. Obrigada por tudo. Este TCC também é de vocês!

A minha amiga Jaíse, minha pretinha do coração, também egressa dessa instituição, por ter sido ombro amigo e conselho ao coração, uma irmãzinha pra mim, que por muitas vezes compartilhou suas experiências da caminhada acadêmica, me indicando os rumos e incentivando com palavras de motivação e por ter segurado em minha mão por tantas vezes pra não me deixar desistir, se fazendo presente em vários momentos.

Prosseguindo com meus agradecimentos, abro para expressar minha gratidão a todos os professores que fizeram parte dessa caminhada: Célia Santana, Sandra Gama, Sandra Barbosa, Geovanni de Jesus, Joceneide Cunha, Tais Vinhas, Lorena Michelle, gratidão pela docência de vocês e pela forma de acolher com todas as contribuições e partilhas de conhecimento que com certeza levarei pra minha vida.

Também ao meu esposo pelo apoio, cuidado e pela crença em mim em meus sonhos e ideais, por ter maratonado comigo noite a dentro para que eu conseguisse entregar o trabalho de Estágio no dia seguinte. Obrigada pelas vezes que aliviou o

peso da jornada, pelos lanches e litros de café e cevada que já preparou para mim. Por todas as vezes que ‘voluntariamente’ me levou para a faculdade. Obrigada por ser meu fã. Por compartilhar inúmeros momentos de estresse, cansaço e ansiedade. E por demonstrar interesse em meu TCC mesmo sem entender nada que eu tava falando.

Não poderia deixar de agradecer as mulheres transistas por toda a atenção dispensada a mim e por terem me acolhido em suas horas de trabalho em casa ou estabelecimentos e me cederem seu tempo e suas memórias.

Por fim, faço um agradecimento maternal aos meus dois filhos, herança do Senhor que eu sou emprestada a cuidar. Agradeço a eles pela presença cálida e quase nunca silenciosa em momentos de estudo e escrita, mas que me fazia lembrar o porquê de eu estar fazendo o que fazia.

À Isabel do passado: obrigada por não ter desistido. Você conhece suas batalhas, medos, traumas, vergonhas e vulnerabilidades. Tem descoberto suas potências e segue recriando seus sonhos. Você tem escrito a sua história, preta. E eu tenho muito orgulho de você.

## RESUMO

Esta monografia explora a prática das tranças e seu impacto na construção identitária de mulheres negras na cidade de Eunápolis. A escolha do tema foi influenciada por uma experiência pessoal com tranças, que despertou um interesse em compreender a arte/ofício de trançar e a prática das trancistas. O trabalho busca entender como o ofício das trancistas e o uso das tranças contribuem significativamente para a (re)construção identitária dessas mulheres. A pesquisa adota a História Oral como metodologia e utiliza entrevistas qualitativas com trancistas da cidade de Eunápolis, além de uma análise teórica que envolve questões de raça, gênero e identidade. Dividido em três capítulos, o estudo aborda: 1. História e Significados das Tranças: As origens culturais e a evolução das tranças no contexto da diáspora africana. 2. Corpo Negro feminino e Resistência: A construção simbólica do corpo negro como espaço de violência e resistência, e o papel das tranças nesse contexto. 3. Trancistas em Eunápolis: O papel social das trancistas, suas práticas, desafios e conquistas, incluindo entrevistas que revelam suas experiências e percepções. A monografia visa contribuir para o entendimento dos processos simbólicos e de identificação presentes nas tranças e nas vivências das trancistas, promovendo um novo olhar sobre as questões raciais e de gênero, e buscando uma mudança de pensamento na sociedade.

**Palavras-chave:** Tranças; trancistas; identidade; mulher; corpo negro.

## **ABSTRACT**

This monograph explores the practice of braiding and its impact on the identity construction of black women in the city of Eunápolis. The choice of theme was influenced by a personal experience with braids, which sparked an interest in understanding the art/craft of braiding and the practice of braiders. The work seeks to understand how the craft of braiders and the use of braids contribute significantly to the (re)construction of these women's identities. The research adopts Oral History as a methodology and uses qualitative interviews with trancistas from the city of Eunápolis, in addition to a theoretical analysis that involves issues of race, gender and identity. Divided into three chapters, the study addresses: 1. History and Meanings of Braids: The cultural origins and evolution of braids in the context of the African diaspora. 2. Female Black Body and Resistance: The symbolic construction of the black body as a space of violence and resistance, and the role of braids in this context. 3. Trancistas in Eunápolis: The social role of trancistas, their practices, challenges and achievements, including interviews that reveal their experiences and perceptions. The monograph aims to contribute to the understanding of the symbolic and identification processes present in braids and in the experiences of braids, promoting a new look at racial and gender issues, and seeking a change of thinking in society.

**Keywords: Braids; trancistas; identity; woman; black body.**

“Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade [...] submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades”. (Neusa Santos)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 TRANÇAS: NA RAIZ DA HISTÓRIA</b> .....	20
1.1 A diáspora africana e o legado das tranças no cenário brasileiro .....	25
1.2 Uma identidade afro-brasileira em construção .....	30
<b>2 A MULHER NEGRA E A RAZÃO SOBRE SEU CORPO: O CORPO E O CABELO COMO ESPAÇOS DE VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS</b> .....	35
2.1 Tipos de tranças e seu lugar de origem .....	43
2.2 O ofício de ser trancista.....	49
<b>3 A CIDADE DE EUNÁPOLIS, ENTRE TRAMAS E TRANÇAS</b> .....	55
3.1 O saber e fazer das trancistas de Eunápolis.....	61
3.2 O legado familiar das tranças: as trancistas e sua ancestralidade.....	63
<b>CONCLUSÃO</b> .....	68
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	70
<b>ANEXOS</b> .....	72

## INTRODUÇÃO

Sobre o que falar quando nada é pertinente e tudo é importante? Essa foi a inquietação que me levou às escolhas e escrita da minha monografia.

Existem várias histórias que valem a pena ser contadas. Existem várias fontes que valem a pena serem exploradas e examinadas. Tempos diferentes, diferentes lugares, diversas lembranças. A vida acontece e produz histórias, memórias, relatos profundos. Onde quer que a vida exista, existe ali história. O desafio é conseguir enxergar, escolher e construir a narrativa.

Quando chegou o momento de escolher o tema ao qual eu trabalharia no tempo da conclusão do curso, tive muitas dúvidas e me peguei por vários meses tentando encontrar o tema que me acompanharia nessa jornada. Sobre o que falar? Nada parecia tão profundo, pertinente ou viável. E ao mesmo tempo, tudo parecia passível de se transformar em uma grande pesquisa.

Nas idas e vindas das escolhas do assunto, surgiu então um último suspiro de escolha. Me lembro qual foi o exato momento em que surgiu o tema abordado aqui: as tranças, sendo analisadas através da arte/ofício de trançar, através da prática das trancistas. De alguma forma, esse tema sempre esteve presente em minha vida. Eu estaria sendo injusta se não reconhecesse a presença das tranças nas linhas da minha história.

O desejo de compreender a experiência e os saberes profundos do ato de trançar o cabelo surgiu tímido, no momento em que eu fiz a minha primeira trança, mas como já foi dito aqui, as tranças sempre estiveram presentes em minha infância, onde vez ou outra uma tia, prima ou irmã mais velha se dispunha a arrumar os cabelos das meninas de nossa casa, como afirma Nilma Lino:

“O uso das tranças pelos negros, além de carregar toda uma simbologia originada de uma matriz africana ressignificada no Brasil, é, também, um dos primeiros penteados usados pela negra e privilegiados pela família. Fazer as tranças, na infância constitui um verdadeiro ritual para esta família. Elaborar tranças é uma tarefa apreendida e desenvolvida pelas mulheres negras.” (GOMES, 2003, p.171)

Apesar dessa afirmação de Gomes (2003) que se respalda em tantas outras narrativas e vivências de famílias negras, entre as mulheres da minha família, a trança não era um penteado que nós estávamos acostumadas a fazer e a usar com frequência. No período de passagem de minha puberdade para adolescência, a prática de arrumar os nossos cabelos, não estava presente o uso das tranças como recurso de embelezamento, pelo contrário, nós obedecíamos um ritual semanal de alisamento por meio de um instrumento de ferro em um pequeno formato de pente, que era levado diretamente à chama do fogão, o chamado pente quente, e em seguida era passado em nossos cabelos, alisando assim os fios na medida em que era penteados, seguíamos então o padrão social branco que era idealizado como belo.

Não consigo estabelecer com precisão em que momento da vida eu me percebi como uma pessoa negra, foi somente no momento da inscrição do vestibular para UNEB - CAMPUS XIII onde eu me auto declarei negra, para participar da concorrência por meio do sistema de cotas, que me deparei refletindo sobre a minha identidade racial, mas naquele momento, eu não tinha condições sociais e nem bagagem para fazer reflexões sobre isso.

Somente alguns anos, depois de me tornar uma acadêmica do curso de História, que pude refletir criticamente sobre minha identidade racial, por meio de diálogos, vivências e as experiências. Uma das primeiras noções que tive, foi que meu corpo ainda era um corpo colonizado e meu cabelo alisado, refletia isso. Decidi então pelo não mais me submeter a processos químicos de alisamento e resolvi deixar o cabelo natural voltar. Eu não me lembrava de como era meu cabelo, nunca pude ter a chance de conhece-lo e manipulá-lo, descobri-lo. Decidi entrar fazer o *big chop*<sup>1</sup>, não esperei crescer muito, assim que despontou os primeiros dois centímetros de cachinhos natural, eu cortei todo o cabelo. Este processo emocionalmente e fisicamente desafiador, é um passo importante para muitas mulheres que pretendem aceitar e voltar com a textura natural do cabelo. Recebi duras críticas praticamente toda a minha família, os amigos me chamavam de doida, o esposo odiou. Mas me senti tão livre, tão bem, que nada do que diziam me afetava ou me fazia retroceder na decisão.

---

<sup>1</sup> Nome dado ao procedimento de cortar os fios que ainda possuem química.

Foi a partir daí que eu de fato comecei a me interessar pela estética negra do e admirar as várias possibilidades de uso e manuseios do cabelo crespo/cacheado, surgindo assim meu interesse por tranças.

Depois de alguns anos na faculdade, fiz minhas primeiras tranças. Eu nunca tinha feito, nem mesmo recorri a elas como ferramenta para passar pela transição capilar<sup>2</sup> (como hoje muitas mulheres o fazem). Ainda me lembro do poder que eu sentir ter, depois de ter os meus cabelos trançados após a fase de conscientização racial. Me recordo como me senti bela, empoderada, como aquilo transformou minha experiência de ressignificação etno-racial, e como esse momento contribuiu para o meu “tornar-se negro” nos termos de Neusa Santos (2021)<sup>3</sup>. Cabelos trançados, e as críticas eram certas: “Não combina com você”, “preferia seu cabelo do outro jeito”, “você fica mais bonita com o cabelo normal”. Essas são algumas falas que ouvi ao longo de minha trajetória como uma mulher negra que usa tranças. Atualmente reconheço o quão exaustivo é ser um a mulher negra em nossa sociedade e em Eunápolis.

O apagamento histórico, silenciamento e preconceito são fatores que afetam a valorização da identidade negra, fazendo com que por muitos anos existisse um esforço para se encaixarem no padrão branco. (COSTA,2022, p.17)

E como é dolorida e muitas vezes solitária, a tarefa de militar e se posicionar para ser reconhecida como tal sem nenhuma “pejorativação” ou estereotipação do ser negra. Pude perceber como o cabelo é um elemento de marcação e posicionamento racial. Na minha caminhada e trajetória formativa como uma pessoa negra, eu não tive espaços de acolhimentos nem lugares afetos, mas hoje, depois de todas as vivências, eu me constituo esse lugar ara outras mulheres negras que não precisarão sentir a solidão do ser negra. Para cada uma delas que precisarem estarei aqui.

---

<sup>2</sup> A transição capilar é o processo pelo qual se decide deixar de usar tratamentos químicos, como alisamentos e relaxamentos, para permitir que seu cabelo natural cresça sem intervenções químicas.

<sup>3</sup> Referência ao livro Tornar-se Negro: ou as vicissitudes da identidade no negro brasileiro em ascensão social” de Neusa Santos Sousa. Edição reeditada Editora Zahar,2021.

Uma vez que Gomes (2003) defende a ideia de que identidade negra é uma construção histórica, social e cultural, essa mesma identidade também se constrói pela consciência como cada indivíduo se vê. A autora pontua que: “a construção da identidade negra como um movimento que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e de seu corpo, mas também como o olhar do outro, do que está de fora” (GOMES, 2008, p.20). Usar aquele adorno simbólico na cabeça que me identificava como uma pessoa negra, me inseriu em uma série de sentimentos diversos, desde um envaidecimento empoderado, até o medo de como as pessoas de meu círculo social de vida iriam reagir.

O ato de trançar cabelos é uma prática ancestral que carrega consigo uma riqueza de significados culturais, sociais e históricos e representa uma atividade de superação de opressões “suprematistas brancas” (HOOKS,2022). Dito isso, busquei refletir, quem são essas mulheres que trançam e por que trançam? E assim, a partir dessa busca, entender as vivências dessas mulheres, e suas trajetórias. Considerando que essas vivências podem ser completamente diferentes se levarmos em conta recortes sociais e de classe que atravessam essas mulheres e que influenciam na forma como cada uma delas será afetada.

A partir desse meu relato pessoal, é possível apresentar a questão central que permeou essa pesquisa e que se constitui o problema central: de que forma o ofício das trançistas e o uso das tranças, corroboram significativamente para (re)construção identitária de mulheres negras na cidade de Eunápolis?

Nesse contexto considero extremamente valioso e apropriado trazer em debate as questões relacionadas não apenas as questões históricas, mas principalmente a estética das tranças enquanto elemento marcador da identidade negra. Assim, essa pesquisa traz sua contribuição no campo social das discussões teóricas, pois busca compreender os processos simbólicos e de identificação presentes nas tranças e principalmente nos saberes e fazeres das trançistas, a fim de que com essas discussões, haja mudança no pensamento, e que a sociedade busque olhar para as questões do negro de um novo ponto de vista que não mais o de inferiorização e negatividade. Propor um estudo que reflita sobre questões de raciais e de gênero, é importante para se levantar debates sobre temas que evidenciam as problemáticas do racismo se posicionando de forma contra hegemônica das narrativas supremacistas brancas. Outra questão sobre a relevância dessa escrita se dá pelo fato de que, eu acredito que este TCC trará contribuições para futuras pesquisas e escritas de

temáticas semelhantes, e ainda contribuirá também para o reconhecimento do trabalho dessas mulheres em seus salões ou espaços de atendimento.

Diante do exposto, esse trabalho objetiva entender o ofício das trançistas como uma atividade de resistência e construção de identidade, compreendendo o papel e relevância que as mesmas desempenham nesse processo de ressignificação. E para alcançar tal objetivo principal, busquei atingir os seguintes objetivos específicos: 1. Historicizar as tranças, analisando suas origens, realizando um estudo sobre a sua chegada no Brasil. 2. Analisar a construção históricas de estereótipos de raça e gênero no Brasil pela ideologia do branqueamento, discutindo o uso de tranças comotáticas de racionalização subversiva que atuam como métodos de “desbranqueamento” e “descolonização da beleza. 3. Analisar qual o contorno social e econômico das trançistas, suas práticas e o legado familiar.

Para a elaboração deste estudo, lançamos mão da História Oral como metodologia de pesquisa. De acordo com Verena Alberti (2018), a História Oral também pode possibilitar o estudo dos modos pelos quais “pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas”.

A delimitação do *lócus* da observação e da pesquisa se dá notoriamente pelo fato de o espaço estudado ser o local de minha vivência bem como o da vivência das trançistas entrevistadas. Já o critério de delimitação temporal se dá pelo recorte em que as trançistas apresentaram nas entrevistas, onde este recorte de tempo está circunscrito dentro do início de suas atividades no ofício do trançar.

A abordagem utilizada foi qualitativa pela qual para atender os objetivos propostos neste estudo, utilizou-se a pesquisa teórica documental/exploratória e realizou-se uma vasta pesquisa bibliográfica por meio de leitura de artigos, teses, livros e fontes documentais. O caminho metodológico se deu por meio de levantamento de dados que foram coletados através de entrevistas com as trançadeiras da cidade de Eunápolis (Anexo 1). As narrativas coletadas no trabalho de campo, estão disponíveis por meio de mídia gravada, cujo conteúdo foi devidamente transcrito e disponibilizado nos anexos deste trabalho, para que pudesse ser analisado por meio de interpretação de dados.

As entrevistas foram realizadas com 04 (quatro) pessoas, exclusivamente mulheres e negras trançadeiras profissionais de Eunápolis, existem outras profissionais atuando na cidade, mas algumas não se disponibilizaram participar da

pesquisa por fatores diversos, outras não foram localizadas, e tiveram aquelas que enfrentaram contratempos que as impossibilitaram. Utilizamos um aporte teórico sobre a temática que envolve esse estudo, além de buscar outras técnicas de pesquisa como: conversas informais, questionário, observação e registro das visitas. As pesquisas utilizadas foram semiestruturadas de resposta livre, pois optou-se por um questionário que desse conta de levantar questões que permitisse as trançistas a liberdade na resposta de forma aberta, possibilitando assim uma pesquisa centrada nos sujeitos (KILOMBA, 2019).

A coleta das entrevistas foi feita de acordo com a disponibilidade das trançadeiras e da pesquisadora. Esse agendamento dependeu da rotina profissional e pessoal das entrevistadas, que são trabalhadoras e mãe. Esse diálogo elaborou-se de maneira presencial: o primeiro contato, por troca de mensagens de celular, e o segundo momento, presencialmente.

Das contribuições teóricas utilizadas para a escrita desse trabalho foram trazidos alguns teóricos que discutem gênero e raça, dentre outros elementos de discussão que este estudo traz.

Para embasar as discussões sobre raça, utilizamos as ideias de Nilma Lino Gomes que defende que as raças são construções sociais, políticas e culturais, que são produzidas dentro do discurso das relações de poder criadas ao longo da história, o que explica por consequência as desigualdades, onde por meio de uma hierarquização de poder algumas identidades são tomadas como inferiores. (GOMES, 2003).

Outro tópico importante abordado aqui, são as discussões acerca da identidade. A identidade sempre será algo peculiar de um grupo e dos indivíduos. Sobre esse tema Gomes (2003) também nos traz contribuições, afirmando que a identidade negra também é entendida como uma construção coletiva cultural e social e essa construção irá implicar na forma como o sujeito vê a si mesmo. Por isso de acordo com ela, é muito difícil construir uma identidade negra positiva, pois historicamente a sociedade sempre exigiu do negro a rejeição da cor e do ser, e pelos discursos de inferiorização do corpo negro.

Um outro teórico muito importante dentro do campo das discussões de identidade é Stuart Hall. Para o teórico a identidade é mutável e fragmentada em virtude do hibridismo social e cultural. E para ele, essa fragmentação identitária é muito mais real se levarmos em consideração o sujeito pós-moderno. Para Hall (2006)

esse sujeito não possui uma identidade em sua essência e nem possui uma identidade permanente, ao contrário, essa identidade estará sempre sujeito aos movimentos de transformações socioculturais.

[...]o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Dentro da perspectiva metodológica que o trabalho se desenvolveu, outras intelectuais que trouxeram contribuições teóricas para esse estudo, foram Grada Kilomba (2019) e Bell Hooks (2009). Elas discutem como a memória se põe como um meio construtor de identidade a partir das noções de lugar e de pertencimento que trazem uma concepção de memória que valoriza as tradições ancestrais, e que subordina a memória individual ou coletiva ao processo formativo identitário.

Dessa forma, estando em mãos do material coletado e transcrito, e com as leituras teóricas realizadas, iniciei o processo de escrita sistematizado e organizado em três capítulos.

O primeiro capítulo intitulado *Trança na raiz da história*, oferece um apanhado histórico sobre as origens e os significados cultural das tranças, abordamos a prática de trançar os cabelos, dentro do contexto da diáspora africana e sua evolução no Brasil.

No segundo capítulo intitulado *A mulher negra e a razão sobre seu corpo: o corpo e o cabelo como espaços de violências e resistências*, abordamos a construção histórica e simbólica do corpo negro como espaço de violências e abusos, um tema crucial para compreender a profundidade das marcas deixadas pelo colonialismo nas sociedades contemporâneas e como essa herança influencia negativamente na maneira como se vê o corpo e o cabelo negro e por consequência de que forma as tranças são aceitas. Abordamos ainda as tranças e suas relações com seu lugar de origem abordando um pouco de seu papel social. E por fim o capítulo segue trazendo uma análise acerca do ofício das trançadeiras, discutindo

aspectos sociais, políticos e de valorização.

O terceiro capítulo faz uma breve contextualização sobre o processo/história de formação da cidade de Eunápolis, para pensarmos as influências culturais que imprimiram padrão de pensamento cultural do local. Este capítulo ainda analisa o papel social das trançistas, explorando como suas práticas contribuem para a autoestima e o empoderamento das mulheres negras, mas também apresentando os inúmeros desafios da profissão e as conquistas dessas mulheres que por meio de seu ofício se tornam arrimo familiar em alguns casos. Apresenta as entrevistas com trançistas, proporcionando uma visão aprofundada sobre suas experiências, profissão, desafios e percepções.

## 1 TRANÇAS: NA RAIZ DA HISTÓRIA

Ao se falar em origem das tranças, a pretensão de se estabelecer o nascimento da prática de trançar os cabelos ou a tentativa de datar sua primeira aparição, ainda é uma tarefa difícil para os historiadores. As tranças estão presentes em várias representações culturais dos mais variados povos e civilizações, e tratando especificamente dos povos africanos, ainda não se tem uma data ou um fato histórico específico em que as tranças surgem ou aparecem em África. Dito isto, cabe aqui esclarecer que esta pesquisa não possui nenhuma intenção de buscar as primeiras datações acerca do surgimento das tranças, no entanto, me proponho sim a estabelecer e traçar um percurso historiográfico das tranças. Este capítulo se debruça exclusiva e especificamente em estudar as tranças de origem afro, analisando e discutindo uma tecnologia capilar avançada e ancestral que visa cabelos crespos, não lisos.

Ainda que a história nos relate que as tranças não são um penteado, exclusiva e essencialmente africano, é de suma importância ressaltar que as tranças classificadas posteriormente como “rasteiras nagô”<sup>4</sup> são sim uma invenção africana, principalmente por sua característica de um penteado protetor.

Ainda no que toca o caráter desprezioso dessa pesquisa de marcar a origem do uso dos penteados com trança, é importante analisarmos o que se tem sobre essa origem. Segundo Nilma Lino Gomes “O que temos são registros de viajantes europeus que exploraram a África por volta de 1400, antes mesmo do processo da escravidão no Brasil, e relataram em seus diários e cartas o encantamento com a suntuosidade e a beleza dos penteados das mulheres e homens dos diversos reinos africanos. Dentre esses penteados, estavam as tranças” (Gomes,2019). A partir de registros como estes, temos então os primeiros relatos documentais que nos

---

4 Essa expressão é utilizada contemporaneamente pelas transcistas, para designar um estilo de tranças rasteiras. O termo “Nagô” foi dado pelos traficantes dos escravizados, não existia originalmente uma nação em África com essa nomenclatura segundo os estudos de Robin Law Professor catedrático de História da África na University of Stirling, Escócia e de Renato da Silveira, Professor da Universidade Federal da Bahia, membro do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação em História, que defende que “Nagô na África era a designação dos iorubás do oeste, na Bahia era nome-de-nação, designando todos os iorubás; ijexá, keto, além de dezenas de outros, eram etnônimos de subgrupos que a nação nagô baiana englobava”(2008).

trazem a possibilidade de uma identificação do uso de tranças entre os povos africanos. O que se sabe é, que várias civilizações ao longo do tempo utilizaram esses penteados de três mechas por vários motivos, sejam os povos nativos das Américas, os vikings da Escandinávia ou outros povos.

Um desses registros históricos sobre a utilização de tranças, é dado pela doutora em História da África, Maristane de Sousa Rosa Sauimbo (2017) e a Mestre em Arqueologia Danielly Morais Rocha (2017), que na busca de encontrarem evidências das tranças no antigo Egito, afirmam que,

“Heródoto no século V a.C., por exemplo, faz uma série de elogios a esteticado Nilo em um contexto completamente desracializado, demonstrando a africanidade do penteado e admitindo a estética vinculada ao modelo econômico, as culturas de pastoreio, agrícola e fauna nesse período.” (SAUIMBO; MORAIS, 2017, p.43).

Esses elogios tecidos por Heródoto, traziam uma riqueza de detalhes à forma como eles arrumavam o cabelo. Baseando-se nesses elementos, podemos afirmar que o componente cabelo/cabeça, sempre estiveram em evidência entre os povos africanos sendo entendido como umitem de composição identitária comum entre eles, resistindo a diferentes temporalidades. Muitomais que elementos da estética, os usos e o tecer dos cabelos comunicavam elementos culturais fortes e dinâmicos nas sociedades africanas. De acordo com Lody (2004),

Segundo Platão, a cabeça humana é a imagem do mundo. Nos símbolos dos hieróglifos no antigo Egito, a cabeça significa céu, em virtude do seu desenho circular. Até hoje a cabeça representa o lugar mais sagrado do corpo em todos os povos e culturas do mundo. (apud SAUIMBO; ROCHA,2017 p.43)

Embora contemporaneamente as tranças sejam utilizadas em sua maioria pelo público feminino, a classe masculina também se utilizou do penteado para reafirmar sua identidade e ancestralidade por meio do cabelo e como um recurso de embelezamento. Um indício da utilização de tranças por homens no período dinástico, se encontra no Museu Egípcio do Cairo, onde é possível encontrar uma peruca toda

trançada, do século 14 a.C., típica de oficiais de guerra, conforme apontam em sua pesquisa Saiumbo e Rocha (2017)

As tranças também foram usadas por homens em algumas regiões da África, segundo Andrade (2021). Os homens do tempo de Cleópatra, por exemplo, trançavam a barba para indicar proximidade, proteção das divindades mitológica. Ainda segundo Saiumbo e Rocha (2017) “alguns achados arqueológicos também dão conta de que o modelo de peruca, já descrita por Heródoto, hoje exposta no Museu Egípcio do Cairo, (uma peruca em estilo “duplex”, dividida em duas partes entre lã e cabelo humano, datada do século XIV a. C.), é típica para oficiais do sexo masculino” (2017, p.44). Uma outra peça (peruca) se encontra no Museu Egípcio Torino, datada do período do Novo Reino, Décima Oitava Dinastia, 1425–1353 a.C, também nos mostram que as tranças de alguma forma já estava presente a vida dos povos antigos.

Fig.1 -Peruca masculina, museu Egito Torino 1425–1353 a.C



Fonte: Fletcher 2015.

Para ambos os sexos, o trato dinâmico e simbólico dado aos cabelos, se constitui um elemento presente nas culturas ancestrais africanas e apesar de não se ter data e nem “provas” documentais de que as tranças tenham nascido originalmente em África, os povos africanos já manipulavam esse tecer dos fios desde os mais remotos períodos históricos.

Vimos que, desde os primórdios o cabelo é considerado como um código social de identificação hierárquica e ao falar sobre os usos das tranças em solo africano e dar descrições acerca da história milenar do uso das tranças, Sousa (2018) afirmou que,

Em solo africano, a prática de trançar é uma das várias maneiras adotadas para estilizar os cabelos de cada membro de uma tribo. Torção, trança, tecelagem de fios de algodão ou lã, adição de gordura animal, ocre, lama e argila: são muitas as histórias por trás dos penteados elaborados que marcam a identidade das diferentes nações que povoam boa parte do continente mais antigo do mundo. É assim, como berço de mistérios e múltiplas histórias que a África preenche a imaginação de tantos negros em diáspora. Expressões culturais são recriadas, o corpo é resgatado como símbolo de uma identidade reprimida e a resistência assume novas formas. (SOUSA, 2018, p.25)

A maneira como o cabelo era utilizado por cada povo, revelava vários classificadores e marcadores sociais daquele grupo. Por meio do tipo do trançado, era possível identificar a que nação (povo, tribo), o sujeito pertencia, o estado civil, o status social e o papel hierárquico que este desempenhava naquela sociedade (CLEMENTE, 2010). Além disso as tranças também eram usadas para marcar acontecimentos específicos, tais como a guerra, os ritos e as práticas religiosas, tudo isso incidido por meio da leitura das tranças com seus modelos, texturas, cores e tipos. Reis, nobres, homens e mulheres utilizavam-se das tranças para comunicar suas classes e hierarquias. Dentre as várias sociedades africanas como as *Fulani*, *Achanti*, *Zulu*, *Hamer*, *Yorubá*, *Gurunzi*, *Zade*, *kanembu*, *Guerret* (e outras centenas de designações) a pesquisadora Sousa (2018) destaca uma como sendo até então mais conhecida. Ela diz que,

Entre as diversas tribos da África que utilizam tranças, talvez a mais conhecida seja a população Mbalantu, que vive na Namíbia. As mulheres do clã, conhecidas entre alguns pesquisadores do Ocidente como “Rapunzéis da África”, têm como uma de suas mais notáveis tradições as enormes tranças Embuvi, que são cultivadas desde a infância. O penteado, feito com ceras naturais e gorduras vegetais, é finalizado com extratos da casca de uma árvore chamada Omutyuula – segundo estudiosos, estaria nessa planta o segredo para o grande crescimento dos cabelos trançados das Mbalantu. (SOUSA, 2018, p.25)

Existem muitas sociedades africanas que ainda mantêm as tradições capilares vivas até os dias atuais, como é o caso dos povos que vivem no Oriente da África. Fato é, que a cabeça sempre foi um suporte de evidência entre os povos africanos, e por mais que estes povos fossem os mais distintos e vivessem em temporalidades diferentes, o elemento cabeça/cabelo sempre foi um artifício cultural distintivo em comum entre eles e um aporte identitário.

Essa identidade a partir dos cabelos foi eternizada em pinturas de monumentos funerários no Antigo Egito, e, na contemporaneidade, observa-se que os povos pastoris do oriente africano, também primam pelos penteados como identidade máxima. Entretanto, esses penteados são alegorizados em uma plástica ocidental que difere das características e usos próprios do continente africano. (SAUIMBO; ROCHA,2017, p.40)

Com a ocasião do tráfico negreiro, diversos povos foram trazidos involuntariamente para o Brasil. Em suas respectivas terras natais, eles habitavam as mais variadas regiões do continente africano. Povos como Angolas, Bantos, Nagôs, Guiné, Congos, Boximanes, cada um desses povos trouxera consigo suas particularidades culturais e seus modos de existir.

Os africanos foram trazidos de diversas localidades, dentre elas as regiões que atualmente correspondem ao Senegal, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa, Gana, Togo, Benin, Nigéria, Níger, Gabão, Congo, Cabinda, Angola, Moçambique e Sudão. Essas regiões eram grandes fornecedoras de escravos ao Brasil do século XVI ao século XIX. No século XVI foram traficados, principalmente, povos oriundos da Costa da Mina. Esses povos são os que hoje habitam as regiões de Gana, Togo, Benin e Nigéria, além de povos vindos do Senegal, Guiné, Guiné-Bissau, Serra Leoa, Nigéria, Níger e Gabão<sup>47</sup>. Já no século XVII a predominância foi para os povos oriundos das regiões de Congo, Cabinda e Angola. O século XVIII e XIX viu chegar ao Brasil, além dos povos já conhecidos das regiões anteriores, também os povos do Sudão e de Moçambique. (COELHO,2016, p.32)

Partindo do que foi dito até aqui, quando o assunto é avaliar os significados do uso das tranças para algumas nações africanas, há uma premissa que precisa ser considerada: para entender a relação das tranças com as vivências dos povos africanos, se faz necessário nos posicionarmos como inquisidor de nós mesmos e nos despir completamente de filtros estéticos que trazem como padrão de comportamento e beleza as bases e valores do pensamento ocidental, onde as questões relacionadas

ao cabelo estão envolvidas puramente com padrões eurocêntricos.

As tranças de origem afro não são puramente um penteado da moda ou um modelo estético e estilização capilar com um fim em si mesmo. Há de se considerar toda a sua complexidade, tanto no que diz respeito a ancestralidade, o teor histórico da prática, bem como aos métodos e padrões minuciosos e matematicamente (SANTOS, 2013) aplicados para que ao final se consiga obter o resultado desejado. Vários estudos feitos nas áreas de exatas, como os da pesquisadora norte americana Glória Gilmer (1998) bem como da socióloga brasileira Luane Bento dos Santos (2013), já demonstraram que o ato de trançar, não é apenas uma manobra estética, mas sim “um jogo complexo e matemático” que não poderiam chegar ao produto (as tranças) sem que se tivesse noções de cálculos matemáticos e algébricos, isto é, o ato de trançar, requer raciocínio geométrico.

Os rastros históricos deixados pelas civilizações africanas, nos mostra que a história desses povos não pode ser contada apenas a partir da baliza da escravização, ou ainda a partir do protagonismo dos europeus desconsiderando toda uma vida, tradição e cultura desses povos, que já traziam desde a cabeça (literalmente) até os pés códigos sociais e elementos simbólicoculturais.

### 1.1 A diáspora africana e o legado das tranças no cenário brasileiro

Acalmou a tormenta  
Pecaram  
O que a estes mares ontem se arriscaram  
E vivem os que por um amor tremeram  
E dos céus os destinos esperaram<sup>5</sup>

A diáspora pode ser entendida como um conceito com múltiplas definições e aspectos, mas no sentido geral se refere a dispersão de um povo.

---

<sup>5</sup> Trecho da canção “Diáspora” do grupo musical Tribalistas que chama atenção para isso, fazendo referências à literatura brasileira, sobretudo, ao poema de Castro Alves, *Vozes D’África*.

O conceito de diáspora dialoga com outras categorias que integram o campo de estudos sobre migrações e refúgio. Nas últimas décadas, passou por um processo de ampla difusão, abrangendo fenômenos onde se constata, além da dispersão, dinâmicas auto organizacionais de grupos e coletivos de pessoas sem mobilidade (MARINUCCI E GONÇALVES, 2021, p.7)

Várias são as acepções para definir o termo “diáspora”. Segundo o DÍCIO (dicionário da língua portuguesa), diáspora significa:

I. substantivo feminino. Separação de um povo ou de muitas pessoas, por diversos lugares, geralmente causada por perseguição política, religiosa, ética ou por preconceito.

[História]: Separação do povo judeu que, durante alguns séculos, se espalhou por todo o mundo.

II. [Biologia]: Qualquer parte reprodutiva de um organismo que, quando separada, dá origem a outro idêntico. Etimologia (origem da palavra *diáspora*). Do inglês *diáspora*; pelo grego; *diáspora*.

Ao dissertar sobre o tema, com suas implicações, conceitos e definições, José Antônio dos Santos (2008) vai falar que,

A palavra diáspora foi originalmente usada no Antigo Testamento para designar a dispersão dos judeus de Israel para o mundo. Recentemente, tem-se aplicado o mesmo vocábulo, por analogia à condição judaica, aos movimentos dos povos africanos e afrodescendentes no interior do continente negro ou fora dele. A diáspora traz em si a ideia do deslocamento que pode ser forçado como na condição de escravo, resultado de guerras, perseguições políticas, religiosas ou desastres naturais. Também pode ser uma dispersão incentivada ou espontânea de grandes massas populacionais em busca de trabalho ou melhores condições de vida. (SANTOS, 2008, p.181)

Segundo Santos (2008), poucos movimentos migratórios da História Moderna tiveram uma expressão tão profunda quanto a diáspora africana, os povos africanos aqui tiveram um importante e profundo lugar na construção do mundo moderno.

A diáspora ou a dispersão dos povos africanos pela Europa, Ásia e América se produziu em escala massiva durante o período do tráfico de escravos entre os séculos XV e XIX. Esse é um dos movimentos migratórios mais espetaculares da História moderna, sendo que os cálculos da travessia forçada pelo Oceano Atlântico oscilam de dez a cinco milhões de pessoas que teriam sido

arrancadas da África e trazidas para as Américas. Sem dúvida, houve presença africana em praticamente todo o mundo conhecido anterior ao início do tráfico internacional no século XVI. (SANTOS,2008, p.182)

Ao longo das décadas, os estudos diaspóricos vem se enriquecendo devido ao interesse crescente sobre o tema a partir de movimentos como o *Pan africanismo*<sup>6</sup> e a produção de várias pesquisas e trabalhos no cenário acadêmico. Por *diáspora africana* se entende, um fenômeno migratório involuntário e compulsório, de caráter social e cultural, de homens e mulheres africanos para outras regiões do mundo.

A diáspora africana se constitui um aspecto importantíssimo da história mundial, em particular a chegada dos escravizados africanos ao Brasil como resultado do comércio (tráfico) transatlântico de pessoas. É impossível pensar a diáspora africana, sem considerar os profundos aspectos culturais que esse tema legou para o Brasil. Ao compreendermos as origens da diáspora africana em solo brasileiro, podemos obter uma análise mais profunda de como esse fato histórico contribuiu para a transformação social e cultural da sociedade brasileira colonial bem como a contemporânea. Os homens e mulheres que foram trazidos na condição de escravizados, não trouxeram apenas seus corpos para cá. “Mais importante ainda foi a bagagem que trouxeram consigo, e era toda a que lhes cabia na alma, compreendendo religião, tradições, valores, saberes e comportamentos.” (FIGUEIREDO, 2009, p. 9). Melo e Braga corroboram dizendo que “não carregavam nada consigo, apenas as lembranças de uma terra que nunca mais veriam e a memória de seus familiares deixados para trás.” (2010, p. 54).

A historiografia oficial, carregou consigo uma narrativa que fazia dos negros diaspóricos sujeitos sem história e sem passado desde o momento de sua chegada no Brasil. Durante muito tempo a historiografia negou ao continente Africano a possibilidade de ter uma história própria sem a existência do protagonismo europeu e sua escrita. Nesse sentido Kizerbo (2010) na introdução do primeiro volume e da Coleção sobre a História África diz que,

---

<sup>6</sup> O termo Pan-africanismo designa correntes muito diversas de pensamento, a partir do movimento que teve origem no sul dos Estados Unidos e nas Antilhas britânicas, até o movimento mais essencialmente africano que se desenvolveu no continente, ocorreu uma evolução na forma de pensar agir do Pan-africanismo, porém, tal evolução não exclui à consciência pan-africana certa unidade de pensamento, ou seja, o africanismo. Nas formulações deste autor, o Pan-africanismo surge a partir de um conjunto de ideias e de múltiplos autores, hoje anônimos e imensuráveis. (Decraene,1962, apud PAULA, de Xavier Benjamin ,2013, p.15

Com efeito, a história da África, como a de toda a humanidade, é a história de uma tomada de consciência. Nesse sentido, a história da África deve ser reescrita [...] esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de pro cônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto presente quanto o futuro. (KIZERBO, 2010, p.32).

A visão sobre a história da África que Joseph Kizerbo combate na citação acima, é justamente a que foi criada e reafirmada durante muito tempo de colonização e décadas de domínio europeu sobre os territórios africanos. Visão essa, que negou aos povos africanos o seu direito de ter e fazer história a partir de suas próprias experiências e suas tradições culturais. A visão eurocêntrica e racista sobre o protagonismo negro é profundamente enraizada em estereótipos, preconceitos e desigualdades. Historicamente, o eurocentrismo tem sido dominante em muitas narrativas, instituições e estruturas de poder ao redor do mundo, o que resultou na marginalização e subestimação das contribuições e experiências das pessoas negras.

Essa visão eurocêntrica retrata as pessoas negras como inferiores, perigosas ou até mesmo primitivas, enquanto exalta a cultura, a história e as conquistas das sociedades europeias e ocidentais. Isso se manifesta de diversas formas, como na representação de pessoas negras em filmes e mídias, sempre como vilões, ou ainda, como ocupantes dos sub-lugares da sociedade, na marginalização de suas vozes e perspectivas na academia e na história oficial, bem como na perpetuação de estereótipos que desumanizam, inferioriza e limitam as oportunidades para as comunidades negras. Além disso, o eurocentrismo muitas vezes nega ou minimiza a história de opressão, exploração e colonialismo que tem impactado profundamente as comunidades negras ao redor do mundo. Isso resulta em uma falta de reconhecimento e valorização do protagonismo negro em áreas como a política, a arte, a ciência, a economia e muitos outros aspectos da sociedade.

Essa visão racista e eurocêntrica precisa ser desafiada e superada através da promoção da diversidade, da inclusão e do reconhecimento do valor igual de todas as culturas e perspectivas. Isso requer um esforço contínuo para desaprender

preconceitos, ampliar as vozes e representações das pessoas negras e reconstruir narrativas que reflitam com precisão a complexidade e a diversidade da experiência humana.

Em sua obra *“Memórias de plantação”* a intelectual negra Grada Kilomba, se utiliza de relatos de experiências a partir de testemunhos de mulheres negras, numa escrita que emerge de um ato político. Desde a ocupação de espaços de poder até mesmo a um simples direito de fala, a autora nos apresenta uma análise sobre a persistência do racismo ao longo do tempo como um projeto enraizado nas estruturas do colonialismo, evidenciando suas diversas formas de manifestação nos eventos comuns do cotidiano principalmente nas experiências de vida da mulher negra. Para ela o racismo e sexismo são opressões interconectadas sofridas por mulheres negras resultando no *Racismo Genderizado*.<sup>7</sup>

“Pode-se argumentar que, como processos, o racismo e o sexismo são semelhantes, pois ambos constroem ideologicamente o senso comum através da referência às diferenças ‘naturais’ e ‘biológicas’” (KILOMBA, 2019, p. 100)

Esse discurso também se fortalece e se alimenta da longa história do tráfico negreiro, que na tentativa de justificar suas práticas infames, relegava ao escravizado africano o lugar de ser humano. De tal modo, para entender as heranças diaspóricas africanas, se faz extremamente necessária a compreensão de que *“a África tem história”*<sup>8</sup>, e essa não pode ser contada unicamente pela perspectiva do vil colonizador para não incorrermos *“no perigo da história única”*<sup>9</sup>

Homens e mulheres de vários lugares do continente africano precisaram (re)construir novas formas de viver a vida em terras além-mar. Partindo desse pressuposto, se faz importante considerar, que o “movimento” diaspórico africano

---

<sup>7</sup> O termo racismo *Genderizado*, proposto pela psicóloga e artista Grada Kilomba (2019a), vem da sua análise em relação ao duplo fardo das mulheres negras, quando este advém de aspectos do racismo e também do sexismo. A discussão sobre quem vem primeiro raça ou gênero analiticamente não comporta em dicotomia, mas sim uma unicidade, pois, ao compreender que “o racismo interage com outras ideologias” (KILOMBA, 2019a, p. 99)

<sup>8</sup> Com essa frase, o grande historiador Joseph Ki-Zerbo, nascido em Burkina Fasso, abriu sua introdução à coleção História Geral da África, editada pela UNESCO a partir de trabalhos discutidos em seminários na década de 1960, e escritos ao longo das décadas de 1970 e 1980.

<sup>9</sup> Esse termo foi cunhado pela ativista e escritora nigeriana Chimamanda Ngozi, a frase é o título do livro que foi uma adaptação da primeira palestra dada pela autora no Ted TALK em 2009. Na obra a autora nigeriana denuncia a construção de uma história única sobre a identidade africana, por parte dos ocidentais brancos, apresenta os conflitos culturais, as questões raciais, identitárias.

possibilitou um mundo de novas sociabilidades e trocas que se construiu a partir das experiências e vivências de um novo local, de um novo existir, o que inaugura uma identidade transformada que é “construída no contato com o outro, na negociação, na troca e no conflito no diálogo” (GOMES,2014,p.3).

## **1.2 Uma identidade afro-brasileira em construção.**

Historicamente, de todos os países da América, o solo brasileiro foi o que mais “recebeu” africanos escravizados. As estimativas alcançadas pela nova historiografia “que se ocupa da complexa trama que envolve o tráfico de africanos e africanas na era moderna” (Patrocínio, Pereira 2022), nos dão conta de que mais de 12 milhões de pessoas embarcaram forçadamente para a travessia do Atlântico durante o período de quatro séculos, e o Brasil foi o país da América que mais traficou homens e mulheres da África. Segundo Gomes (2019) foram cerca de “12.521.337 de seres humanos embarcaram para a travessia do Atlântico em cerca de 36 mil viagens de navios negreiros, entre 1500 e 1867” (GOMES, 2019, p.184).

Sobre essas e outras considerações acerca da diáspora e das raízes africanas no Brasil, no ano de 2021, uma *live* transmitida pelo canal UOL recebeu várias personalidades acadêmicas da área de cultura afro, que foram convidadas para discutirem sobre a herança africana no Brasil. Na ocasião ao ser questionada pela mediadora do evento (Zezé Mota - atriz global), a doutora em história e especialista em filosofia Mariléa Almeida (palestrante convidada), foi enfática em afirmar que “não existe Brasil sem África”. Segundo ela, um dos maiores problemas do racismo no Brasil, reside justamente no fato da negação da cultura africana e sua ancestralidade. A África, incorporada em nossos corpos e memórias, se expressa em nossas linguagens, na forma como nos reunimos e em nossas práticas religiosas. Como é possível imaginar e defender que diante dessa grande quantidade de pessoas vindas de África, com suas bagagens ancestral de tradições diversas, o Brasil não seria afetado, influenciado culturalmente em sua base cultural?

Em toda a cultura brasileira é possível identificar “ecos de África” que ainda reverberam em vários elementos do cotidiano e em diversas práticas dos fazeres da população brasileira contemporânea, inclusive práticas capilares.

Vários estudos evocaram uma nova historiografia sobre a diáspora e o papel fundamental dos africanos no processo (trans)formador de hábitos e culturas em território brasileiro, uma vez que se entende que “essas pessoas foram trazidas como escravos, mas também como civilizadores de um continente” (COÊLHO,2016, p.31). Esta nova historiografia move os sujeitos de lugar e confere aos negros e negras o papel de heróis e protagonistas, longe da vitimização e da secundarização em que estão acostumados a serem colocados na História. Ela produz também uma nova narrativa sobre a construção da nação brasileira atribuindo aos escravizados um papel fundamental e central como figuras relevantes no processo de civilização do país. Conforme disse Tom Farias professor de literatura brasileira, dramaturgo e roteirista, que na ocasião também participou da live supracitada na condição de convidado,

Olhamos os livros didáticos no Brasil e só vemos o negro escravizado, no navio negreiro, apanhando. E a palavra negro com uma carga de negatividade. Mas esquecemos de dizer que no navio negreiro vieram médicos, professores, arquitetos, filósofos, psicólogos, pensadores que transformaram esse Brasil no que ele é hoje (FARIAS,2023)

Após centenas de anos de escravidão e de trânsito cultural, pensar que a cultura africana atravessou para cá, e desconsiderar toda a contribuição que esta legou ao Brasil, é no mínimo leviano do ponto de vista histórico-cultural. Os negros e negras que foram sequestrados para o Brasil, vieram com um aporte cultural que lhes era próprio, próprio de suas experiências, vivências e expressões culturais. Foram homens e mulheres portadores de uma cultura material e imaterial, e de uma tradição ancestral milenar nos seus modos de viver, e que também, possuíam conhecimentos nas mais diversas áreas do conhecimento, desde tecnologias, conhecimentos filosóficos e da medicina.

A partir dessas mesmas perspectivas é que se entende as práticas capilares de produção de penteados afro (as tranças), como herança ancestral que foi transmitida por nossos parentes africanos e que na contemporaneidade érememorado e re-vivido. É a “África corporificada nos nossos corpos e nas nossas memórias, que se expressa nas nossas linguagens” (ALMEIDA,2021).

Os modos de fazer e tecer os cabelos e as vivências das mulheres trançadeiras, ou trancistas, se configuram insumo desta pesquisa, e nos permite uma análise, de como a ancestralidade africana do trato capilar ainda resiste e se fortalece nas práticas

contemporâneas de produção de penteados para mulheres negras. “O cabelo faz parte do perfil estético que compreende a identidade negra” (CLEMENTE,2010, p.06).

A identidade (re)formada pela ocasião do trânsito transatlântico de escravizados, pressupõe resistências que ainda ecoam atualmente e são vistas por meio de elementos da estética do/no corpo negro, no caso da presente pesquisa, privilegia em sua análise os penteados afro como herança ancestral africana em seu penteado mais tradicional: as tranças.

As discussões que envolvem corpo e cabelo, nos aproxima das discussões sobre identidade de maneira inevitável. As tranças afro, existem e resistem como um artefato ancestral, diaspórico de afirmação e ressignificação dessa identidade. Em seus estudos sobre identidade e mediações culturais, Stuart Hall (2023) afirma que a ligação que o passado faz com o presente e projeta um possível futuro é mantida pela tradição do lugar de origem daqueles que foram “diasporizados”.

Possuir uma identidade cultural nesse sentido e estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical e o que chamamos de "tradição", cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua "autenticidade". E, claro, um mito — com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história (HALL,2023, p.29)

A ideia de Hall sobre a transição do "ser" para o "tornar-se" é fascinante para compreender a noção de identidade. A cultura, em sua essência, é um conjunto de significados e significantes que, partindo das tradições, expande-se para uma nova maneira de perceber, de se posicionar e de se desenvolver, de forma mais abrangente, em um processo de transformação no qual novos conceitos e direções nos conduzem a entender o surgimento de novos sujeitos. Este processo de transformação nos permite examinar os caminhos que percorremos em relação às nossas tradições e determinar se esses caminhos estão sendo influenciados por intervenções diversas no cotidiano, pois "fazer" implica reconstruir-se.

[...] a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um

conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz e nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL,2023, p.43)

A identidade é um conceito complexo que engloba várias dimensões as quais destacamos: a cultural, de gênero e dimensões étnicas. Por esse motivo, a construção identitária envolve um processo contínuo e dinâmico que não se encerra no tempo, e requer internalização das características sociais e pessoais. A visão que esta pesquisa aborda sobre a concepção identitária está em consonância com a posição da fala de Gomes (2008), quando esta diz que é “um processo que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também com a relação do olhar do outro, do que está de fora” (GOMES,p.9).

Por ter sido o país que mais traficou negros, das mais variadas regiões da África, o Brasil acabou se tornando um “celeiro” de tradição desses vários povos. Até os dias atuais, há marcas dessa diversidade, onde podemos perceber a forte influência da cultura africana no processo de formação e consolidação identitária e cultural do Brasil. Isso é percebido em vários elementos que hoje compõem a tradição cultural brasileira, como por exemplo na culinária ou na incorporação de palavras oriundas da matriz linguística africana.

A partir da experiência de um novo local, surge um universo de novas trocas e sociabilidades. Com acesso a novas tecnologias, ideias e crenças, os africanos escravizados foram inseridos inevitavelmente em novos processos de redefinição identitária construindo novas formas de viver e existir, forma-se um novo olhar construído sobre o estar neste “novo mundo”.

Somos, então, sujeitos de muitas identidades e essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes, parecendo-nos, depois, descartáveis elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos, desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Por isso as identidades sociais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural. (LOURO 1999 apud GOMES, 2005, p. 43)

Assim, o deslocamento forçado em razão do contexto diaspórico, não é sinônimo apenas de mudança de local, mas também de redefinição de identidade, e isso ocorre também na tradição do trato capilar.

Levar as tranças na cabeça, confere ao sujeito negro a possibilidade de viajar no tempo, a um passado onde éramos reis, rainhas, príncipes e princesas. Nossas tranças e tramas estão carregadas de significados, e nos faz recordar que a nossa história não começou com as cordas do “tronco”, nem com as chibatadas do algoz, nossa história não começa com a dor da escravidão. Tínhamos passado, linhagem nobre e cultura ancestral, e as tranças nos reconecta com esse passado antigo e não nos permite esquecer que o corpo negro a despeito de todo estigma e depreciação, é identidade, tal qual o nosso cabelo também o é.

Na obra *Cabelos bons e ruins* (1997), Bill Gaskins afirma que “trançar é uma recordação ancestral”, a prática funciona assim como uma ponte que ata passados e corporifica memórias antigas trazendo-os ao presente para a partir daí ter um futuro com possibilidades de ressignificação de uma identidade que no passado nos foi sequestrada. Assim, as tranças atuam como um certo elo, que estabelece conexões atemporais capaz de ligar pessoas que estão separadas por gerações, mas que têm suas histórias cruzadas por meio de um processo intuitivo e explicável: o ato de trançar que é uma verdadeira “tecnologia do passado” (GASKINS, 1997).

## 2 A MULHER NEGRA E A RAZÃO SOBRE SEU CORPO: O CORPO E O CABELO COMO ESPAÇOS DE VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS.

Ser negro não é uma condição dada a priori.

No Brasil, ser negro é tornar-se negro.

(SOUSA, 1983, p. 101)

Nos últimos anos, inúmeros pesquisadores que se debruçaram em investigação e estudos sobre o tema da escravização de africanos, se empenharam na análise de como esses corpos eram tratados desde o momento em que eram capturados nos diferentes países do continente africano, até a sua chegada em solo brasileiro (e alguns que tinham como destino as colônias americanas). Pesquisas nos campos dos estudos culturais e pós-coloniais sobre a diáspora africana, nos fornecem um olhar de como os colonizadores lhes davam “tratos de polé<sup>10</sup>” e a que tipo tratamento os escravizados eram submetidos.

Além de enfrentarem alimentação e vestuário inadequados, pouca ou nenhuma assistência em casos de doenças, partos e pós-partos, muitas das mulheres escravizadas, ainda tinham que trabalhar arduamente nas fazendas e nas casas-grandes. Seus corpos eram frequentemente violentados, não apenas pelos açoites do chicote, mas também por ações sexuais de homens que acreditavam ter esse direito. Ângela Davis (2016) em seu estudo interseccional sobre mulheres, classe e raça, destaca a brutalidade do sistema escravista e como as vítimas enfrentavam abusos em seus corpos desde o momento da captura na África até a chegada às Américas, e principalmente em sua abordagem, ela discute como o corpo da mulher era muito mais objetificado, destruído e castigado de várias formas.

[...]os homens brancos, por sua posição econômica, tinham acesso ilimitado ao corpo das mulheres negras. Era enquanto opressores – ou, no caso dos

---

<sup>10</sup> Passar ou sofrer tratos de polé é uma expressão popular com o sentido de ser vítima de maus tratos, torturas, tormentos. Quer dizer suplício, tortura, maus tratos. A expressão originou-se na Idade Média, e generalizou-se no após a vinda da Inquisição.

que não possuíam escravos, enquanto agentes de dominação – que os homens brancos se aproximavam do corpo delas. (DAVIS,2016, p.39)

Diante de uma série de mediações e elementos que distinguem uma cultura de outra, Gomes (2003) afirma que, o corpo e o cabelo são tidos como “classificadores” raciais bastante expressivos. E em uma sociedade capitalista, “o corpo é uma expressão de desigualdades de classe, gênero e raça” (Gomes,2003). Os corpos negros sempre foram alvo da ira e violação por parte dos invasores europeus e isso é visto amplamente desde o processo de escravização. Ela ainda afirma que o corpo se constitui um espaço de disputa, que se localiza em um terreno social e subjetivo de conflitos simbólicos. Entendemos assim, que ele não apenas reflete, mas também resiste e reformula as normas e valores impostos pela sociedade. Através de práticas culturais, políticas e pessoais, o corpo torna-se um campo de batalha onde identidades são afirmadas, estereótipos são desafiados e novas formas de subjetividade são continuamente negociadas e reconstruídas.

O corpo localiza-se em um terreno social e subjetivamente conflitivo. Ao longo da história, ele se tornou emblema étnico, e sua manipulação tornou-se característica cultural marcante para diferentes povos. Ele é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. (GOMES,2019, p.251).

Grada Kilomba, em uma de suas análises incisivas sobre raça, gênero e o legado do colonialismo (racismo), levanta questões centrais e problemáticas sobre o corpo da mulher negra, por meio de relatos de suas experiências cotidianas.

Ela destaca que o corpo da mulher negra tem sido historicamente um território de violência, marcado pela colonização e pela escravidão. Argumenta ainda que a colonização não foi apenas um empreendimento econômico, mas também um processo de brutalização dos corpos negros. Segundo ela, "O corpo negro feminino foi transformado em um corpo disponível para o trabalho forçado e a exploração sexual" (Kilomba, 2019, p.87). Essa percepção é crucial para compreender as múltiplas camadas de violência que afetam as mulheres negras. O corpo delas não é apenas um alvo de violência física, mas também simbólica e psicológica, perpetuando estigmas e desumanizações. Em "Memórias da Plantação", Kilomba descreve como a memória coletiva da violência escravocrata ainda permeia a vida das mulheres

negras, impactando sua percepção de si mesmas sobre os seus cabelos e suas relações sociais.

Apesar de todo esse infortúnio e adversidades, ao longo do tempo em que viveram aqui na condição de escravizados, os africanos se empenharam em perpetuar seus costumes e na preservação de suas memórias. E é nesse sentido, que se insere as questões concernentes a manipulação e usos do cabelo.

O cabelo está diretamente associado a um costume étnico. Entre as mulheres negras escravizadas, das inúmeras expressões típicas de preservação da identidade performada na tradição, o manuseio dos cabelos pelo ato de trançar, está entre a prática ancestral mais utilizada.

Segundo Raul Lody (2004), os conceitos associados ao cabelo são vastos e diferem entre culturas, períodos históricos e indivíduos. A cabeça, simbolizando tudo o que ela representa, serve como uma ponte entre o mundo moderno e o ancestral, conectando as pessoas aos mitos que foram gerados e identificando grupos étnicos e sociedades. No Brasil, durante o período escravocrata, o cabelo de homens e mulheres negras eram alvos de ataques e violação dos donos (as) de engenho, muitas vezes sendo imprimidos a eles as mais cruéis e variadas formas de castigo e torturas.

Em sua obra *“Sem perder a raiz”*, a pesquisadora Gomes (2017), vai dizer, que assim que os negros eram trazidos para o Brasil, eles tinham suas cabeças raspadas, mesmo antes de pisarem em solo “brasileiro”. Esse ato correspondia para os negros em uma real mutilação do ser,

No regime escravista, a “lida” do escravo implicava trabalhos forçados no eito, na casa-grande, na mineração. Implicava também, a violência e os açoites impingidos sobre o corpo negro. Entre as muitas formas de violência impostas ao escravo e à escrava estava a raspagem do cabelo. Para o africano escravizado esse ato tinha significado singular. Ele correspondia a mutilação, uma vez que o cabelo, para muitas etnias africanas era considerado uma marca de identidade e dignidade (GOMES, 2017, p. 21-22)

Conforme ela ainda aponta, nos primórdios do século XV, o cabelo desempenhava o papel de um veículo para comunicação em grande parte das sociedades africanas ocidentais. Nessas culturas, o cabelo era integrante de um elaborado sistema de linguagem.

Desde o surgimento da civilização africana, o estilo do cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas. Em algumas culturas, o sobrenome de uma pessoa poderia ser descoberto simplesmente pelo exame do cabelo, uma vez que cada clã tinha o seu próprio e único estilo (GOMES, 2006, p. 350)

A socióloga Anita Pequeno Soares em sua pesquisa sobre relações entre cabelo e negritude, descreve que muitas vezes as sinhás praticavam a raspagem de cabelo nas suas escravas como forma de infligir tortura as mulheres negras. Ela ainda explica que:

"Há relatos de que a raspagem do cabelo era parte importante desse processo de subjugar a população negra, principalmente homens, o que acarretava sérios problemas, porque o cabelo protege o couro cabeludo num trabalho sob sol escaldante. As sinhás, com ciúmes de mulheres violentadas pelos homens brancos, também usavam a raspagem como prática de tortura" (SOARES,2018, p.24)

Diz ainda que,

Essa raspagem buscava minar qualquer sentimento de pertencimento étnico que pudessem carregar a partir da relação com o cabelo. É possível afirmar, também, que houve um processo de seleção eugênica e estética no momento de aquisição dos escravos. (SOARES,2018, p.24)

Em um contexto em que o cabelo possuía uma importância cultural e identitária, raspar os cabelos dos negros pelo branco europeu colonizador, já se configura como uma premissa de demonstração de poder, onde o intuito era abalar psicologicamente os negros que agora transitavam entre dois lugares: o da liberdade e o da escravidão. Tal ato, pretendia demonstrar aos escravizados que a partir daquele momento ele estava destituído de sua humanidade e liberdade, não possuindo mais controle sobre seus corpos.

Para além de todas as indicações sócio identitárias percebidas pelo uso das tranças, alguns pesquisadores ainda afirmam que para as mulheres, as tranças também serviam puramente do ponto de vista da aplicabilidade e praticidade.

Vale ressaltar que, além dos profundos significados e mensagens transmitidos por cada penteado, há teorias sobre a funcionalidade das tranças. Alguns pesquisadores acreditam que os fios trançados são uma forma encontrada pelos povos africanos para conservar a umidade da cabeça em meio a um clima extremamente árido. (SOUSA,2023)

As formas de uso do cabelo é um fator identitário. A formação da identidade negra no Brasil se configurou um processo contínuo e multifacetado de afirmação e resistências, influenciado por fatores individuais e coletivos. De acordo com Gomes (2002), para compreender o processo de tornar-se negro no Brasil em meio à discriminação, é fundamental considerar como essa identidade é construída no âmbito simbólico. Ela afirma que,

O cabelo do negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. É um conflito coletivo do qual todos participamos. Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros o que difere é que a esse segmento étnico/racial foi relegado estar no polo daquele que sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no polo dominante. Essa separação rígida não é aceita passivamente pelos negros. Por isso, práticas políticas são construídas, práticas culturais são reinventadas. O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. (GOMES,2002, p.03)

Essa identidade construída no plano simbólico reverbera na realidade do cotidiano da vida de homens e mulheres, de maneira que pensar o “ser negro” no Brasil é considerar todos esses tensionamentos que lançam as bases que estabelecem o que se entende como padrão de beleza corporal no Brasil e que dobra a curva entre o padrão ideal e o real. “No Brasil o padrão de beleza ideal é branco, mas o real é mestiço” (GOMES,2002, p.03).

Ao discutir a manutenção e fortalecimento identitário por meio das preservações da cultura, Lélia Gonzalez abordou diversas questões relacionadas à identidade negra, cultura e resistência. Enfatizou a importância das expressões

culturais africanas e afro-brasileiras como elementos fundamentais da identidade negra e como formas de resistência ao racismo e à opressão (Gonzalez,1988). Ela reconheceu que as práticas culturais, como o uso de trança por exemplo, representam uma conexão vital com as raízes africanas e uma afirmação de identidade dentro da diáspora negra.

Stuart Hall em seus estudos sobre identidade, argumenta que estas são fluidas e mutáveis, e podem ser redefinidas e contestadas ao longo do tempo (Hall,2000). Para ele, a identidade é construída e negociada através de processos culturais e sociais, onde as mediações culturais influenciam nossas percepções de nós mesmos e dos outros. Ela é entendida como um produto de uma trajetória sociocultural que foi construída historicamente sobre a égide da discriminação racial e de uma lógica europeia hegemônica.

Mesmo diante do fim da escravidão, a opressão e a demonização dos corpos negros perduram até hoje. A ditadura do embranquecimento, que se refere ao processo sistemático de valorização da branquitude e supressão das características e culturas não brancas, é o lugar onde a nação brasileira foi preparada. Essa ditadura ainda segue determinando os rumos de várias dimensões sociais. Ela se mostrou eficaz em seu objetivo, uma vez que até os dias atuais ainda podemos ver os respingos do que ela construiu no ideário da população brasileira, pois, mesmo diante de centenas de anos do fim da escravidão, as formas de expressão do corpo, continuam enraizadas na lógica do ideal branco.

Essa constatação se dá pelo fato de ainda termos muitas mulheres negras que optam pelo alisamento de seus cabelos. Hooks (2005) vai dizer, que apesar das diversas mudanças no cenário político racial, o que leva algumas mulheres a assumirem seus cabelos naturais e a valorizarem os estilos de penteados afros, tais como as tranças, “as mulheres negras ainda continuam obcecadas por seus cabelos” e o alisamento não deixou de ser uma opção para elas. Depois de séculos de supremacia branca, o assunto cabelo ainda é um tema onde as mulheres negras se sentem inseguras em relação ao seu valor.

Não íamos ao salão de beleza. Minha mãe arrumava os nossos cabelos. Seis filhas: não havia a possibilidade de pagar cabeleireira. Naqueles dias, esse processo de alisar o cabelo das mulheres negras com pente quente (inventado por Madame C. J. Waler) não estava associado na minha mente ao esforço de parecermos brancas, de colocar em prática os padrões de beleza estabelecidos pela supremacia branca. Estava associado somente ao

rito de iniciação de minha condição de mulher. Chegar a esse ponto de poder alisar o cabelo era deixar de ser percebida como menina (a qual o cabelo podia estar lindamente penteado e trançado) para ser quase uma mulher. Esse momento de transição era o que eu e minhas irmãs ansiávamos (HOOKS,2015, p.01)

O desejo de algumas mulheres negras em manter o cabelo alisados, não se dá apenas em um plano de estética, mas sim no campo simbólico. Hooks (2015) enfatiza que “para cada uma de nós, passar o pente quente<sup>11</sup> é um ritual importante. Não é um símbolo de nosso anseio em tornar-nos brancas. Não existem brancos no nosso mundo íntimo. É um símbolo de nosso desejo de sermos mulheres.” Algo importante a se ressaltar é que essas impressões já tomavam o ideário de Hooks, quando ela ainda estava na infância. Ainda quando criança ela desejava alisar os cabelos, para se sentir aceita, para se sentir mulher.

Essa mesma experiência foi vivida e descrita pela profissional trançista e usuária de trança Julia Braga Oliveira, ao ser questionada sobre “como era sua relação com o seu cabelo na infância” a mesma relatou,

[...] minha mãe sempre alisou meu cabelo porque era o cabelo cacheado que dava trabalho não sabia cuidar. Mas cabelo liso, né? com química ela sempre cuidou e eu sempre gostei muito do meu cabelo liso e sempre odiei os cachos. Aí eu sempre usava química, e aí um belo dia ou processo da química não deu certo. E aí o meu cabelo começou a cair e ficar fraco. Começou a cair ficar fraco, né? Eu tive que parar literalmente de usar a química. (OLIVEIRA, entrevista, 20/07/2023)

As barreiras raciais impulsionam o branqueamento e faz com que muitas mulheres negras se rendam a ditadura ideológica branca. O racismo cotidiano afeta a percepção do corpo negro, onde cabelo da mulher negra é visto como algo que “precisa ser domado, controlado” (Hooks,2005, p.4) e transformado para se encaixar nos padrões de beleza brancos. Esse estigma não apenas desvaloriza a aparência natural das mulheres negras, mas também as submete a práticas dolorosas e prejudiciais de alisamento e modificação do cabelo.

---

<sup>11</sup> Objeto de metal e madeira, de formato curvo, na parte superior  $\frac{1}{4}$  e formado de metal liso e a outra parte formada por dentes metálicos. O meio é o canal intermediário entre a parte superior e inferior. É formado por um metal cilíndrico liso, na parte inferior do “meio” há um metal circular encaixado na base, é liso e circular. O pente-quente era usado para alisar o cabelo. A parte de metal do pente-quente era colocada em contato com a chama da boca do fogão para esquentar, depois a parte aquecida era passada nas mechas do cabelo para que elas ficassem esticadas. Era comum o uso de vaselina no cabelo como protetor térmico antes de passar o pente-quente e também passá-lo em um tecido antes de encostar nas mechas para diminuir sua temperatura. Retirado de <https://arquivomuseudamare.org/acervo-museologico>

O uso das tranças confere a esse corpo a busca pela identidade e ancestralidade negada e sequestrada nos processos de apagamento social. Apropriar-se desse penteado como meio de embelezamento do corpo negro, é aderir a uma postura de insubordinação quebrando assim todos os padrões impostos e criados sobre o cabelo negro. “Reivindicar o cabelo natural é um ato político, é uma maneira de resistir às normas opressivas e de afirmar nossa identidade” (KILOMBA,2016).

## 2.1 Tipos de tranças e seu lugar de origem

Uma vez que cada sociedade africana traz consigo a peculiaridade do uso do cabelo na identificação de suas características culturais, se faz importante pensarmos quais tipos de tranças e entrelaçamentos cada civilização africana assumia. A utilização das técnicas de trançar os cabelos, como vimos aqui, remonta não apenas a um elemento estético, mas sim a um código de identificação racial.

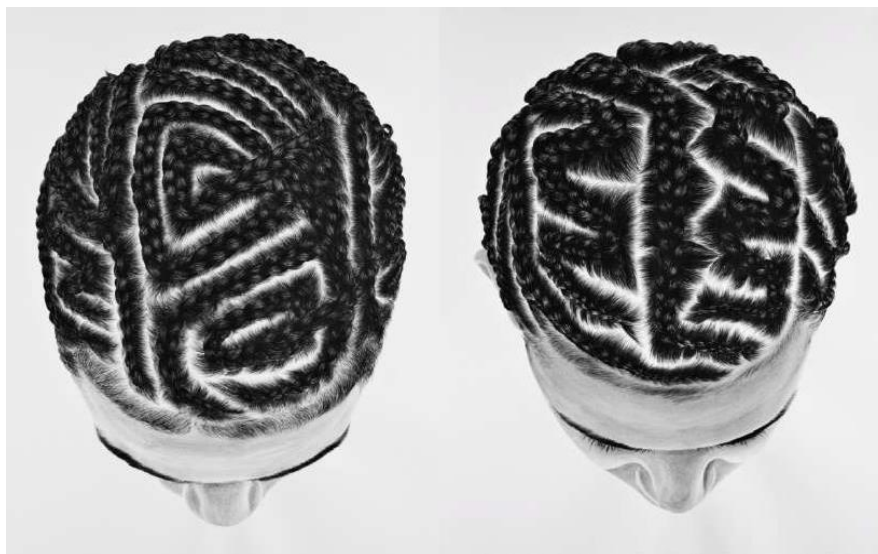
Um estudo realizado pela Revista SEBRAE no ano de 2022, que entrevistou várias profissionais do ramo da beleza negra com especialização em tranças de origem afro, mostrou que a maioria dos usuários de tranças, de acordo com o relato das trancistas, preferem optar pelas tranças nagô. Esse mesmo fato pôde ser constatado também, por meio das falas das trancistas que forneceram suas narrativas para essa pesquisa. As tranças nagôs, foi a que mais resistiu o período de dominação europeia. Em entrevista a uma revista eletrônica de moda *Jornalismo Lab* a historiadora Marisa Souza diz que,

A invasão do território africano destruiu muitas coisas e disseminou vidas em grandes escalas e as tranças que antes já detinham um significado de identidade, com os conflitos, tornaram-se ainda mais significativas, de modo que 'conseguiram sobreviver', pois era um meio de comunicação e representação do seu lugar de origem. (SOUZA,2021)

Em África, os usos e modelos das tranças variavam de acordo com a região e o código que se queria comunicar. As tranças nagôs, angolanas, fulas, termos étnicos para alguns tipos de tranças, “representavam identidades criadas pelo tráfico de escravos, e cada termo continha uma multiplicidade de tribos escravizadas de cada

região” (Henrik,2021). Falar de tranças em geral é sempre destacar o papel comunicador que elas desempenharam na transmissão de mensagens. Ainda segundo Henrik<sup>12</sup> (2021) “os cabelos era parte integrante de um complexo sistema de linguagem” onde por meio deles os “negros escravizados além de conseguirem fazer identificações étnicas, e em alguns países da América Latina em que a escravidão também ocorreu, os escravizados conseguiam mapear na cabeça, rotas de fugas para os quilombos através das tranças” como nos apresenta Lina Maria Vargas em “A poética do penteado afro colombiano” (2003). Neste sentido, destaca-se as de tipo e modelo nagô ou rasteiras. Por definição a trança nagô seria um tipo penteado, que era comumente utilizado por nagôs (ou anagôs), a designação dada aos negros escravizados e vendidos na antiga Costa dos Escravos (áreas costeiras dos atuais Togo, Benim e Nigéria, na África Ocidental) entre os séculos XV e XIX, e que falavam o iorubá.

Figuras: 1 e 2



Fonte: artigo CPCidi 2023

Nas figuras 1 e 2, podemos visualizar alguns modelos de desenhos de tranças do tipo nagô, mostrando a diversidade e complexidade dos entrelaçamentos. As

---

<sup>12</sup> Juliana Henrik é produtora de moda, repórter, produtora cultural e colunista do site Las Pretas. No artigo “Tranças africanas: eis a história!” é muito informativo acerca das tranças nagô, em que se lê: “A Trança Africana, especificamente a nagô, é bastante antiga na África. Penteados com tranças abrangem um amplo terreno social: religião, parentesco, estado, idade, etnia e outros atributos”. Disponível em <https://vozdascomunidades.com.br>.

fotografias das figuras acima, fazem parte do trabalho *The Dreamtime* da artista visual e professora, So Yoon Lym, inspirados na origem e significado das tranças africanas. Cada padrão de desenho trançado se assemelha a “um mapa topográfico com vales, sulcos agrícolas, montanhas, entre outras superfícies geográficas, que podem conectar as interculturalidades entre o continente Africano e a diáspora afro-brasileira” (Silva,2023).

Nas figuras 3 e 4 a seguir, temos o mesmo estilo de trança onde as tramas do trançado nos reporta ao lugar de onde as mesmas vieram. Esse estilo de trança ainda segue “fazendo a cabeça” nos espaços onde as tranças são tecidas. Embora não possuam hoje a mesma conotação e funcionalidade que na época da escravidão, esse estilo de tranças ainda impressionam com por sua beleza de detalhes e a maestria ancestral de quem as tecem. A trança nagô, com suas raízes profundas na ancestralidade, mantém-se como uma expressão de beleza e identidade até os dias atuais, sendo buscada e apreciada por muitas pessoas como um meio de embelezamento.

Figuras 3 e 4: tranças estilo nagô (masculina)



Fonte: arquivo perfil profissional entrevistada Juliana Braga disponível em: (@studio\_juhbraga)

Nas figuras 5 e 6, a seguir vemos mais dois modelos de tranças nagôs em uma outra modalidade, diferente da “tradicional” é que se chama de trança nagô inversa,

onde o início do caminho da trança é feito de baixo para cima. Esse tipo de trança que esteve presente no cotidiano das mulheres africanas do passado, também caiu no gosto das mulheres negras usuárias de trança. Segundo informação dada pelas trancistas em entrevista, esse modelo e tipo de trança são ainda as que as mulheres (e a maioria dos homens) de Eunápolis mais procuram.

Ao ser interpelada sobre o tipo de trança que as mulheres mais recorriam em seus processos de embelezamento, a trancista informou,

Ah! Hoje a que eu mais faço sem dúvida é o nagô, né? Que trança raiz. Mas também faço muita trança Gana, Box Braids né, trança com cacho, o rasta, que muita, muita chamam, né, que é o rasta. Mas, em maior parte, hoje em dia é a Nagô. (OLIVEIRA, entrevista, 04/08/2023)

Ela ainda acredita que essa preferência se dá por inúmeros fatores que podem influenciar na escolha, desde valor das tranças (que no caso da nagô apenas é um dos modelos com preço mais baixo) até a praticidade de não ter que “perder tempo penteando cabelo, você já acorda arrumada”,

[...] porque a nagô hoje em dia está sendo tanto pra, pra alguma coisa mais casual, uma festinha. Quanto para um cabelo liso, só para mudar um pouco do, do solto, do visual, faz duas trancinhas do lado e já, já sente melhor, você se sente diferente sem precisar comprometer com química ou outras coisas assim. (OLIVEIRA, entrevista, 04/08/2023)

As trancistas em Eunápolis atendem mulheres de várias camadas e classes sociais, negras ou não, e mesmo dentre as que pertencem às classes sociais mais abastadas, a trança nagô também são escolhidas como forma de embelezamento, conforme afirma a trancista Kaylane Oliveira,

São mulheres da periferia! Você não vê uma... Para chegar a uma pessoa mais “bam bam bam” né, digamos assim, pra poder colocar uma trança, é um simples, simples penteado, uma trancinha, uma nagôzinha, porque tá na moda! (OLIVEIRA, entrevista, 29/07/2023)



Fonte: [página.trancanago.blogspot.com](https://página.trancanago.blogspot.com)<sup>13</sup>

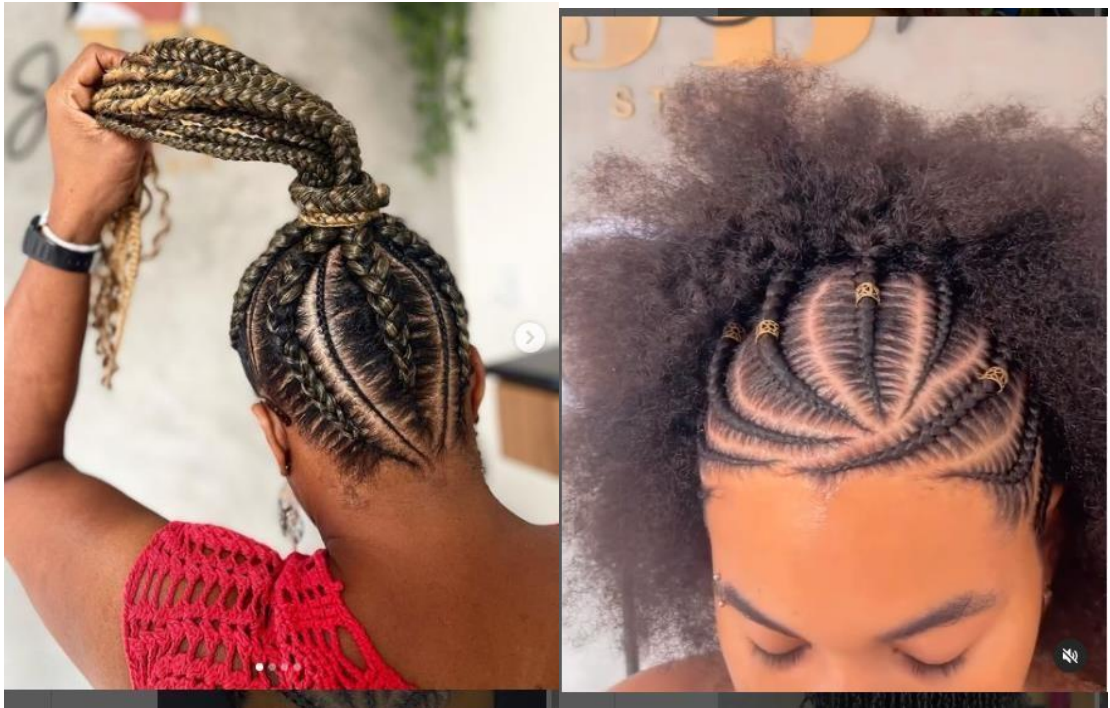
As tranças nagôs invertidas, também fazem parte do sistema de comunicação simbólica. Uma vez que as mulheres escravizadas eram vistas pelo homem branco como “menor ameaça” do que os homens, e costumavam manter o cabelo um pouquinho mais comprido do que os deles (Sousa,2022), essas mulheres traziam em seus cabelos estilos de penteados onde a trança nagô (invertida ou não) era utilizada para comunicar fuga ou ainda usar as tramas das tranças para guardar itens como sementes, grãos, pedras preciosas( nos locais onde havia mineração), elas guardavam em seus cabelos qualquer item que pudesse ajuda-las depois da fuga, conforme nos aponta a pesquisa de mestrado da pedagoga e trancista Layla Maryzandra<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Disponível em <https://trancanago.blogspot.com/p/origem-tranca-nago.html>

<sup>14</sup> A trancista, ativista negra e pedagoga Layla Maryzandra, desenvolve a pesquisa acadêmica e de extensão universitária *Tranças no Mapa*. A discente escolheu o Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (Mespt), da Universidade de Brasília, para realizar seu projeto. O *Tranças no Mapa* também é um projeto de pesquisa cultural, que conta com recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) do Distrito Federal, aprovado na linha Patrimônio Material e Imaterial no edital da Secretaria de Cultura de 2022, para execução em 2023, período da pesquisa de campo, que engloba as oficinas da segunda fase do projeto. Disponível em: <https://noticias.unb.br/117-pesquisa/6528-pesquisa-de-mestrado-mapeia-aspectos-socioculturais-das-trancas-afro>

Figuras 7 e 8: trança nagô invertida e não invertida feminino



Fonte: arquivo perfil profissional entrevistada Juliana Braga disponível em:  
(@studio\_juhbraga)

Se no passado esse estilo de trança tinha a função de comunicar, atualmente elas ainda cumprem esse papel na comunicação da identidade e da resistência. Ainda hoje mulheres negras se utilizam desse penteado para sabotar as ideias suprematistas de beleza branco bem como elevar sua autoestima.

As tranças do estilo box braids, são uma das mais procuradas pelas mulheres em geral quando pensam em trançar suas cabeças. Esse estilo de trança consiste em dividir o cabelo em quadrados e entrelaçá-los até as pontas. Elas surgiram no sul da África pelas mãos das mulheres pertencentes à tribo *Mbalantu* na Namíbia, há cerca de 3 mil anos. O primeiro material a ser usado na produção desse estilo de tranças era a lã



Fonte: arquivo perfil profissional entrevistada Elen (Império Fashion Hair) @imperiofashionhairoficial

Nessas duas figuras 11 e 12 temos dois modelos “modernos” das tranças do tipo box braids. A figura 8 traz uma nova ramificação, uma releitura das tranças box, que são as tranças do tipo *Goodds braids*. Atualmente as tranças do tipo box, trouxe variações não só no seu modelo, mas também, no material que é usado para a produção delas, cuja variedade de cores e texturas conferem a essa trança uma gama de possibilidades de cores e tamanhos.

Existem tranças de outros tipos que variam em definições e modelos como as tranças *crochet braids*, tranças *twist*, Tranças *nagô* com entrelaçamento, *gipsy braids*, *havana twists* e etc. Seja qual for o estilo e o tipo de trança que se pretenda usar, o importante é saber que o uso de tranças carrega consigo uma história de resistência viva e dinâmica, pois é resultado de construções sociais que se modificam, que flui de pessoa para pessoa onde o indivíduo se forma a partir de suas experiências, nos moldes de sua história.

---

<sup>15</sup> Na figura 12 o rosto da modelo foi preservado pelo fato da mesma ser menor de idade e não possuímos autorização de uso de imagem.

## 2.2 O ofício de ser trancista

No Brasil, a década de 1970, que marca a emergência de movimentos sociais dedicados a distintas agendas, caracteriza também um movimento de reconfiguração política dos grupos negros e das discussões sobre papel da cultura enquanto veículo de conscientização e mobilização. Nas últimas décadas, a sociedade brasileira tem passado por inúmeras mudanças no que diz respeito aos padrões estéticos vigentes, que consolidavam a ideia do belo a partir da perspectiva europeia. Segundo um estudo conduzido pelo programa Google *BrandLab*, as buscas por cabelo crespo cresceram 309% nos últimos anos, enquanto buscas por cabelo cacheado chegou a 232%, superando pesquisas sobre cabelo liso. Ao longo dos anos, temos assistido a um movimento de valorização da cultura afro, em específico do principal elemento marcador de identidade no corpo: o cabelo.

Os movimentos de valorização da negritude e estética negra, estão cada dia mais fortalecidos e movimentam toda o sistema de mercado e capital, influenciando assim diretamente as demandas e as ofertas de produtos que atendam em específico as populações negras em sua diversidade capilar. Vivemos um *boom* da demanda por produtos cosméticos que valorizam a beleza natural. Isto leva a indústria da beleza a aumentar a diversidade e oferta de produtos voltados para este público que busca identidade e aceitação.

No que se refere ao fortalecimento político e da sociabilidade negra em torno do consumo de produtos identitários e da manipulação da aparência, portanto, ao longo da década de 1990, os salões de cabelereiros foram amplamente tematizados como espaços alternativos de produção simbólica e de contraposição a representações dominantes sobre a beleza em distintas regiões do país (Santos, 2000; Figueiredo, 2002; Gomes, 2003). Além da dimensão estética dedicada à manipulação dos cabelos, outras facetas do consumo da população negra se revelam a partir de dinâmicas de sociabilidade entre associações e clubes, entre outras coletividades. (SILVA, 2018, P. 11-36)

Além da oferta de produtos para cabelos afros, há o aumento de salões de beleza focados no tratamento desses tipos de cabelos. Coisa que não se via a menos de uma década atrás. Essa nova “tendência” ao uso do cabelo com os traços culturais africanos, muda todo um cenário de estigmatização do uso das tranças por pessoas pretas, uma vez que esses espaços, por meio dos serviços prestados a estética negra,

confere a mulher negra, autonomia, etno-ressignificação identitária e empoderamento pessoal, tanto para quem se utiliza quanto para as trançadeiras que prestam o serviço de ornar “africanamente” as cabeças dos corpos negros.

De acordo com um estudo conduzido em 2014 pela Universidade de Brasília (UNB) em parceria com o Instituto Beleza Natural, foi constatado que 70% da população brasileira possui cabelos crespos ou cacheados. Essa característica é frequentemente associada a estigmas, obstáculos e preconceitos historicamente perpetuados pelo racismo. Isso inclui a zombaria e ridicularização em relação aos traços e características do corpo negro, também a falta de representatividade em meios de comunicação de grande alcance, isto é, as grandes mídias, e a escassez de produtos e serviços voltados para os padrões de beleza dos afro-brasileiros. Diante desse cenário, as tranças e penteados étnicos emergem como instrumentos poderosos no enfrentamento do racismo e no fortalecimento da autoestima da população afrodescendente.

Quando falamos de profissões em geral, cada uma tem a sua regulamentação de fazeres e modos de operar. Para toda atividade e serviço existe um profissional e para toda profissão existe suas diretrizes e padrões de execução e procedimentos profissionais. Mas como pensar essa perspectiva para a função desempenhada pelas trancistas. Qual é a norma legal que regulamenta essa atividade como profissão? O racismo estrutural de nossa sociedade que permeia as relações comerciais também, negou a essas profissionais o direito de serem considerados e tratadas com todas as normas e direitos de qualquer outra profissão. Em 11 de janeiro de 2021, a Câmara Municipal de Uberlândia aprovou a Lei Nº 13.461, que estabelece o "DIA DA PROFISSÃO DE TRANCISTA" como uma homenagem a todos esses profissionais.

A profissional trancista Júlia Silva, relata como a profissão passa por uma série de desvalorização pelo fato de nem ser considerada como uma profissão pela sociedade, ela diz:

[...] A gente, acha cabelereiro, como eu falei. Mas a gente não é qualificada como um cabelereiro. Cabelereiro, prancha, cabelereiro, escova, o cabelereiro da selagem, cabelereiro faz um todo como, como eu falei. Só que nós trancista, temos a profissão de trançar, de mexer com... independente do penteado que nem hoje em dia, existe o crochê braids, que... que é costurar os cachos, que é o interlace, né? Que é costurar a tela... E isso, isso tudo envolve uma trança por baixo, é tudo na base da trança, então trancista é uma profissão, que tem uma diversidade enorme, só que ainda não é considerada uma profissão assim, desses meios de cadastro e tal. (SILVA, entrevista, 04/08/2023)

O ato de trançar cabelos vai além de uma mera expressão estética, representando uma herança ligada a uma história de resistência e ancestralidade que tem sido transmitida principalmente entre mulheres, de geração em geração e falar de trancistas enquanto profissão, é falar primordialmente sobre quebra de paradigmas tecidos no imaginário racista da indústria de beleza, que até uma década atrás, só considerava o público alvo de suas campanhas e fabricações de produtos, os corpos etnicamente brancos, de cabelos lisos e não crespos.

Algumas das mulheres trancistas declaram as dificuldades encontradas no início de suas carreiras como trançadeiras pelo fato de que na época de suas atividades não era comum encontrar espaços especializados em penteados afro como a tranças dificultando assim as referências e o acesso aos materiais necessários para a prática da profissão.

[...]foram 5 anos para conseguir isso aí. Por quê? Para aqui, na verdade, já é muito difícil de você conseguir, né? Graças a Deus que a gente achou né? Tem a Império<sup>16</sup> que ela conseguia fornecer tipo, aí pode ir lá, a cliente que quer e tal, pega a entrada no valor vai lá compra e vem. O que eu ganhei durante esses 4 anos foi na minha mão de obra. Era no meu trabalho, sabe? Mas assim era como se eu trabalhasse... chegou um tempo que parecia que eu trabalhava pra loja? Né? Porque tudo que eu precisava era de lá e a maior parte do meu faturamento era deles, não era meu [...] (OLIVEIRA, entrevista 20/07/2023)

Ao percorrer as intrincadas tramas da desvalorização que permeiam o ofício das trancistas no Brasil, torna-se importante refletir sobre as causas profundas desse fenômeno. A fala citada acima da trancista entrevistada, está carregada de profundas reflexões sobre como que, apesar do ofício de trançar ter toda a questão ancestral e de tradição que discorremos ao longo dessa escrita, é inevitável perceber, a forma que o capitalismo se apropria de tudo, até mesmo da ancestralidade e tradições culturais.

Essa apropriação das tradições e ancestralidades das comunidades negras, representa uma forma insidiosa de exploração cultural e econômica. Elementos culturais ricos em história e significado, como a música, a moda, e outras expressões

---

<sup>16</sup> *Império Fashion hair* é um a loja varejista situada no centro de Eunápolis com uma grande expressividade. Esta loja é a primeira da cidade a fornecer material para produção e trabalho das trancistas da cidade além de ter uma importância simbólica por ser a única loja de itens para negritude para o ramo capilar. É um apoio para o comercio de serviços de tranças.

artísticas, são frequentemente apropriados por indivíduos e corporações que os comercializam para lucro sem reconhecimento ou retribuição às comunidades de origem. Esse fenômeno não apenas desvaloriza o significado profundo dessas tradições e enfraquece a luta, mas também marginaliza os criadores originais, que frequentemente não têm acesso aos mesmos recursos, espaços ou plataformas para lucrar com suas próprias culturas. Enquanto grandes empresas e indivíduos, acumulam riqueza explorando essas tradições, as comunidades negras continuam a enfrentar discriminação e desigualdade econômica, criando um ciclo onde a riqueza e o poder são extraídos dos já marginalizados para beneficiar os privilegiados. Essa dinâmica reforça e perpetua disparidades sociais e econômicas, subvertendo o potencial de empoderamento cultural negro, que poderia ser alcançado através de uma celebração autêntica e equitativa das tradições e ancestralidades negras.

A questão da apropriação capitalista da luta antirracista é complexa e profundamente problemática, especialmente quando homens brancos se beneficiam financeiramente das práticas culturais e das lutas de resistência das comunidades negras. Um exemplo evidente dessa apropriação é a monetização das tranças afro, uma prática tradicional rica em significado histórico e cultural. Enquanto trançistas negras muitas vezes enfrentam discriminação e desafios econômicos para tocarem seus negócios, homens brancos e grandes empresas do setor de beleza capitalizam essa estética, vendendo produtos e serviços relacionados, muitas vezes a preços elevados bem como dificultando o acesso e a aquisição de material pelas trançistas. Essa dinâmica não só desvaloriza o trabalho e o conhecimento das trançistas, mas também perpetua uma desigualdade econômica onde aqueles que estão historicamente marginalizados veem suas contribuições culturais exploradas para enriquecer aqueles que estão no topo da hierarquia socioeconômica.

A arte ancestral de trançar cabelos, com raízes fincadas na cultura afro-brasileira, tem enfrentado obstáculos que refletem desigualdades sociais e discriminações profundas.

Ao ser questionada sobre o motivo pelo qual julgava a desvalorização das tranças, a trançista Cleide Silva argumenta que,

É pelo fato de ser um bagulho, bagulho nosso, né? De preto, né? Se fosse de branco... Cê vai no salão de branco alisar o cabelo 400 reais em uma progressiva, está ótimo! Maravilhoso! De 3 em 3 meses que você faz, nossa que perfeito. "A mulher trabalha super bem, analisa super bem"! Mas a trança é, cultura africana, cultura de preto nossa história. Preto nunca é valorizado,

então, querendo ou não... “Ah, para fazer isso aí no cabelo?”, “pra mim, ficar parecendo, as neguinha eu tenho que pagar tanto”? Eu acho que é mais por isso a desvalorização da questão. (SILVA, entrevista,29/08/2023)

A falta de reconhecimento institucional desse trabalho, a ausência de políticas públicas específicas, destinadas a apoiar e promover a profissão das transcistas, perpetua a invisibilidade e marginalização dessa prática. É essencial que as autoridades reconheçam a importância cultural e econômica das transcistas, implementando medidas que assegurem direitos, promovam capacitação e criem espaços de divulgação e preservação dessa tradição. Sobre os desafios da desvalorização do ofício, a necessidade da institucionalização do ofício, a transcista Cleide Silva ainda ressalta que,

É que é, assim: “Ah, o que é que você faz? Sou transcista. Aí, tipo: “Transcista? cabeleireiro?”. Não, sou transcista. Mas não tem transcista como profissão. Nossa, se a gente for fazer um trabalho assim na carteira, não tem como assinar como transcista. Ele vai ser sempre cabeleireiro, entendeu? Apesar de que, graças a Deus, tem uma mulher aí que ele é transcista também, que ela está correndo atrás disso. De, de regulamentar, né? É uma profissão, sabe? (SILVA, entrevista,29/08/2023)

A entrevistada Júlia Braga, também traz em sua fala a desvalorização e não reconhecimento institucional que a sociedade ainda tem em relação a profissão. Ela afirma que,

[...] ainda existe um certo preconceito, né, da pessoa. É perguntar, qual é sua profissão? Você falar que é transcista, porque na verdade as pessoas pensam mais, tipo assim, “Ah, ela é cabeleireira, ela mexe com o cabelo”, então eu não vejo transcista o trançar, como... é só fazer trança como uma profissão que acha que isso não tem um bom retorno financeiro, né? Falar: “Ah, ela só fez trança isso não deve sustentar ela.” A pessoa não, não, não pensa dessa forma. Acha que transcista não é uma profissão. Mas a gente que já entende, já trabalha com isso há muito tempo que... eu trabalho já há 3 anos, mas tem muita gente aqui que trabalha há mais de 5 anos, então a gente, a gente mesmo dá o nosso valor, né? Mostrando para as pessoas que que isso é sim, uma profissão em que, traz um bom retorno financeiro pra gente. (SILVA, entrevista, 04/08/2023)

Outro aspecto a ser considerado é a estigmatização cultural associada aos penteados afro. A sociedade brasileira, marcada por padrões estéticos eurocêntricos,

muitas vezes relega as trancistas a um papel secundário, contribuindo para a desvalorização do seu trabalho. A promoção da diversidade e o combate ao preconceito estético são fundamentais para criar um ambiente propício ao florescimento desse ofício, reconhecendo a beleza e a riqueza cultural intrínsecas às tranças. Outra entrevistada ainda ratifica,

Eu tenho clientes que chega aqui e pergunta você só trança, né? E tipo assim você, né? E seu trabalho é o quê mesmo, né? Isso é, você é formado em quê aí, né? Chega a ser... as vezes de eu chegar num lugar e: Cê é o que?? Eu sou trancista. Tipo assim, muito vazio, né? [...]Porque como, como eu disse, né? É por não ser algo tão valorizado, eu acho chegar assim e falar, sou advogado, nossa, é advogado e você é trancista[...]a trancista pode ganhar o mesmo que o advogado[...] Cê pode ganhar mais que o advogado, mas trancista né? É tipo assim, é uma arte, um artesanato é a mesma coisa. É o mesmo de você falar bem assim: “ai eu trabalho ali no sinal”. No fundo, não é, mas pras pessoas é. (OLIVEIRA, entrevista, 20/07/2023)

No âmbito econômico, é crucial fomentar o empreendedorismo entre as trancistas. Incentivar a criação de cooperativas, proporcionar acesso a linhas de crédito e oferecer cursos de gestão de negócios são iniciativas que podem fortalecer a posição dessas profissionais no mercado. Além disso, a conscientização da população sobre a importância de valorizar e remunerar adequadamente o trabalho das trancistas é um passo essencial para mudar a perspectiva atual.

A educação também desempenha um papel vital na desconstrução de estereótipos e no reconhecimento do valor cultural das trancistas. Inserir conteúdos relacionados à história afro-brasileira e à diversidade cultural nos currículos escolares contribui para a formação de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com as diferentes manifestações culturais presentes no país.

Em síntese, o resgate da dignidade e valorização do ofício das trancistas no Brasil demanda uma abordagem holística, que englobe ações nos âmbitos cultural, econômico, social e educacional. A transformação desse cenário exige o comprometimento de governos, instituições, e da sociedade como um todo, na construção de um ambiente mais justo, igualitário e respeitoso com a diversidade que compõe o rico mosaico cultural brasileiro.

### 3 A CIDADE DE EUNÁPOLIS, ENTRE TRAMAS E TRANÇAS

Eunápolis é um município brasileiro do estado da Bahia, na região Nordeste do Brasil. Localiza-se a 522 km de Salvador, capital do estado, a 1661 km de Brasília, capital Federal e a aproximadamente 64 km de Seguro. Eunápolis encontra-se na região definida geograficamente como Extremo Sul da Bahia. Atualmente, o município faz divisa com os municípios: ao norte, com Belmonte, Itapebi e Itagimirim; ao leste, com Santa Cruz Cabralia e Porto Seguro; a oeste, com Guaratinga; e ao sul, com Itabela.

Essa cidade, por muito, foi caracterizada e identificada como um município “sem identidade” de formação, uma vez que a mesma, o que definiu todo o processo de formação do município, foram movimentos e processos migratórios de pessoas oriundas de vários Estados tais como: Minas Gerais e Espírito Santo.

Um estudo publicado pela revista online *CAMINHOS DE GEOGRAFIA*, produzido por Sebastião Pinheiro Gonçalves de Cerqueira Neto em um artigo intitulado “O EXTREMO SUL DA BAHIA QUE NÃO PERTENCE A BAHIA: da fragmentação estadual à busca de uma identidade regional” (2012), nos relata que a trajetória geográfica do Extremo Sul da Bahia mostra que a ausência de uma identidade cultural regional produziu um cenário de autonomia fazendo com que essa região não mantenha ligações com os vetores que caracterizam a cultura baiana (negra).

Entender os processos formativos da cidade é perceber como a mesma está desvinculada de uma identidade cultural própria, mas isso não significa que com o passar do tempo essa identidade não seria passível de se construir por meio das novas dinâmicas construídas pelos migrantes que aqui se estabeleceram e pelas novas relações que se constituem com as novas gerações.

Esta dinamicidade que o indivíduo consegue estabelecer noutro território é própria da natureza do ser humano, tendo em vista que “de modo geral, a migração impõe aos indivíduos a necessidade de mudar o modo de ver os mundos interno e externo, ressurgindo daí novos valores que vão orientá-los a se organizar no novo ambiente” (CAVALCANTI, 2002, p.157)

Eunápolis ainda mantém a “fama” de cidade de viajantes, e esta fama lhe confere uma certa dificuldade em ter raízes desconfigurando assim a sua originalidade. No entanto, é importante salientar que, essas características na história

de fundação de Eunápolis, não faz dela um município sem história ou sem cultura, apenas reflito aqui o processo pelo qual a cidade foi erigida culturalmente.

“Todavia, mesmo com suas dificuldades de sustentação, a cultura ainda continua sendo um elemento importante na diferenciação entre países, regiões e lugares. Na verdade, o aumento do deslocamento pelo espaço, se de um lado não favoreceu o enraizamento, por outro lado, propiciou a mistura de culturas. (NETO, 2012, p.05)

A despeito de toda dificuldade que o município tenha vivido no sentido de sustentar uma identidade originária própria, o aumento do deslocamento por esses espaços, se de um lado não favoreceu o enraizamento, por outro lado, propiciou a mistura de culturas.

“A sede de viver plenamente a sua cultura levou muitos povos a procurarem um espaço no planeta para criarem o seu lugar, pois a identidade de um lugar é construída de “significado com base em atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 2000, p.22 in NETO, p.05, 2012)

Falar da cidade de Eunápolis, é fazer uma viagem ao passado para compreender as tradições culturais que permeiam e caracterizam essa cidade no presente de modo pessoal e particular, também é uma viagem de (re)descoberta ao lugar onde cresci e formei minhas raízes, à minha própria identidade. A formação/nascimento dessa cidade, está de diversas formas diretamente ligada a cultura que os habitantes daqui possuem, de maneira que tentar definir o seu processo de formação é também explicar a mentalidade cultural dos habitantes e por consequência aceitação dos habitantes em relação a cultura afro e os seus penteados. Pois, é na estrutura da história cultural de um povo que se pode obter informações sobre o comportamento, os ciclos da economia, da política, a relação com a geografia onde ela está inserida etc.

Como já foi abordado aqui, renunciar o elemento “cultura”, na análise da identidade originária de um lugar, seria negligenciar a participação do sujeito no contexto da formação da mentalidade de um povo e a forma como esse povo se relaciona com os aspectos das culturas alheias. Nesse sentido eu reforço em minha análise a ideia de que, por ter sido fundada e ocupada primordialmente por grupos

populacionais e raciais brancos, como capixabas, mineiros, cariocas e até forte influência e presença de italianos<sup>17</sup> a cidade de Eunápolis então, como muitas regiões do Brasil, herdou questões de racismo e eurocentrismo em padrões de beleza. A valorização da beleza na cidade em análise, reflete padrões culturais e sociais que privilegiam características consideradas mais próximas de ideais eurocentrado, o que se tornou problemático e excludente para outras formas de beleza. Dito isto, quero ressaltar que isso não significa dizer que todos os habitantes da cidade consideram o ideal branco como belo, mas implica sim em fazermos uma análise profunda, sobre as estruturas racistas que alicerçam a cidade, e a maneira que a pessoa negra é tratada nos espaços de compras, de socialização e lazer público ou privado. Essa marginalização e criminalização da pessoa negra, se faz evidente também, no racismo ambiental e espacial onde as populações negras da cidade, não possuem liberdade de acesso e moradia ao centro da cidade por exemplo, nem tampouco aos bairros que são claramente pensados e desenvolvidos para elite branca que habita aqui. A medida que esse racismo estrutural cresce e se fortalece na cidade, ele se materializa até mesmo no espaço geográfico da cidade, onde percebe-se a segregação de homens e mulheres negros, nos espaços periféricos e os relega a inúmeras situações de vulnerabilidade social e restringe suas oportunidades, perpetuando assim o ciclo de desigualdades e discriminação. Eunápolis se constitui uma cidade suprematista de elite branca, que não valoriza o negro, e por tabela não irá valorizar a estética do corpo e do cabelo desse negro.

Ainda que o Extremo Sul segundo Neto (2012P.313) não “atende” o que se chama de cultura baiana<sup>18</sup> e afro-baiana, é importante perceber como Eunápolis, município situado no coração do sul da Bahia, transcende suas fronteiras geográficas e estruturais, para revelar uma rica tradição cultural entrelaçada nos fios das tradições locais. No pulsar vibrante desta cidade, a prática de trançar os cabelos não é apenas uma habilidade estética, mas uma expressão viva da identidade e da herança afro-brasileira que está presente e se perpetua aqui.

---

<sup>17</sup> Informações contidas no mapa cultural que foi organizado por João Avécio Sossai e Nelcy Barcelos Sossai (e denominado: História da imigração italiana através da descendência de Pietro Noe Sossai e Elena Caliman. Disponível em <https://mapa.cultura.es.gov.br/files/agent/20678/livro-arquivo-unico-compressed.pdf>

<sup>18</sup> Afirmação feita pelo Dr. Sebastiao Cerqueira Neto em seu artigo publicado na revista eletrônica “Caminhos da Geografia”, tomando como base a capital do estado.

As raízes dessa tradição mergulham profundamente na história e na diáspora africana. Eunápolis, como muitas cidades brasileiras, carrega consigo a marca da cultura negra, refletida não apenas na culinária, na música e na dança, mas também na maneira como os cabelos são tratados e adornados. A tradição de trançar os cabelos não é apenas uma prática estética, mas um elo vivo com as raízes ancestrais (Gomes, 2019)

Nos salões e espaços dedicados às trancistas em Eunápolis, a atmosfera transcende o simples ato de trançar. Esses lugares tornam-se verdadeiros centros de encontro, onde histórias são compartilhadas, laços são fortalecidos, e a comunidade se reconecta com suas tradições. Ainda que algumas das mulheres que acessam e recorrem ao penteado não tenham consciência da importância e dos signos que as tranças representam, nesses espaços de beleza afro, a experiência de trançar os cabelos vai além do serviço estético, transformando-se em um ritual de celebração da cultura afro-brasileira.

Para mim, o... a maior...a parte mais importante assim, é de ter noção que eu levo para as pessoas, e a maioria são pessoas negras, o que é se conhecer de verdade. Porque quando você está, geralmente a maioria das pessoas que passam pela transição, elas usam as tranças, né? Para poder conseguir passar por ela. E as tranças em si, querendo ou não, ela te dá um poder. Ela traz um poder para você, quando você se olha no espelho e você se ver de trança. Algo que você não usava e do nada você está ali, com algo que te deixa mais bonita, que te deixa mais viva. E isso é importante para mim. Ver que com o meu trabalho eu consigo mostrar para as pessoas que sofreram, assim como eu, mostrar para elas que elas têm um poder dentro delas e elas podem colocar para fora esse poder. Coisa que com a... trabalhando com a química eu não conseguiria, entendeu? Não vou ter isso. É algo que a gente já fazia antes para tentar ser aceito. Então as tranças não é... a química não. A química gente desde cedo, infelizmente fomos obrigados, né? A gente é obrigado a se ver de cabelo liso a... E as tranças trazem esse poder para mulher e, principalmente para mulher preta que é o diferencial, e é a parte mais importante para mim. (SILVA, entrevista,29/08/2023)

É interessante perceber que na medida que essas mulheres desempenham suas atividades econômicas que são extremamente culturais, e na medida que elas “doam” transferem identidade para suas clientes através do ato de trançar, elas também são construídas racialmente. O processo de consciência racial das mulheres negras trancistas frequentemente emerge de experiências individuais de enfrentamento e resistência às opressões raciais e sociais. Esse despertar começa com vivências pessoais de discriminação, micro agressões e a marginalização de

suas identidades pela prática do trançar. À medida que essas mulheres lidam com suas amarguras, com a rejeição de suas características naturais e a luta pela aceitação de suas tradições, elas começam a compreender a profundidade do racismo estrutural, ainda que elas não tenham pisado nunca no chão da academia para aprenderem sobre esses conceitos. Isso é realidade da vida delas. Elas aprendem na vivência o que nós (acadêmicos) iremos entender na sala de aula. No espaço íntimo e comunitário onde trançam, essas mulheres compartilham experiências, dores e triunfos, criando um ambiente de apoio mútuo e fortalecimento coletivo. Esse processo de troca e aprendizado mútuo fomenta uma consciência racial crítica, onde as trançistas reconhecem e confrontam as estruturas de opressão que afetam suas vidas. Assim, o ato de trançar transforma-se em uma forma poderosa de auto expressão e empoderamento, solidificando sua identidade racial e cultural.

A partilha dessas experiências em seus espaços de atuação profissional, fortalece a consciência coletiva, transformando a dor individual em uma força unificadora que promove a auto aceitação, a solidariedade e a luta por reconhecimento e respeito.

### **3.1 O saber e fazer das trançistas de Eunápolis**

O futuro desenha-se promissor para as trançistas que, além de moldar estilos, esculpem destinos. Com iniciativas que promovam capacitação, reconhecimento e igualdade de oportunidades, é possível alçar as trançistas a patamares ainda mais elevados, consolidando não apenas sua presença no cenário econômico, mas também redefinindo paradigmas de gênero.

Neste capítulo, desvendamos a narrativa inspiradora das trançistas, mulheres que, por meio das suas habilidades e do seu ofício, transcendem os limites impostos, não apenas adornando cabeças, mas também desenhando um futuro em que a força e a autonomia femininas são a verdadeira obra de arte.

Seja por meio de padrões específicos, cores vibrantes ou técnicas especializadas, as trançistas transformam os cabelos em uma tela viva de expressão individual. Essa arte vai além da estética, sendo uma forma de comunicação não verbal que transmite identidade, história e resistência.

Se cada trança conta uma história única de suas usuárias elas também revelam as histórias de superação e os desafios das empresárias da beleza afro, que com

muitas dificuldades, trabalham nesse ramo na cidade em questão. Nessa tessitura intrincada da sociedade eunapolitana, pensar a figura da mulher como arrimo do lar (onde muitas delas não tem parceiros e as que possuem são as únicas que possuem serviço remunerado) é discutir questões que envolvem pontos específicos de cada uma dessas trancistas, que dependendo de todo um perfil socioeconômico, vão experimentar desafios diversos e diferentes em suas experiências profissionais. É de suma importância pensar a figura da mulher trancista, que não apenas entrelaça fios, mas também tece, com destemor, os alicerces financeiros de seus lares. Refletir as questões concernentes aos fazeres do ofício dessas mulheres, é importante discutirmos sobre um elemento que para todas elas se constitui um item de capitalização: o tempo.

A capitalização do tempo refere-se à transformação do tempo em um recurso econômico valioso, muitas vezes resultando em uma pressão para maximizar a produtividade e a eficiência. No contexto das trancistas, isso significa que o tempo dedicado ao trançar os cabelos é constantemente medido e avaliado em termos de valor econômico.

Grada Kilomba, ao discutir as pressões enfrentadas pelas mulheres negras, observa que "a economia de mercado frequentemente não reconhece o valor intrínseco das práticas culturais, mas sim seu valor econômico imediato" (Kilomba, 2010). As trancistas, portanto, encontram-se navegando entre a preservação de práticas culturais significativas e a necessidade de atender às demandas econômicas.

Sueli Carneiro (2011) vai discutir o processo de capitalização do tempo da mulher negra. Essa ideia se refere ao modo como as mulheres negras, devido às múltiplas formas de opressão que enfrentam, tais como racismo, sexismo, classismo, entre outros, têm seu tempo constantemente explorado, subestimado e capitalizado pelos sistemas de poder dominantes. Em outras palavras, as mulheres negras são frequentemente forçadas a gastar uma quantidade desproporcional de tempo e energia em trabalhos não remunerados, cuidados com a família, enfrentamento do racismo e do sexismo, e outras formas de trabalho invisível e não reconhecido.

Ao nomear e analisar essa dinâmica, Carneiro (2011) destaca como as mulheres negras são simultaneamente sobrecarregadas e desvalorizadas em uma sociedade que se beneficia de sua exploração. Ela ressalta que essa exploração do tempo das mulheres negras é uma forma de violência estrutural que perpetua a desigualdade e a marginalização. Sua abordagem, não apenas amplia a compreensão

das interseccionalidade de gênero e raça, mas também ressalta a importância de reconhecer e valorizar o trabalho das mulheres negras, bem como de criar políticas e práticas que combatam essa exploração sistêmica do tempo e do trabalho das mulheres negras. Em última análise, suas contribuições têm sido cruciais para fortalecer a luta por justiça social e igualdade para todas as mulheres, especialmente as mulheres negras.

No contexto do ofício das trançistas, o tempo se desdobra como uma mercadoria valiosa, meticulosamente gerenciada em cada traço que elas entrelaçam. Cada instante investido no salão de tranças representa não apenas a execução de um serviço, mas a comercialização de um recurso temporal, cujo valor transcende o simples registro nas agulhas e linhas.

Na abordagem feita no momento em que as trançistas foram procuradas, elas alegaram justamente a falta desse tempo para me receber e conceder a entrevista.

A trançista, hábil condutora desse trabalho de tempo monetizado, investe seus dias (e por vezes as noites), transformando horas em obras de arte capilares. Cada trança, meticulosamente planejada e executada, é uma transação não apenas de habilidade manual, mas também do tempo dedicado a aprimorar a técnica, entender as preferências de cada cliente e, muitas vezes, oferecer um espaço de acolhimento e diálogo. Além do que, a consideração talvez mais importante de se analisar, é que para essas profissionais verdadeiramente “o tempo é dinheiro”.

A demanda por tranças, especialmente em áreas urbanas, pode ser extremamente alta, levando a uma sobrecarga de trabalho para as trançistas. As sessões de trançamento podem durar várias horas, dependendo da complexidade do estilo e do tipo de cabelo, o que exige uma significativa quantidade de tempo e energia das trançistas.

Além disso, a necessidade de agendar múltiplas clientes em um dia pode resultar em longas jornadas de, com pouco tempo para descanso. Essa pressão para maximizar o número de clientes atendidas em um dia pode comprometer a qualidade do trabalho e a saúde das trançistas.

No entanto, é importante reconhecer que esse tempo, tão precioso para as trançistas, muitas vezes é desvalorizado pela sociedade. A pressa do mundo moderno, que transforma minutos em meros segundos, muitas vezes subestima a complexidade e a dedicação envolvidas na criação de cada obra capilar, onde por vezes uma trança mais complexa finalizada pode levar cerca de 5 ou 6 horas por

cliente. É essencial que a sociedade compreenda e valorize não apenas o resultado estético, mas o investimento de tempo e expertise do saber e fazer que permeia cada trança.

Não tenho tempo para fazer outra coisa, até queria, mas não dá. É, é tanto que as pessoas questionam o fato de não... porque antes, as pessoas que eu escovava o cabelo pergunta: “Ah, porque você não volta a escovar?”, “queria tanto escovar meu cabelo”! Só que não dá. Ou você escolhe um, escolhe outro e, para mim, o mais importante é trançar. (SILVA, entrevista, 29/08/2023)

Essa questão foi uma das questões levantadas pela trançista Cleide Silva, que afirma que muitas vezes além de ter que ser importunada em seus horários de descanso, pelo fato de a sociedade não entender que ela é dona de seu tempo e que pode enquanto qualquer outro ramo ter seu merecido descanso, também por muitas vezes precisa fazer seus atendimentos em horários destoantes do horário comercial comum, ela diz,

É necessário fazer os exercícios e ter o... estabelecer um tempo para você parar, né? Tipo, a questão que eu estava falando de você estabelecer seu limite, de você não ficar só naquilo: “Ah, eu tenho que fazer porque meu cliente...” por exemplo, às vezes chega e fala assim: “Ah, é porque é meu aniversário, amanhã”, aí você fica tipo, porra, mas amanhã era minha folga. Aí você fala: “mas ela tá comigo a tanto tempo”. Sabe? tipo, você não consegue dizer não por causa de alguns de alguns fatores. O fato de ser cliente há muito tempo, ou então o fato de ser o aniversário da pessoa. Você fica pensando e você prefere tirar o seu dia, que é no seu dia de descanso, que é o dia que você ia brincar com seu filho, o dia que você ia fazer algo pelo seu filho. Por você! Você tira então, querendo ou não, você precisa estabelecer esse limite, entendeu? Não é que a pessoa não mereça aquele voto que você está dando aquela [...] (SILVA, entrevista, 29/08/2023)

As demandas econômicas muitas vezes ignoram o bem-estar das trabalhadoras, priorizando a produtividade em detrimento da saúde. (Kilomba, 2019). Essa realidade sublinha a necessidade de equilibrar as demandas de tempo com práticas de cuidado e sustentabilidade no trabalho das trançistas.

Nesse processo de capitalização do tempo, as trançistas não apenas vendem um serviço, mas oferecem um pedaço do seu tempo/vida, uma parte de si mesmas entrelaçada na história capilar de cada cliente. Enquanto a economia de mercado tende a ver o tempo de forma linear e produtiva, as práticas culturais, como trançar os

cabelos, valorizam o tempo de maneira diferente. O tempo dedicado ao trançar é também um tempo de comunhão, de troca de histórias e de fortalecimento de laços comunitários. É importante reconhecer que o tempo gasto trançando cabelos não é apenas um investimento econômico, mas também um investimento cultural e social, com benefícios intangíveis que vão além do valor monetário

### **3.2 O legado familiar das tranças: as trancistas e sua ancestralidade**

O conceito de ancestralidade possui vários significados e todos eles passam por um a só ideia: a noção de que tudo o que somos, é fruto da influência cultural de nossa família. Quando falamos de tradição ancestral refere-se à herança cultural transmitida de geração em geração, englobando práticas, valores, conhecimentos e expressões artísticas que carregam a memória e a identidade de um povo. Essas tradições são profundamente enraizadas nas histórias e experiências coletivas de uma comunidade, oferecendo um senso de continuidade e conexão com os antepassados.

Conceitua-se como ancestralidade cultural, tudo que abrange os costumes, crenças e tradições de uma pessoa transmitidos apenas por seus predecessores. E aqui se faz necessário ressaltar que esses predecessores não são necessariamente os mais próximos dentro da linha genealógica familiar.

Digo isto, no sentido de que as mulheres trancistas de Eunápolis em sua maioria, não aprenderam suas praticas de trançar com suas respectivas mães, ou avós, ou bisavós num contexto de perpetuação e continuidade familiar. Mas, muitas delas de forma autônoma e autodidata, até mesmo sendo pressionada por circunstancias especiais, desenvolveram por si mesmas a habilidade e competência do trançar.

Eu estava grávida. E comecei a trançar, porque... Eu queria trançar o meu cabelo eu utilizava trança no meu cabelo desde 2015 e aí eu quis usar novamente. Só que o fato de eu estar grávida eu acabei saindo do serviço, num tinha dinheiro pra pagar, e aí falei,: “vou aprender a fazer a trança pra fazer em mim”. A intenção do momento era só essa de fazer em mim e para eu poder fazer minhas próprias tranças, porque eu não tinha dinheiro para pagar. E ali eu comecei olhar vídeos no YouTube, comecei a fazer com o pai do meu filho, tranças. E, fui embora em 2017. Não, fui embora no final de 2016 e retornei para cá em 2017, que foi quando eu realmente comecei a trabalhar com isso. E não, não trabalhei mais com outra coisa, só com trança mesmo. (SILVA, entrevista, 29/08/2023)

Trabalho na área das tranças desde os 15 profissionalmente, né? Mas cresci fazendo isso em boneca, né? Brincando, minhas amigas. Sempre gostei, só era só que nunca tinha me aprofundado e também não, não achava que isso se tornaria uma profissão um dia. (OLIVEIRA, entrevista, 20/07/2023)

No entanto, é mister ressaltar que, o fato dessas mulheres não terem “herdado” seu ofício de sua linha genealógica próxima, isso não invalida seus saberes e fazeres enquanto herança ancestral. Elas herdaram de suas avós e mães do passado diaspórico, suas parentes pregressas que desembarcaram aqui e mantiveram suas tradições vivas para os dias atuais.

As mulheres trancistas nos dias atuais, personificam esse conceito ao manterem e revitalizarem a prática ancestral de trançar cabelos. Ao adaptarem e perpetuarem essa tradição em um mundo contemporâneo, essas mulheres não apenas preservam um legado cultural, mas também afirmam suas identidades e criam espaços de empoderamento e solidariedade. Elas demonstram como as tradições ancestrais podem ser dinâmicas e resilientes, encontrando relevância e expressão em contextos modernos enquanto honram suas raízes históricas.

A tradição milenar de trançar cabelos transcende sua função estética, transformando-se em uma poderosa ferramenta de empoderamento para as mulheres que escolhem este ofício. Ao se tornarem trancistas, muitas encontram uma fonte autônoma de renda, emancipando-se economicamente e redefinindo padrões tradicionais de gênero. É indiscutível e extremamente perceptível, o fato de que estas mulheres adquiriram por meio do ofício de trançar, várias transformações em suas perspectivas e expectativas financeiras e de sustento, essas mudanças não se dão apenas no âmbito familiar, mas também no social econômico do local, pois essas empresárias também movimentam a renda per capita do município através de seus trabalhos de maneira que o comércio local passa a se transformar para atender as demandas dessa “nova” categoria, investindo e injetando recursos no ramo para o comércio.

É o que se pode constatar por meio das diversas lojas que começaram a abrir na cidade a partir dos anos de 2015, e outras que já existiam, mas implementaram e adicionaram em seus catálogos de mercadoria os diversos produtos tais como: fibras, pastas, missangas etc., para atender as demandas de materiais específicos na produção de tranças, entrelaces e outros modelos de penteados afro. É o caso da loja

insumo para o trabalho das trançistas e até mesmo outros itens de valorização da beleza negra.

Por meio das entrevistas cedidas pelas trançistas podemos claramente perceber que o que toca na vida de uma, não necessariamente irá tocar a outra. De acordo com o formulário/questionário que as participantes forneceram (material este que não foi referenciado nesta pesquisa, ficou reservado para próximos estudos), todas as entrevistadas tinham nas tranças sua única fonte de renda. Essas informações foram confirmadas também no formulário de pesquisa em que cada uma delas responderam sobre questões pontuais de seus perfis socioeconômico. Em entrevista, quando questionadas sobre se, as tranças eram suas únicas fontes de renda elas responderam,

É de tranças, e atualmente comecei a fazer a sobancelha que eu penso muito na área de embelezamento né? De autoestima. Que é uma coisa muito satisfatória, é você ver uma pessoa chegar aqui e sair muito contente com a beleza dela e tal. Saber que cê tá ajudando alguém em questão de autoestima que hoje em dia é um grande, marco pras mulheres né? (SILVA, entrevista, 04/08/2023)

Meu esposo ele é formado, ele é formado em curso de bombeiro, né? Poderia estar trabalhando como bombeiro, estava ele estava trabalhando na empresa e tudo mais, mas ele decidiu sair e, né? Vim me apoiar aqui, até porque hoje a gente consegue, conseguiu iniciar a lojinha, né? (OLIVEIRA, entrevista, 20/07/2023)

Eu faço tudo com o dinheiro do meu trabalho, que é ser trançista. Então desde dois mil... vou falar em 2017, que foi realmente o ano que eu falei: "Não, não faço mais nada para ninguém", e comecei a trançar de verdade mesmo 2017. Desde 2017 para cá, eu pago minhas contas, eu vivo minha vida, tenho meu filho, então para é minha profissão. (SILVA, entrevista, 29/08/2023)

Ao assumir o papel de arrimo financeiro, a trançista desafia as convenções sociais que, por muito tempo, relegaram as mulheres a posições subalternas. A renda proveniente do ofício das tranças não só sustenta famílias, mas também desmantela

mundo do trabalho e dos negócios.

Apesar da riqueza cultural que permeia a tradição de trançar os cabelos em Eunápolis, não se pode ignorar os desafios enfrentados pelas trancistas. Contudo, muitas trancistas locais estão engajadas na busca por mais visibilidade e respeito para sua arte. Em entrevista, essas mulheres relataram os desafios de ser mulheres, pretas com a profissão de trancista no município. A trancista Kalyane Oliveira, relata a insatisfação dela em saber que o universo das tranças possui muitas possibilidades de incentivos e projetos a serem desenvolvidos e apoiados, mas que na cidade, não se encontra essas iniciativas por parte das instituições governamentais, ela diz,

Mas porque aqui mesmo Eunápolis, eu não acho que é um trabalho que é valorizado, sabe? Agora tem... graças a Deus, tá tendo muito trancista. A gente ...hoje se você parar pra pesquisar aqui em Eunápolis, tem muito trancista. Mas antes, não, não, não tinha. E não era tão valorizado, sabe? Fora, é uma coisa surreal. São projetos, são muitas coisas, sabe? tem muitas programações que envolve. E aqui, infelizmente não tem. Eu acho que é isso. É, eu acho hoje porque eu dei continuidade, eu dou graças a Deus, né? Mas assim não, não tem um apoio, uma valorização, não tem até hoje. (OLIVEIRA, entrevista, 20/07/2023)

Nesse mesmo sentido a entrevistada Cleide relata que um dos pontos de ser trancista em Eunápolis se dá também pela falta de reconhecimento da sociedade que procura pelo serviço, e como que essa desvalorização reflete diretamente na questão de valorização monetária do serviço, afetando e interferindo assim, nos valores que se cobra aqui na cidade. Ela diz,

[...] difícil porque as pessoas não entendem o valor, não aceitam. Tem pessoas que acha que a gente está enriquecendo em cima delas. Então em outros lugares, quando a gente, por exemplo, a gente participa de grupos, né? Trancistas de Eunápolis, trancistas do Brasil, trancistas de São Paulo... e quando a gente põe o nosso valor lá, que às vezes é, é questionado lá no grupo e a gente põe o nosso valor elas se espantam: “como assim? Cês cobram isso?” Às vezes uma trança que a gente cobra, tipo 300 que é nossas tranças solta aqui em Eunápolis é 300, é... 300 reais pra eles é uma Gana, sabe? que era é outro tipo de trança que eu falei que é a boxeadora com seis, é geralmente em outros lugares é 300. E aí, tipo a 300 para a gente é uma trança gente passa dia inteiro. Sabe? Então é mais a questão mesmo de, de ser cansativo e não ser reconhecido, entendeu? Não...não ser reconhecido como como trabalho. As pessoas não, não olham com valor, não dá valor a isso aqui. (SILVA, entrevista, 29/08/2023)

O futuro desta tradição repousa na capacidade da sociedade e das autoridades locais de reconhecerem e valorizarem a importância cultural das trançistas. Incentivar a preservação e transmissão desse conhecimento para as gerações futuras é fundamental para garantir que as tradições se perpetuem e se fortaleçam.

Eunápolis, com sua herança cultural, representa não apenas um ponto geográfico no mapa que se originou de migrações, conflitos e disputas entre grileiros e fazendeiros, mas um epicentro de tradições vivas que foram se reinventando e ressignificando sua própria história local. Entre ruas movimentadas, e salões de beleza nas periferias ou no centro, as trançistas de Eunápolis continuam a tecer não apenas cabelos, mas também a tapeçaria viva da cultura afro-brasileira no local, resistindo e florescendo no vibrante cenário brasileiro, se tornando também um ponto de referência para as tradições ancestrais milenares por meio dos saberes e fazeres das tranças e suas africanidades.

## CONCLUSÃO

Tratar o tema do cabelo enquanto elemento de etno-ressignificação foi fazer uma verdadeira viagem ao passado a uma África ancestral. Nesse trabalho, busquei refletir sobre a prática e o ofício das mulheres negras trancistas de Eunápolis dentro de uma análise cultural, social e histórica, entendendo as tranças como um elemento de resistência e construção identitária, com vistas para as profissionais que tornam essa prática possível: as trancistas.

A pesquisa sobre o ofício das trancistas de cabelo é fundamental para reconhecer uma prática cultural rica e ancestral que transcende o simples ato de trançar fios. As trancistas não apenas dominam uma técnica como artesãs, mas também preservam e transmitem conhecimentos, tradições e histórias que têm profundas raízes nas culturas africanas.

Pesquisar e destacar a importância das trancistas é um passo essencial para assegurar que suas habilidades e contribuições sejam devidamente reconhecidas e celebradas na sociedade contemporânea. Por meio das ações como a historicização da prática de trançar, das ações investigativas, dos estudos teóricos alinhados com pesquisas práticas, as entrevistas realizadas, a observação, interpretação e análise dos dados, acredito que esse estudo alcançou seus objetivos.

Nos casos investigados, acredito que as mulheres trançadeiras passaram por um processo de transformação pessoal que, atualmente, lhes permite exercer seu ofício com uma ética voltada para a emancipação feminina e a luta antirracista. Através do cuidado positivo e ancestral por meio da prática do trançar, essas mulheres resistem ao racismo, ao mesmo tempo em que empoderam outras mulheres. Dessa maneira, penso que valorizar esse ofício é crucial para combater a marginalização e o preconceito que muitas vezes cercam essas profissionais, promovendo o respeito e a admiração por seus saberes e fazeres e contribuindo para a valorização da identidade e autoestima das mulheres negras.

Diante da escassez de trabalhos que tratam sobre aspectos da cultura negra e em específico sobre a prática de trançar, trabalhos como este que busca fazer uma análise sobre os novos caminhos e significados que as tranças perpetuamente assumiram em solo brasileiro, são importantes e se mostram necessários para a mudança na forma como a sociedade pensa os elementos do corpo e da cultura negra. É uma contribuição crítica para que as pessoas possam ver as tranças de forma positiva.

Não me atrevo a dizer que essa pesquisa encerra todas as possibilidades que esta temática traz. Existem ainda muitos aspectos que podem ser analisados e refletidos em futuras propostas de estudos sobre a temática, mas meu desejo é que esta, possa inspirar novas reflexões para que possamos nos aproximar cada vez mais de uma compreensão e consciência das nossas referências africanas ancestrais que foram r(e)criadas em solo brasileiro (GOMES,2008, p.31)

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Leusa. **O livro do cabelo**. 1. ed. Leya, 2012.
- BRITO, Eane Pereira. Simbologia do cabelo: estudo sobre as mulheres trançadeiras de Marabá. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-2, 2021.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 95-106, 2003.
- CARVALHO, F. M. de. Diáspora africana: travessia atlântica e identidades recriadas nos espaços coloniais. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 11, n. 27, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/835>. Acesso em: 23 maio 2024.
- CAYRES, Domitila Costa. **Ensaio de aproximações de gênero e raça à luz do olhar pós-colonial**. Revista de Estudos Anti-Utilitaristas e Pós-Coloniais, v.1, n.02, jul-dez, 2011. Disponível em: <http://www.revista-realis.org>.
- CLEMENTE, Aline Ferraz. **Trança Afro – a cultura do cabelo subalterno**. Universidade de São Paulo. Curso de Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. São Paulo, 2010.
- DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DE CERQUEIRA NETO, S. P. G. O extremo sul da Bahia que não pertence a Bahia. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 13, n. 41, p. 307–319, 2012. DOI: 10.14393/RCG134116566. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16566>. Acesso em: 29 fev. 2024.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.
- FLETCHER, Amy Joann. **Cabelo egípcio antigo: um estudo de estilo, forma e função**. 1995. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Faculdade de Letras, Universidade de Manchester, Manchester, 1995.
- GOMES, Laurentino. **Escravidão – vol. 1: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. 2002. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- HALL, S. A questão multicultural. In: HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**, p. 51-100. Trad. A. G. Resende; A. C. Escosteguy; C. Álvares; F. Rüdiger; S. Amaral. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2003.
- HOOKS, Bell. Alisando nossos cabelos. **Revista Gazeta de Cuba**, Unión de escritores y Artistas de Cuba, jan./fev. 2005.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LAW, Robin. Etnias de africanos na diáspora: novas considerações sobre os significados do termo Mina. **Revista History in Africa**, v. 32, p. 247-267, 2005.

LODY, Raul. **Cabelos de axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.

MARINUCCI, Roberto; GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos. **Perspectivas diáspóricas: memórias, encontros e resistências**. REMHU, 2021.

MORTARI, Claudia. **Introdução aos estudos africanos e da diáspora**. Florianópolis: DIOESC: UDESC, 2015.

MOURA, Juliana Martins de. **Raízes da beleza: cabelo como símbolo de representação cultural na sociedade de consumo**. Brasília, maio 2007.

MUGANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015. DOI: 10.11606/issn.2316–901X.v0i62p20–31.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do; PEREIRA, Mateus Calheiros. **A jornada agudá segundo o Borel**. Rio de Janeiro: RJHR XV, v. 28, 2022.

PAULA, Benjamin Xavier de. Os estudos africanos no contexto das diásporas. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 2, n. 1, jan./jul. 2013.

PINHO, Deise Karla Santana. **Minha (re)existência é voz! Ensino de história e escrituras de mulheres negras: oficinas pedagógicas com o romance “Um defeito de cor”**. 2022.

SANTOS, José Antônia dos. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR., org. **Desvendando a história da África**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, p. 181-194. ISBN 978-85-386-0383-2. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/yf4cf/epub/macedo-9788538603832.epub>. DOI: 10.7476/9788538603832.

SAUIMBO, M. S. R.; ROCHA, D. M. História da África antiga pela arqueologia e história: penteados nílótico-etíopes em sala de aula. **Revista Escritas**, v. 9, n. 2, p. 39–55, 2018. DOI: 10.20873/vol9n2pp39-55.

SILVA, Gleicy Mailly da. Cultura negra e empreendedorismo: sensibilidades políticas a reivindicações econômicas e o engajamento através do mercado. **Anuário Antropológico**, v. 43, n. 1, 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/2744>. DOI: 10.4000/aa.2744.

SILVA, Layla Maryzandra Costa. **Trançando saberes ancestrais**. CPCIDI, 2023.

SOUSA, Gabriela Isaias de. **A ressignificação das tranças africanas “nesse canto do mundo”**: uma reportagem digital. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

SOUSA, Gabriela Isaias de. **O cumprimento do desejo: cabelos longos e as performances negras do feminino**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TARREGA, Maria Cristina Vidotte Blanco. Colonialidade do corpo feminino negro: trabalho reprodutivo no período escravocrata brasileiro e justiça racial. **Revista Videre**, v. 13, n. 27, p. 1-18, 2021. DOI: 10.30612/videre.v13i27.14416.

## ANEXO 1

### Questionário pré-estabelecido para entrevistas

1. Dados pessoais
2. Quando começou a trançar?
3. Por que se interessou em tranças?
4. Qual sua referência de trancista na vida pessoal ou profissional?
5. Sobre sua identidade étnico racial como você se identifica?
6. Você já fez algum curso profissionalizante sobre traça? Como você aprende novas técnicas de tranças?
7. Quais tipos de tranças você faz? Quais os materiais que você utiliza
8. Qual a importância da trança para você?
9. Como é ser uma mulher trancista em Eunápolis?
10. Ser trancista é uma profissão pra você?
11. O que as tranças representam pra você, do ponto de vista do sustento? E do ponto de vista político-social?
12. Como era seu cabelo na infância e qual a sua relação com as tranças nessa fase?
13. E agora? Como é a sua relação com seu cabelo?
14. Quem é seu público? Como você identifica o perfil do seu público?
15. Qual a relação do seu público com suas identidades étnico racial?
16. Por que essas mulheres vêm trançar os cabelos?

## ANEXO 2

### ENTREVISTAS

Data: 04 de Agosto de 2023

Duração: 28:26 m

Local: Estabelecimento de trabalho da entrevistada

Páginas: 12

#### Julia Braga Silva

**Isabel:** Está pronta? Então vamos lá, começando com seus dados pessoais, né? Uma apresentação você se apresenta diz quem você é? Então tá, se apresente, por favor.

**Julia:** Meu nome, é Júlia. É, eu sou de Eunápolis... (Para de gravar, se quiser botar poltrona mais pra cá, pra pegar melhor...) é meu nome, é Júlia, eu tenho 18 anos. Sou de Eunápolis. Trabalho na área das tranças desde os 15 profissionalmente, né? Mas cresci fazendo isso em boneca, né? Brincando, minhas amigas. Sempre gostei, só era só que nunca tinha me aprofundado e também não, não achava que isso se tornaria uma profissão um dia.

**Isabel:** Ótimo. Quando você começou, foi na infância, então você já sabia trançar de alguma forma na infância? E hoje, como profissional, você, se referêcia em alguém, tem algum profissional que você se referêcia para ser transcista que você é ou você meio que vai desenvolvendo suas próprias técnicas, como é que você faz para consumir atualidades do ramo que você trabalha?

**Julia :**Eu me espelho muito hoje em dia no, no TikTok, né? Que eu sigo muita gente que...que mostra as novas técnicas, principalmente as gringas que, a maioria das técnicas que a gente faz aqui no Brasil é referêcia delas lá. Também tem uma transcista de Belo Horizonte, que é Rafa, que já fiz e já participei bastante Workshop dela também, né? Que são as aulas online, que foi quando eu comecei a trabalhar, que foi a base de tudo, foi nesse workshop dela que eu que eu participei dela, foi aula virtual.

**Isabel:** Hum hum . É, e quanto a sua identidade étnica? Você se identifica como o quê? Mulher parda, preta, branca.

**Julia:** Eu me. Eu me identifico como negra.

**Isabel:** E essa identificação, ela, ela Foi por conta das tranças e alguma influência assim da trança, ou você sempre se entendeu como como mulher negra?

**Julia:** Eu sempre me entendi como mulher negra, tanto pela minha cor, tanto pelo meu cabelo, pelo meu pai também, que tem uma origem portuguesa, né? Que também tem “coligação” com os negros. E é isso.

**Isabel:** Você falou que fez um curso com essa Rafa de Belo Horizonte, né? Foi totalmente online.

**Julia:** Isso e aqui sim, e também fiz o curso de box braids. Né? Que é o rasta. Aqui em Eunápolis com Celma.

**Isabel:** E aí, toda vez que você, você pensa em se atualizar, é internet?

**Julia :**Internet, TikTok, né? Vejo muitas gringas.

**Isabel:** Legal. Das tranças que você faz aqui. Quais são os tipos que você mais faz? O que? pessoal, mais pede?

**Julia :**Ah! Hoje a que eu mais faço sem dúvida é o nagô, né? Que trança raiz. Mas também faço muita trança *Gana*, *Box Braids* né, trança com cacho, o rasta, que muita, muita chamam, né, que é o rasta. Mas, em maior parte, hoje em dia é a *Nagô*. Porque a nagô hoje em dia está sendo tanto pra, pra alguma coisa mais casual, uma festinha. Quanto para um cabelo liso, só para mudar um pouco do, do solto, do visual, faz duas trancinhas do lado e já, já sente melhor, você se sente diferente sem precisar comprometer com química ou outras coisas assim.

**Isabel:** Hum Hum, E o material que você usa pra fazer? Tranças, qual é.

**Julia :** É...eu uso um pente com cabo de ferro, né? Que ajuda na repartição. Também a pomada modeladora, que foi até proibida algumas... nesses tempo atrás por conta que tinha algum química que estava dando cegueira temporária em alguns clientes por aí. Por fora, né? Que não, não aconteceu aqui no meu estabelecimento. Até então só parei de usar no tempo que foi proibido, porque não, não podia nem vender mais. Mas agora liberaram algumas e novas formulas também, que vem até com agua mineral, enfim, coisas mais naturais que não comprometerem muito a... É as pessoas, né? Em relação a pessoa poder tomar banho de piscina, outras coisas assim é... ter esses riscos de novo. Eee...e grampos né, para segurar o cabelo, lasteque, se caso precisar, amarrar aqui. No caso do nagô, porque lastec é um, é uma linha de elástico que não póca, porque muita gente usava muito elásticozinho, mas esse lasteque, nós trancistas não usamos mais, porque geralmente esses penteados que a gente faz não duram menos que 2 semanas. Então, se a gente usar o elástico em si ele póca, né? Com, com o sol , e tal ,o vento vai ressecando e aí acaba pocando entao aí a gente usa esse lastec que é bem, bem melhor.

**Isabel:** E pra alongamento? você já trabalhou com aquele aquela fita de crochê, né? Que o pessoal faz, fazia bastante antes ou não?

**Julia :** Sim... É a linha princesa, mas não, nunca. Eu nunca já, já aprendi, né? No curso tive que aprender a mexer com todos os materiais que usava para extensão. Mas eu nunca trabalhei. Com, com a linha em si, só o jumbo mesmo que é o cabelo orgânico.

**Isabel:** Nem cliente também nunca questionou a questão de ser com lã ou outro?

**Julia :** Já, já pediram muito para mim fazer, mas eu, eu particularmente não gostei, não gostei de trabalhar com a linha?

**Isabel:** Você acha que o resultado fica diferente?

**Julia :** É, eu acho que fica inferior o resultado e também é... É um material inferior, né? Não fica tão tão perfeito com o tempo.

**Isabel:** Uh, huh?

**Julia :** E que a gente também não pode cobrar tão, tão assim, o valor do da nossa mão de obra comparado ao jumbo porque, é um material muito barato, muito barato em comparação ao jumbo, né? Então, a pessoa automaticamente não que a gente cobre o mesmo valor da mão de obra então não vale muito a pena fazer.

**Isabel:** Entendi. E no que diz respeito à trança, como que você, como que você julgaria a importância da trança na sua vida? Qual a importância da trança para você?

**Julia :** Financeiramente, né? Hoje em dia... E também assim é, eu vejo em questão do... da autoestima das pessoas que que aumentam muito quando vem aqui. Que podem mudar o visual sem ... sentir bem mais bonito, sem precisar dar uma química, né? Porque antigamente as pessoas, viam muito a química para é... a se sentirem melhor, né? Com o cabelo. Hoje em dia, hoje em dia não, a gente sabe que para mulher, principalmente o cabelo é maior, a maior fonte de autoestima da mulher, né? Que é o cabelo. Aí então as pessoas vêm aqui, podem aumentar a autoestima sem dar uma química sem, sem comprometer mesmo, é a saúde, né? Apenas mudar, é muito bom entregar isso para as pessoas com uma trança, né?

**Isabel:** E das suas clientes, você já teve clientes que, vieram fazer trança por estar passando pelo processo de transição? Ou a maioria delas tá com seu cabelo...

**Julia :** A maioria que vem, vem colocar, como falei que a *box braids* que a maioria chama de rasta, são justamente porque estão passando pela transição e acabam se acostumando com o trabalho. Não querendo mais é usar o cabelo natural, né?

Querendo desfrutar do, do conforto que a trança dela dá, porque querendo, ou não, você só precisa lavar ela com shampoo, então as pessoas acabam se acostumando e fazendo isso é muitas vezes, e toda vez que tira coloca uma nova.

**Isabel:** Para você, como é ser uma mulher transgênera aqui em Eunápolis? Como essa questão da receptividade das pessoas?

**Julia :** Ah, eu acho muito, eu acho muito tranquilo, né? Aqui é... aqui novos, cresceu muito esse ramo das tranças, né? Então a gente tem bastante cliente, né? É tem para todo mundo também, que é muito importante, porque as pessoas soltam muito na competitividade, mas aqui em Eunápolis basta você trabalhar, bem, as pessoas já confiam em você independente de você trabalhar dentro de casa, que foi como eu comecei, quanto num estúdio. Então é bem bem tranquilo aqui de trabalhar.

**Isabel:** E você, você acha que com esse aumento, né? Da, da popularidade das tranças, a profissional transgênera, ela passa a ser mais valorizada. Ou você acha que ainda tem um desvalor por ser transgênera em Eunápolis?

**Julia :** Eu acredito. Ainda existe um certo preconceito, né, da pessoa? É? É perguntar, qual é sua profissão? Você falar que é transgênera, porque na verdade as pessoas pensam mais, tipo assim, Ah, ela é cabeleireira, ela mexe com o cabelo, então eu não vejo transgênera o trançar, como... é só fazer trança como uma profissão que acha que isso não, não, não tem um bom retorno financeiro, não é? Falar: "Ah,ela só fez trança isso não deve sustentar ela." A pessoa não, não, não pensa dessa forma. Acha que transgênera não é uma profissão. Mas a gente que que que já entende, já trabalha com isso há muito tempo que... eu trabalho já há 3 anos, mas tem muita gente aqui que trabalha há mais de 5 anos, então a gente, a gente mesmo dá o nosso valor, né? Mostrando para as pessoas que que isso é sim, uma profissão em que, traz um bom retorno financeiro pra gente.

**Isabel:** Hum-hum, no meio, assim dos seus amigos e da sua família, essa valorização ela já já existe. Já conseguem te valorizar como profissional?

**Julia :** Sim, eles... eles têm muito orgulho, né, da profissão. Inclusive, me incentivam a abrir MEI que é o...

**Isabel:**O cadastro, né?

**Julia :** É o cadastro pra. Micro empreendedores autônomo, né? Que hoje em dia já existe pra, principalmente para a gente transgênera que a maioria de nós já tem o seu próprio espaço ou trabalha dentro de casa, né? Aí, eles me incentivam muito nessa área e acreditam muito nessa profissão.

**Isabel:** Então, pela sua fala aí já é, é claro, você transcista é, de fato uma profissão para você? Mas é uma profissão, uma profissão que você trabalha hoje que você pretende permanecer nela, quais seus planos para o futuro?

**Julia:** Eu pretendo permanecer nela, mas também pretendo crescer em outra área, né? Que é da arquitetura. Mas também pretendo permanecer e crescer nessa área também da das tranças e de embelezamento.

**Isabel:** Então hoje você se sustenta só com só coma prática de trançar, né?

**Julia :** É de tranças, e atualmente comecei a fazer a sobancelha que eu penso muito na área de embelezamento né? De autoestima. Que é uma coisa muito satisfatória, é você ver uma pessoa chegar aqui e sair muito contente com a beleza dela e tal. Saber que cê tá ajudando alguém em questão de autoestima que hoje em dia é um grande, marco pras mulheres né?

**Isabel:** Essas mulheres que vêm trançar aqui com você, você conseguiria traçar um perfil delas? Quem são, do ponto de vista assim, da... do lugar social, dessas mulheres, se elas são mais periféricas, se elas são mais...são mais mulheres da classe média, da classe alta. Se elas são militantes de causas antirracistas, algo do tipo ou é muito variado, como é que? Esse perfil.

**Julia :** É bem variado, mas a maioria são clientes de classe média. Né? Tanto que é ... Vem mais pelo... próximo ao bairro que é o centro, né? Que é o Pequi, Gusmão, é Moisés reis, então são automaticamente pessoas mais de classe média, né? E na área de infantil e adolescente também é bem... é o maior, é o maior público.

**Julia :** Mas também eu atendo muito adulto e idoso também, mas a maioria que eu atendo aqui é mais criança e adolescente, mesmo.

**Isabel:** Uhum. E a identificação racial do seu público. Eles são mais...

**Julia:** Aí aí a identificação racial sim que é muito variável, vem desde negras até brancas. Já entendi ruivas também, então é bem... pesar disso é bem variado.

**Isabel:** E você consegue perceber assim... é que a transcista de alguma forma, ela é a psicóloga também, né? (risos) essa cadeira vira um divã e é muita conversa. Você conseguiria dizer por que você acha que essas mulheres vêm trançar o cabelo? Eu acho que você deve ter alguns outros clientes mais, mais fiéis, né? Que está sempre trançando ou talvez não, ou uma que veio uma vez e não volte mais, mas tem um porquê dessas mulheres trançar.

**Julia:** Mais pelo fato... É...duas razões mais procuradas aqui. Primeiramente para mudar o visual, né? Que a maioria vem para fazer isso, que é só porque está enjoado do visual e quer mudar o visual? Ou porque simplesmente está sem autoestima

nenhum e quer mudar, é o visual sem comprometer a saúde ou, ou mexer com química... é dor, né? Que é em questão de prancha, secador e tal. Só quer mudar o visual sem, sem se comprometer mesmo e sem ser algo é... permanente, que é isso que a trança faz, que muda o seu visual temporariamente.

**Isabel:** E dessas que você que você atendeu pelo processo de transição, estava fazendo transição e, trançavam o cabelo. Por que essas mulheres transitaram? Porque elas cortaram os cabelos por que? um porquê da trança ou é só a questão estética mesmo, não tem?

**Julia :** Ah, é mais por conta de elas, é...Viver no tempo passado, né? Que era, era bonito, só o cabelo liso e ter alisado e ter se acostumado com o cabelo grande. E de repente ter que cortar, então isso acaba que mexe muito com a autoestima delas, de muitas chegarem aqui e falar que não consegue ir na porta de casa, ir comprar um pão por conta do cabelo curto, não por conta do cabelo enrolado. Em questão disso é mais por conta do cabelo curto, então elas preferem colocar uma trança mais pra, pra... algumas que falam que é para aparecer mais mulher por conta que acha que cabelo curto é mais para homens. E coisas assim.

**Isabel:** E você e seu cabelo, como era a sua relação com seu cabelo quando você era criança?

**Julia :** Óh, até hoje é bem tranquila, mas como eu trabalho nessa área, e sei como a trança pode levantar autoestima absurdamente! Hoje em dia tem, eu tenho momentos e momentos com o meu cabelo né? Agora mesmo eu estou doida para colocar minhas tranças de volta o *rasta* né? Que a gente conhece, mas em questão do meu cabelo natural ou cacheado, eu sempre amei ele, nunca tive vontade alisar, nunca alisei também. Sempre gostei muito dele, e... sempre que eu posso também incentivo pessoas que têm o cabelo parecido com o meu ou igual o meu a... saber, a estudarem mais sobre ele, porque muitas acabam alisando, porque não procura mais, o... o como cuidar, né?A facilidade que é. Que eu mesmo, o povo fala: “Ah tem que acordar todo dia e arrumar o cabelo, mas eu simplesmente, a partir do momento que eu aprendi cuidar dele,eu só bagunçava, vou falar assim, eu só jogava de um lado para o outro, e ele já tava, já tava lindo.Minha mãe até me,me incentivava, falando sempre que meu cabelo não bagunçava, né? Que meu cabelo já era, já era bonito do jeito que ele era

**Isabel:**Então você tinha aí, a sua mãe também, que...

**Julia:** Isso, ahã, o incentivo dela também, apesar de ela ter alisado cabelo dela.

**Isabel:** Aham, mas tudo muito consciente, não é?

**Julia:** Ela, sempre me incentivou. E também nunca me proibiu se eu quisesse alisar, mas, sempre me incentivou. E sempre me ensinou a amar meu cabelo.

**Isabel:** Então, você nunca passou por nenhum processo de, de química no cabelo, né?

**Julia:** Só, só em questão de querer mudar o visual e tintura.

**Isabel::** Alisamento, não?

**Julia:** Isso, só descoloração que compromete um pouco o cabelo, mas é o que eu falo depois que você conhece as tranças, você não quer mais saber de, de nada de química. Você sabe que você pode ficar loira só colocando uma trança. (risos)

**Isabel:** Bom...quando você, quando você olha a trajetória, né que você está desenvolvendo até aqui, você consegue identificar alguma coisa do ponto de vista da sociedade que mudou na sua, na sua prática de ser transcista? Por exemplo: Uma sociedade que está aceitando mais ou não, e aí isso, isso acaba interferindo na quantidade de mulheres que vem fazer. São 3 anos, né? Você disse que está trabalhando com trança. Nesses 3 anos, o que mudou e porque mudou?

**Julia :** Oh, eu falo mais em questão de idoso. Idoso via isso, mais como, como uma coisa de adolescente, uma coisa mais radical. Isso mudou muito hoje em dia. Hoje em dia você vê, eu, eu tenho muita idosa que vem aqui. Como eu falei, pra aumentar a autoestima, que fala que quer justamente se sentir mais nova. Então vem se radicar e fazer um penteado faz um desenho, faz uma coisa mais colorida e já se acha mais, mais, bonita, mais jovem. E isso mudou muito também em questão de... De brancas, de cabelo liso, também mudou muito, porque antes as pessoas tinham muito preconceito, que é questão de só ser coisa de negro, só coisa de cabelo afro. E hoje em dia, você vê muita gente cabelo liso natural, vindo aqui fazer uma ou duas trancinhas de lado só para sentir é... diferente sair daquele cabelo solto, de ir todo dia, né já sentir melhor?

**Isabel:** Então, assim, meio que o preconceito já está mais...

**Julia :**É...é hoje em dia já está mais... Como o cabeleireiro mesmo. É uma profissão que as pessoas já veem, normalmente mais não é do que do que antigamente, porque antigamente [trecho inteligível]

**Isabel:** Você. Você usou... fez essa, essa dicotomia, né? Entre cabeleireira e transcista, qual é a diferença para você? Qual a diferença entre cabeleireiro e ser transcista?

**Julia :** Porque é, é porque cabeleleiro ela mexe com um todo, né? E um todo eu falo assim, em alisar, enrolar, não na área de, de penteado em si. Então é as pessoas, as pessoas como antes não procuravam muito penteado e procuravam assim mudar a... a texturização do cabelo, então para elas, hoje em dia é fazer um penteado é a mesma coisa de, de mudar a texturização do cabelo. Como eu falei que no caso é mudar radicalmente o visual que é antigamente, era o que? Mudar do crespo para o liso,e

hoje em dia, mudar de liso pra um trançado, mudar de um crespo para um trançado. E, é isso. É trançar pra mudar.

**Isabel:** Você acha que tem diferença de missão de vida entre ser transcista? E ser cabeleireira. Qual é a diferença de missão?

**Julia :** Não, eu acho que não. Eu acho que as duas em si procuram é... elevar a autoestima das clientes e dos clientes também, que eu, particularmente, atendo o tanto homem quanto mulher, né? Mas independente do gênero, eu acho que assim que e da profissão também, acho que tanto transcista quanto a cabeleira procura sempre buscar o, é... a satisfação do cliente, buscar sempre levar a autoestima dele com ele. Quer, né? Como ele já prevê?

**Isabel:** Você já sofreu algum tipo de preconceito por, por ser transcista? Ou de repente, não está dentro de um padrão de profissão que é comum se ver, né? Por exemplo, você mencionou sobre a questão de procurar, de repente tá procurando o MEI, né? Já aconteceu de você precisar relatar em algum cadastro, alguma coisa, sua profissão e você não achar lá.

**Julia :** Óh, não, a gente não acha! A gente, acha cabelereiro, como eu falei. Mas a gente não é qualificado como um cabeleireiro, cabeleireiro, prancha, cabeleireiro, escova, o cabeleireiro da selagem, cabeleireiro faz um todo como, como eu falei. Só que nós transcista, temos a profissão de trançar, de mexer com... independente do penteado que nem hoje em dia, existe o *crochê braids*, que... que é costurar os cachos, que é o *interlace*, né? Que é costurar a tela... E isso, isso tudo envolve uma trança por baixo, é tudo na base da trança, então transcista é uma profissão, que tem uma diversidade enorme, só que ainda não é considerada uma profissão assim, desses meios de cadastro e tal, aí tem lá... É a gente sempre cadastra mais como autônomo mesmo, né? Como autônomo de empresa de, de uma empresa própria. Mas não especificando a profissão.

**Isabel:** E você acha, por que você que ainda não, é tão... pelo menos entendido como profissão, né?

**Julia :** Eu não sei falar assim porquê. Né? Mas acredito que as pessoas vão... num acha que, que ela assim, é poucas pessoas que conhecem a diversidade das tranças com outros modelos tem, quanto ao que você pode fazer com a trança, né? Quantas tranças pode fazer um cabelo, quantos desenhos você pode fazer? Então hoje em dia tipo assim, como falei, a internet está trazendo isso para a gente agora, né? Mas poucas pessoas conhecem a história mesmo da trança, conhece como a gente consegue fazer tanta coisa com a trança, né? Então não ver isso como, como uma profissão, e... e não vê também como, como é que fala? É... uma profissão mesmo, né? É, né, que é igual um dentista, um... É... que eles já veem é, vou falar uma especialização né? De área que no caso tem o.... Tem a medicina que você estuda medicina, e depois você se se especializa na área, não vê uma a transcista como especialização, só vê. Como um... a mais ali nessa, nessa. de cabeleireiro, que é só saber fazer um penteado, né?

**Isabel:** Se você pudesse. Fala algo para promover a profissão pra... algo para as mulheres de Eunápolis, né? Que de repente não conhecem esse trabalho? O que que você diria?

**Julia :**Como assim? Não sei ..o que assim, você fala?

**Isabel:** Digamos que você... sua voz vai chegar mulheres que ainda não trançaram, que não conhecem que de repente, nunca nem participou desse, né, desse mundo das tranças, se pudesse deixar algum recado, talvez para aquelas que que também pretendem sair da química, mas de repente não sabem o que fazer.

**Julia :**Oh, eu diria. assim porque como eu falei, a área das tranças não é só mostrar as tranças em si, é... tudo tem uma base de trança. Como eu falei que tem o *entrelace* o *entrelace* funciona como? Você trança o cabelo inteiro e costura a tela com qualquer cabelo, qualquer cabelo, desde liso ao cacheado, então o seu cabelo fica, o seu cabelo, seu cabelo natural fica todo, todo guardadinho dentro de um outro cabelo, com a textura, textura e cor e o tamanho que você quer, você compra lá e coloca na cabeça. Então eu, eu diria assim que tem hoje em dia... Eu diria pra elas que hoje em dia você pode, pode se sentir melhor sem usar nenhuma química. Hoje em dia, você pode, pode ficar, vou falar assim, bonita, né? Que elas falavam mais assim que só ficava bonita de cabelo liso e tal, né? Pra algumas que já tem esse, esse pensamento ainda fechado, só pode ficar com o cabelo liso, com o cabelo ondulado, com o cacho aberto, com o cacho fechado, sem nenhuma química. Que é tudo na base da trança, como eu falei que você pode fazer um entrelace e simplesmente comprar o cabelo, olhar lá na bancada igual um... roupa e pegar o que você quer a textura, o modelo, a cor que você quer e ficar... e... elevar sua autoestima da forma que você vê que é isso que é, as pessoas fazem quando chegam no cabeleleiro né? Falam o que.. Qual o resultado da pessoa quer chegar sem rolar nenhuma química, sem nenhuma dor, sem e sem nenhuma permanência também, sem nada permanente, tipo se ela não gostar poder tirar depois ou se ela gostar também, permanecer fazendo a manutenção, como a pessoa faz em uma selagem.

**Isabel:** Okay, tem algo que você queira dizer. Eu não perguntei?

**Julia:** Só que as pessoas se aprofundem mais nessa área, né? Antes de, de julgar que é o que acontece muito, é a pessoa julgar sem conhecer que acontece ao todo, né? Muitas pessoas julgam, qualquer profissão em conhecer. As pessoas estudarem mais, pesquisarem mais modelos antes de, de falar que não gosta de trança. E... e é isso?

**Isabel:** Muito obrigada. Fala o endereço aqui do seu, seu estabelecimento, Ju.

**Julia:** É, aqui na rua Dom Pedro I, 862. Na segunda rua, depois do cemitério do Pequi.

**Isabel:** Obrigada, Ju. [Fim da entrevista

Data: 20 de Julho de 2023

Duração: 51:35 m

Local: Estabelecimento de trabalho da entrevistada

Páginas: 15

## **Kaylane dos Santos Oliveira**

**Isabel:** Ok, são um total de 16 perguntas, tá? São perguntas abertas...

**Kaylane:** São fáceis? (risos)

**Isabel:** São, São muito fáceis. São muito fáceis, muito fáceis mesmo. Você pode responder da forma que quiser o tempo que quiser ficar à vontade. Bom, primeiro é... meio que você se apresentar, né? Falar seu nome... Porque eu, particularmente, conheço você como "K", "K tô de trança", né? (risos) Seu nome é qual o seu nome? Quem é você, quem é a Ka?

**Kaylane:** Vixi, Maria já é difícil (risos).

**Isabel:** :tenta aí?

**Kaylane:** Já ta gravando é? (risos)

**Isabel:** Já? Eu tô: "ah Jesus que pergunta difícil hora dessa" (muitos risos)

**Isabel:** :nossa, precisa filosofar, não! (risadas)

**Kaylane:** (risadas) vou filosofar não)

**Isabel:** Dados pessoais, vou vai facilitar dados pessoais? Nome, idade...

**Kaylane:** :É meu nome é Kaylani

**Isabel:** hum

**Kaylane:** é, eu sou transcista, aí? Minha idade, eu tenho 20 anos, vou fazer 21. É... faz a pergunta logo aí... (risadas de ambas) que aí eu já ou falar.

**Isabel:** beleza, 20 anos é novinha!

Por que você se interessou em ser transcista? Por que você interessou por tranças?

**Kaylane:** Trança? É... eu fui passar pela transição, eu usava química no cabelo e aí eu fui pro YouTube procurar, né? É... cortei o cabelo bem curtinho e precisava de alguma coisa pra... pra botar no cabelo...

**Isabel:** Tem quantos anos isso? eu comecei a tradução com 15 anos.

**Isabel** Quando você fez a transição, você tinha 15 anos, 15 anos, hum.

**Kaylane:** Aí, eu comecei a colocar em mim mesmo de linha, né? Trança de linha, é ...colocar num dia, saía no outro, ficava nem 10 dias com as tranças, porque o cabelo tava muito curto e eu não saber botar. Comecei a colocar as menina via, queria fazer, né? Aí eu comecei a fazer, na irmã na prima. Aí fui pegando gosto pelo negócio e fui fazendo. Ficava o dia todo! Meu cabelo, eu ficava de 2 a 3 dias pra botar...

**Isabel:** Nossa!

**Kaylane:** Dia e noite, era um sofrimento, mas foi.

**Isabel:** Nossa, então antes desse momento de transição, você nunca tinha tido contato com, com trança?

**Kaylane:** Não. Na infância, não, Só as trancinhas durinhas que minha mãefazia, e mais nada.

**Isabel:** Aham, ok. E aí quando você começa esse processo de, de pesquisar sobre trança, em algum momento você teve alguma transcista que você usou como referência?

**Kaylane:** Aqui, daqui não, eu ia mais era pro YouTube mesmo. Tinha Rafa que ela é bem conhecida. Aqui eu não tinha tanta... Não tinha transcista, na verdade, tinha uma cabeleleira que trançava cabelo. Pra mim poder, né, olhar, me inspirar ou faz até fazer, né? Se tinha, foi por isso que eu fui pra esse negócio, a gente fazer mesmo, de tentar fazer sozinha, olhando no YouTube, aí eu comecei a me inspirar nas meninas mesmo. No YouTube, depois, com o tempo que eu conheci uma outra transcista daqui que era Whine um, foi até a moça que eu fiz um curso que eu, pessoalmente, depois de uns 4 anos trançando. É uma transcista top. E foi só. Foi na... foi mais na prática mesmo, pra eu pegar o negócio.

**Isabel:** Mas e hoje? Hoje, você já é um profissional, já tem seu espaço desses clientes. Você se inspira em alguém, tem alguém como referência?

**Kaylane:** Não tem. Não sei porque, sabe porquê? é sério! Quando eu começava a tipo assim, a olhar ou acompanhar, eu começava a comparar muito. Aí eu comecei a tipo assim, e olhando a mudança, né? De de todo o processo de quando eu comecei a trançar, com 15 anos e como eu estou agora, né? Então eu comecei a me inspirar em mim mesmo, minha fia foi isso porque se não, eu ia ficar na comparação, entendeu? Eu tenho muito esse problema de comparar, né? Hoje eu acompanho, eu acompanho muito as trancistas, se tiver uma dica, um curso, eu amo fazer curso né? mas tipo assim, de falar assim: “poxa, fulana, é minha inspiração”. Não, tenho.

**Isabel:** No que diz respeito à sua identidade e sua identidade étnica racial. Você identifica como o quê?

**Kaylane:** Entendi não.

**Isabel:** Mulher branca, mulher parda...?

**Kaylane:** Negra

**Isabel:** negra, preta, negra?

**Kaylane:** É isso.

**Isabel:** E essa identidade étnico. Ela veio antes ou depois das tranças?

**Kaylane:** Depois. Porque antes eu queria ser... antes era só as meninas. a inspiração, né? Então o padrão. Sempre tive minha mãe que era cabeleleira.

**Isabel:** A sua mãe era cabeleleira?

**Kaylane:** Minha mãe é “cabeleleira”.

**Isabel :**nossa!

**Kaylane:** É, ela trabalha com a química todo esse processo, tanto que antigamente meu cabelo era só química e eu queria ser o padrão de beleza, né? O cabelo liso. Tudo aquilo. Mas aí depois, quando eu passei pela transição, porque a transição ela é um processo que a gente vai se descobrindo, né? A gente vê que a transição a gente passa por uma transformação, porque não é só sobre a mudança de cabelo, né? A gente começa a olhar pra gente, ver que a beleza, não está só no cabelo, apesar de ser transformador você mudar de cabelo, você tem outras coisas, né? Éee, o seu

rosto, seu olho, tudo ressaltava. Quando eu cortei meu cabelo, mesmo meu Deus do céu! Eu comecei a usar uma maquiagem, a valorizar mais o olho, a colocar um brinco, né? E aí eu comecei a ver outras coisas que eram bonitas em mim, além do cabelo. Mas quando eu comecei a usar trança, quando eu comecei a mudar de cabelo, colocar um cabelo cacheado. Colocar éee...uma nagô, né? Fazer coisas diferentes, realçava a beleza. E aí eu comecei a acompanhar mais, né? Mas pessoas negras e aí inspirar

*[neste momento houve uma interrupção na entrevista, por uma cliente que desejava saber sobre os cabelos que ali eram vendidos]*

### Entrevista retomada.

Aí então..Foi me despertando essa curiosidade em conhecer, né? Outras coisas, outros modelos de cabelo de me conhecer realmente, enfim.

**Isabel** :Tá OK? Tá. Mas eu fui curiosa, em uma questão da sua transição: o porquê da transição, porque da transição. É porque você disse que veio se identificar depois, né? Mas então porque você cortou o cabelo, quis tirar a química da onde veio isso?

**Kaylane**: Então. Eu sempre... minha mãe sempre alisou meu cabelo porque era o cabelo cacheado que dava trabalho não sabia cuidar. Mas cabelo liso, né? com química ela sempre cuidou e eu sempre gostei muito do meu cabelo liso e sempre odiei os cachos. Aí eu sempre usava química, e aí um belo dia ou processo da química não deu certo. E aí o meu cabelo começou a cair e ficar fraco. Começou a cair ficar fraco, né? Eu tive que parar, literalmente de usar a química.

**Isabel**: tão nova, com 15 anos só, nossa.

**Kaylane**:Sim, minha filha, eu já tinha uma história de química ali. Eu usava Guanidina, no cabelo e tudo mais. Eu usava cabelo liso, aí deu ruim,aí eu tive que parar, então minha intenção não era entrar na transição. Eu comecei do cuidar do cabelo para recuperar o cabelo, pra dar uma química novamente. E aí aconteceu? os cachinhos começou a aparecer, aí começou a aparecer cachinho e tipo assim, eu acho que eu nunca tinha ficado mais de 3 meses pra poder ver o cachinho, né? Aí começou a ver,um cachinho ali outra, aquela raiz cheia e tudo mais. Aí eu falei: nossa! que bonitinho, enrolava, passava um creme. Eu falei, nossa, que cachinho lindo! Aí fui deixando. Aí fui deixando e aí eu ia lá e “tcuck” tesourada nas pontas, tesoura na ponta. Aí pronto! Fiquei na transição, fui obrigada, né? A passar pela transição. (risos)

**Isabel**: Interessante. Você falou que começou sozinha pesquisando tal, mas também mencionou que já fez cursos, né? Você sempre está fazendo cursos profissionalizante, como que são os cursos para essa área? É a mesma coisa dos cursos para um salão de química “normal” exige, sei lá, 6 meses de curso, como funciona?

**Kaylane:** Sobre curso para trança, é o que eu falo, trança você vai aprender na prática. No início, cê vai fazer torto você vai fazer folgado, e aí com a persistência naquilo ali, você consegue ter um resultado bom. Mas olha, meu... eu fui fazer curso tem...acho que fez um ano agora que eu fiz um o meu primeiro curso profissional mesmo que foi com Whine, que foi pessoalmente, já tinha feito outros cursos. Mas são cursos on-line, né? É muito difícil você achar o curso presencial de trancista.

**Isabel:** Aqui em Eunápolis né?

**Kaylane:** Isso, você... é bem difícil aqui em Eunápolis é muito difícil, você tinha fora, né? eu apanhava tudo por live, mas era mais no online mesmo. Era o olhar pra você ver. A questão do curso é você aprender a técnica, e aí você vai tentar botar em prática. É um nó de aperto, é a divisão... é olhando e fazendo. O meu primeiro curso, que foi esse com Whine, é tipo assim, é uma técnica, é tipo técnicas de trança *box braids*. Pronto, aí a *box braids* pra você vai aprender, ela vai te ensinar ali um dia. E acabou! Você vai para casa e ou você bota em prática, ou você esquece, porque se você não ficar praticando aquilo ali direto que já era, você esquece real. Aí eu fiz o curso com ela pra poder pegar camuflagem melhor, querer conseguir esconder o cabelo da cliente, que eu tinha dificuldade, era de ter uma durabilidade melhor das tranças, né? Porque eu já consegui fazer muito bem. A trança já durava, mas eu queria mais, né? Eu queria aperfeiçoar mesmo, aí eu fiz graças a Deus que eu já tinha, porque se fosse uma pessoa, pra pegar do zero, não pega. Ela não pega. Tipo assim, se você não sabe nada, você nunca trançou, não pega.

**Isabel:** Então é um curso pra trancista de alguma forma né? Não pra ensinar trança.

**Kaylane:** Aí você vai, é isso que eu falo hoje em dia procura, tem muita menina que me procura querendo o curso? Aí eu falo: Cê já trança? Porque primeiro você não, né? Você não começa, você vê se é isso mesmo, porque quando você começa, você passa o dia todo fazendo uma trança. Você começa às 7:00 da manhã tem gente que até hoje vai terminar 10 ou 11 horas da noite, então assim é muito tempo. É muito tempo mesmo. Você tem que ter tempo, você tem que ter disposição e coragem. Tem que ter certeza que é isso. Porque se não tiver, minha fia não vai pra frente. Aí eu fiz o curso, eu conversei demais, já me perdi todinha (risos)

**Isabel:** Á vontade, à vontade.

**Kaylane:** Fiz um curso de aperfeiçoamento, mas antes era, era só YouTube mesmo. Era youtube. Se a gente tivesse uma dúvida de qualquer coisa, era YouTube ou era comprar os cursinhos e tem hoje ainda tem muito um cursinho tipo... que cê paga 40, 50 reais, mas tipo assim, não é que você vai aprender, é que você vai tirar algumas dúvidas que você já tem ali, uma que você faz, né? No dia a dia, e você consegue adaptar. Mas é, é complicado, porque não é... igual hoje em dia as meninas perguntam, né: "É quanto tempo curso? É um dia, 2 dias. Quando eu comecei, mas dei uma parada em dá curso de nagô, são 2 dias direto. Né? Você pega, são 16 horas de curso, é 8 horas por dia.

**Isabel:** Esse foi online ou não? Foi presencial?

**Kaylane:** Não, é presencial. Só eu e a pessoa ali pra poder tá ensinar mesmo. Graças a Deus eu consegui ensinar a menina conseguiu pegar

**Isabel:** Ah você estava ministrando o curso?

**Kaylane:** Isso eu ensinei, comecei, mas já parei. (risos) É, aí consegui ensinar a menina novinha acho que ela tinha 14 anos. Ela conseguiu, ensinei do zero. Ela sabia nada, graças a Deus pela conseguiu pegar, mas tem que ser assim. Pra poder pegar do presencial e... porque ela tinha muito interesse, é o que eu falo, né? Aí meninas pergunta é quantos dias de curso? não é dias! Não é igual outros cursos de cabeleira normal né? Ou de qualquer outro curso, que passa dias, você estuda e tudo mais é na prática não tem muito... com apostila para você ler não tem. É na prática mesmo?

**Isabel:** Mas aí, você mencionou a questão de não ser igual de um curso de cabeleira de química, digamos assim, né? Quando a gente vê esses cursos para salão, "salão comum" sempre tem coisas novas, né? Lançamento de química nova, essas coisas novas. E no ramo das tranças, tem tipo: "lança técnica nova" jeito diferente como que é? E como que você acessa essas técnicas novas?

**Kaylane:** Não chega a ser técnica nova, só modelos novos. Igual uma nagô diferenciada, uma box Braids diferente. Igual, agora tá uma tendência de trança com cachos, eu não sabia colocar. Trança com cachos. Aí tu vai lá no YouTube. Eu volto do zero lá, igual a tirar antigamente e vou pro YouTube, vou estudar, vou procurar um cursinho online, e vou fazer assim. E aí, você já é, tipo assim, você vai juntar, né? Uma junção. Vou me atualizando.

**Isabel:** Tem algum grupo aqui Eunápolis de transistas?

**Kaylane:** Não, não tem.

**Isabel:** Nossa, é uma perda, né?

**Kaylane:** É o quê?

**Isabel:** Uma perda.

**Kaylane:** É uma perda e tipo assim, não é... Eu falo que transcistas, eu não sei porquê, mas ...

**Isabel:** Não são unidas?

**Kaylane:** não são, não

**Isabel:** são inimigas? (risos)

**Kaylane:** Não digo inimigas, mas não são unidas, também não. É igual... eu vejo aqui, eu tenho minhas irmãs que são da área de unhas, em fibra, né? Que são *nail designers*<sup>19</sup>. A minha mãe que é cabeleira. Aí tem grupo, aí junto, tanto de cabeleira e vai fazer workshop fora e vai fazer isso.

**Isabel:** conversar ali pra poder né? Tá, tá trocando ideia.

**Kaylane:** É, mas trancista não tem essa união não.

**Isabel:** Nossa, que pena atividade, que pena.

**Kaylane:** É muita competitividade.

**Isabel:** Que pena! Perde de ganhar em muitos aspectos.

Bom, você já é essa pessoa toda “experenciada” aí em suas, em suas vivências. E assim, você pode falar, que é pouco tempo, mas é bem intenso, né? É bem intenso seus anos aí, de trancista. E eu queria te perguntar o seguinte: a trança para você tem que importância? Qual é a importância das tranças na sua vida?

**Kaylane:** na minha vida?

**Isabel:** É você pode pensar no geral, não sei. Mas qual a importância da trança para você?

**Kaylane:** Lasqueira, (risos). Hoje em dia é, é tudo, né? É minha base financeira, é minha base... Eu falo para as meninas que trança é minha terapia. É psicológico. Eu fico...

Ai, nem sei, filha. É tanto que esses dias, minha irmã perguntou pra mim assim: Cê já se viu fazendo outra coisa? Eu falo, eu falei pra Ela: - Não! Ela: - é mesmo? Ela: porque eu estava pensando, menina já. Eu já tenho vontade de, né, de fazer outras coisas, mas eu falei: não tenho! eu acho que é... Não sei nem se... Se acabar uma hora assim, né? que não vai nem de Jesus! (risos)

---

<sup>19</sup> *Nail designer* dado aos profissionais que trabalham na área de beleza no ramo de alongamentos de unha e decoração.

O povo fala que é muita moda, né? Mas não é, sempre teve presente e a gente que não era tão aberto pra poder usar, porque antes, trança era para quem tem cabelo ruim, é pra quem tem cabelo duro, né? Os famosos 'ditados' aí, mas sempre teve presente, né? E pra mim, hoje em dia, trança minha fia é tudo! É salvação da minha vida (risos), é minha terapia, é a beleza das minhas clientes.

**Isabel:** Aham. Legal. A gente estava falando sobre a questão de, das trancista não ter união, né? Mas quando você se enxerga nesse lugar de uma mulher trancista em Eunápolis. Como que você, como é para você ser uma mulher trancista aqui em Eunápolis?

**Kaylane:** ai Jesus! Não sei.

**Isabel:** Você acha difícil, acha fácil? Acha que é status?

**Kaylane:** Hoje? Ó, hoje pra mim...porque eu já tenho tipo um público, mas se eu olhar tipo a 2 Anos atrás, tipo assim, eu não, eu não acho que tem uma boa, uma valorização que deveria ter, sabe? Não por ser eu, ou por ser, né mulher trancista. Mas porque aqui mesmo Eunápolis, eu não acho que é um trabalho que é valorizado, sabe? Agora tem... graças a Deus, tá tendo muito trancista. A gente ...hoje se você parar pra pesquisar aqui em Eunápolis, tem muito trancista. Mas antes, não, não, não tinha. E não era tão valorizado, sabe? Fora, é uma coisa surreal. São projetos, são muitas coisas, sabe? tem muitas programações que envolve. E aqui, infelizmente não tem. Eu acho que é isso. É, eu acho hoje porque eu dei continuidade, eu dou graças a Deus, né? Mas assim não, não tem um apoio, uma valorização, não tem até hoje. Mas eu acho que agora é... As trancistas têm sido mais notada aqui, mas antes era... difícil e a valorização era péssima.

**Isabel:** Quando você fala de valorização, você quer falar novamente sobre o quê? O preço que se paga, o que exatamente?

**Kaylane:** Não, não nem tanto a valorização... não é só a valorização financeira, sabe? Mas não é tipo igual uma cabeleleira. Né? A cabelereira já é... é tanto que a trancista ela é, hoje em dia considerada como cabeleleira, mas não é a mesma coisa, sabe? Não é o mesmo trabalho. Não sei, não sei te explicar (risos)

**Isabel:** Entendi, por exemplo, você falou de sua irmã, que te perguntou se você se imagina fazendo outra coisa, né? Como se isso não fosse alguma coisa. Mas você então considera que ser trancista é uma profissão para você?

**Kaylane:** Para mim é. Para muitos, não. Eu tenho clientes que chega aqui e pergunta você só trança, né? E tipo assim você, né? E seu trabalho é o quê mesmo, né? Isso é, você é formado em quê aí, né? Chega a ser... as vezes de eu chegar num lugar e: Cê é o que?? Eu sou trancista. Tipo assim, muito vazio, né? É igual agora, graças a Deus pra você ver, né? Hoje eu tenho meu esposo trabalhando comigo, é quando a gente começou ele trabalhava para os outros e enfim... hoje está trabalhando comigo,

graças a Deus ,é uma conquista muito grande, ter uma pessoa trabalhando comigo, e ser meu esposo melhor ainda. Mas aí a gente saiu, e aí, ele tava com os amigos dele e tudo mais, né? E aí, teve, rolou isso a: “oxente, mas cê tá fazendo o que?”, mas é isso, tá fazendo o quê? Não, agora sou trancista. Aí os amigos dele ficou tipo assim: “Ãn,Legal, né? Mas isso aí é o que o mesmo” tipo, que profissão é essa, né (risos)? Mas é... só Deus sabe, só Deus na vida da gente, a gente tem que olhar assim e sumir.

**Isabel:** Mas tipo, você julga que, que esse vácuo que as pessoas ficam, quando você fala que é trancista, você acha que é porque elas realmente não consideram que seja uma profissão. Ou você acha que tem um pouco de preconceito?

**Kaylane:** Hoje em dia eu nem acho que não tanto por causa do preconceito. Porque como, como eu disse, né? É por não ser algo tão valorizado, eu acho chegar assim e falar, sou advogado, nossa, é advogado e você é trancista. Tipo, né?

**Isabel:** Ainda que a trancista pode ganhar o mesmo que o advogado...

**Kaylane:** Cê pode ganhar mais que o advogado, mas trancista né? É tipo assim, é uma arte, um artesanato é a mesma coisa. É o mesmo de você falar bem assim: “ai eu trabalho ali no sinal”. No fundo, não é, mas pras pessoas é.

**Isabel:** Certo, então você de alguma forma você já respondeu, a próxima, quanto ao sustento, né? Então ser trancista é uma profissão de sustento para você, né?

**Kaylane:** Hoje, é. Na verdade, sempre foi pra mim,

**Isabel :** mas você já trabalhou em alguma outra coisa? Não? Quando começou, como é que era?

**Kaylane:** Ôh véi, quando eu trabalhei pros outros uma vez só. Que foi quando eu não tinha começado como trancista mesmo, que na verdade eu tipo, ia na casa do pessoal das meninas, né? Fazer trança e eu cobrava 50 reais. (risos). Ali, todo mundo podia olhar pra minha cara de chorar, aí eu trabalhei na escolinha porque eu queria muito ser professora. Eu queria fazer faculdade de pedagogia, tudo isso. Meu foco era essa professora na vida. E depois que desandou tudo? Graças a Deus (risadas). Mas aí,só foi isso também que foi a única vez que eu trabalhei assim pros outros, mesmo fora, né? Depois, foi só as tranças mesmo.

**Isabel:** e seu esposo trabalhar com você por que surgiu isso? Ele qual é o reconhecimento dele sobre você ser trancista como que funciona isso?

**Kaylane:** Olha, sempre teve o apoio, né? E tipo assim, ele sempre teve interesse em fazer, em aprender, sempre teve a curiosidade de querer aprender, de querer me ajudar, né? E foi assim, minha filha. Meu esposo ele é formado, ele é formado em

curso de bombeiro, né? Poderia estar trabalhando como bombeiro, estava ele estava trabalhando na empresa e tudo mais, mas ele decidiu sair e, né? Vim me apoiar aqui, até porque hoje a gente consegue, conseguiu iniciar a lojinha, né? Pra poder vender também, porque antes a gente dependia dos vendedores daqui da cidade, que só tem uma. E tipo assim, a margem de lucro era muito menor, porque eu só trabalhava, só ganhava na minha mão de obra mesmo, né? E agora não. E aí Gabriel sempre foi muito interessado em me ajudar em tá, né? Me acompanhar. Até porque era uma rotina minha bem maluca, porque eu passo praticamente a minha vida aqui dentro (risos) trançando. E aí ficava, tipo assim, mais tempo eu trabalhando e, tipo assim, pra poder acompanhar meu ritmo, né? Ele decidiu, e a gente decidiu que ele poderia vir trabalhar comigo, me auxiliar. Eu tinha minha prima Fah, que me auxiliava aqui nas finanças. E ela saiu, foi pra outro trabalho, e aí eu fiquei sozinha. E aí foi quando a gente viu que já estava na hora de dele vim. E ele já trança.

**Isabel:** A sinalização foi dele, de querer?

**Kaylane:** hum ,hum

**Isabel:** Interessante!

**Kaylane:** aí quando a gente namorava que ele ficou uma vez, um tempo desempregado e aí ele começou a ir pro salão e me ajudar, começou a trançar junto comigo. Gostou, [outra interrupção na entrevista por parte do parceiro da entrevistada] isso mesmo foi, foi dele.

**Isabel:** É, você mencionou sobre a lojinha, né? Eu acho que é uma realidade de poucas transcistas, ter o material assim, né? E como que funciona essa sua aquisição do seu material? como você compra? Onde você acha?

**Kaylane:** Aham, É de fora, eu compro com um fornecedor. De jumbo né? De materiais...

**Isabel:** a você compra direto, né?

**Kaylane:** Isso direto com o fornecedor. Hoje, mas, foi ...foram 5 anos para conseguir isso aí. Por quê? Para aqui, na verdade, já é muito difícil de você conseguir, né? Graças a Deus que a gente achou né? Tem a Império<sup>20</sup> que ela conseguia fornecer tipo, aí pode ir lá, a cliente que quer e tal, pega a entrada no valor vai lá compra e vem. O que eu ganhei durante esses 4 anos foi na minha mão de obra. Era no meu trabalho, sabe? Mas assim era como se eu trabalhasse... chegou um tempo que

---

<sup>20</sup> *Império Fashion hair* é um a loja varejista situada no centro de Eunápolis com uma grande expressividade. Esta loja é a primeira da cidade a fornecer material para produção e trabalho das transcistas da cidade além de ter uma importância simbólica por ser a única loja de itens para negritude para o ramo capilar. É um apoio para o comercio de serviços de tranças.

parecia que eu trabalhava pra loja? Né? Porque tudo que eu precisava era de lá e a maior parte do meu faturamento era deles, não era meu, entendeu? Então parece, é... eu falo que eu trabalho para mim, mas para esses 4 anos aí eu estava trabalhando pra outra loja, né? No meu espaço ainda (risos) mas graças a Deus a gente conseguiu fazer, né, o primeiro investimento e começar a trabalhar com o nosso material.

**Isabel:** E já é um grande diferencial, né? Em relação a muitas transcistas.

**Kaylane:** A gente consegue precificar com um valor melhor.

**Isabel:** E ter margem de lucro também, que é o que toda empresa quer, né? Ninguém quer pagar para trabalhar, né? Bom, bom, bom! É, você falou sobre... o que a trança representa pra você do ponto de vista financeiro, de sustento, né, digamos assim, todo o seu sustento vem mesmo da prática de trançar. Mas quando você pensa assim, na questão social, na questão política, da trança, você tem alguma impressão, que é que essa trança representa? Você, mulher transcista, né? Que está trançando a 5 anos. O que as tranças na cabeça de uma cliente sua, representa do ponto de vista político? Do ponto de vista social, ou se acha que é só uma moda mesmo?

**Kaylane:** Ta! É, a trança, ela tem toda uma história, né? Eu eu acho que tipo assim, hoje em dia é muito moda, é igual a maioria das minhas clientes... porque se uma, se uma blogueira faz uma trança hoje em dia essa trança bomba, essa trança sucesso e tudo mais, mas tem toda uma história que você vai carregar igual, a gente tá transando em que o seu cabelo agora? Tem por trás da é dessa trança? Tem toda uma história, né? Uma história cultural, e você saber que tipo assim, hoje as pessoas, ela, você pode não, não conhecer da história, mas o fato de você gostar, de você usar, ela traz uma representatividade muito grande, né? Você, você carrega ali com você. É tanto que, olha para o quanto você já mudou, da hora que a gente está fazendo essa trança já ficou, né? uma outra coisa, então, tem... é carrega toda uma história a trança. Talvez você que não conheça. Chegou uma cliente minha que uma adolescente, eu tranço muito meninas jovens, né? Porque acha bonito, porque é moda, porque é prático. Claro que a gente também faz, né por isso? mas tipo assim, ela não tem o interesse de lá pesquisar, né? Começou como que foi esse negócio, né? Porque carrega toda a história. Mas tipo, assim, se se você conhece a história e você, você fala, poxa, olha só, né? Para as pessoas estão, né? Estão usando, estão valorizando, trazendo isso pra, pra a atualidade, para hoje em dia, né? Acho que é isso. Eu procuro fugir um pouquinho às vezes da da militância, que tipo, assim, eu acho muito correto, mas também hoje em dia a militância é muito grande, é muito grande qualquer coisinha que você... igual: a Virgínia. Você sabe quem é, né?

**Isabel:** Não, não conheço.

**Kaylane:** A blogueira mulher de Zé Felipe, não?

**Isabel:** Não.

**Kaylane:** Essa daí me surpreendeu (risos)

**Isabel:** não é que eu sou péssima de Instagram.

**Kaylane:** Ela é branca, uma loira, né? E aí ela fez uma trança. E aí, assim é, quem gosta, né? E quem defende mesmo, que eu não sou assim, por Deus não. Se chegar aqui um azul querendo trançar eu tranço... é, e aí, tipo assim ela foi muito criticada porque ela era uma mulher branca e ela fez uma trança. Ela fez uma trança assim igual a sua, normal. E aí ela foi muito criticada, e as pessoa achar, é ... criticou muito porque ela estava usando trança, porque trança era uma coisa histórica, uma coisa cultural, uma coisa de negro e ela tava usando. E aí tem, né? Todo esse contexto eu procuro... não é que eu fujo não, é porque eu nem... Não gosta muito da né? De militar em cima, em cima disso, porque se a gente for parar pra pensar, ninguém tem essa...como que eu posso falar? Ninguém teria o direito hoje em dia de usar, né? Quem somos nós então, né? Para estar, quem sou eu para botar uma trança na cabeça e dizer, né, que eu, eu posso, eu posso e você não pode, né? Então assim, eu não acho, não acho muito...

**Isabel:** Entendi. É, você. Você comentou a respeito dessas das meninas jovens que você está transando bastante e tal. Aí me veio me remeteu a pergunta sobre o seu público-alvo, né? Tem jovens pessoas variadas, que procura trança. Por uma questão de que a blogueira colocou tal, né? Mas você tem um, você conseguiria é, estabelecer um público que você fala: não o meu público. São mulheres "assim, assim, assim", falando de faixa etária, falando de situação econômica, de situação social, você tem um público-alvo, tipo o número de pessoas que me procuram é mais assim, entende?

**Kaylane:** Entendi. Não, tem é variadíssimo muito doida, muito aleatória, né? De todo tipo da criança, até o adulto.

**Isabel:** A faixa etária variada?

**Kaylane:** muito variada.

**Isabel:** Mas e a situação econômica variada? São, em sua maioria socioeconômico é variado? No geral, em sua maioria, são mulheres ricas da elite ou são mulheres da periferia?

**Kaylane:** São mulheres da periferia! Você não vê uma... Para chegar a uma pessoa mais "bam bam bam" né, digamos assim, pra poder colocar uma trança, e um simples, simples penteado, uma trancinha, uma nagôzinha, porque tá na moda!

**Isabel:** Uma lateralzinho. (risos)

**Kaylane:** Isso, só, um pedacinho e: "ai será que quebra?" é isso.

Minhas meninas acho que são mais, meninas que é do bairro, sabe? De um do bairro que eu sempre morei...

**Isabel:** Você não mora aqui?

**Kaylane:** Não, eu sempre morei no Alecrim, no Alecrim, 2

**Isabel:** E tá lá ainda, você mora lá ainda não?

**Kaylane:** Não moro. Hoje eu moro no Dinah Borges, minha mãe que mora lá. Mas meu público é esse.

**Isabel:** É que seu ponto é aqui, eu imaginei que você morasse por aqui.

**Kaylane:** E o ponto é aqui, justamente para ficar perto.

**Isabel:** Fácil de achar também, né? Legal. E quando você, você vê essas meninas mesmo com toda essa variedade de faixa etária? Mas, você mencionou no início que para algumas, é a questão de moda, OK. Mas você consegue assim, analisar: por que você acha que essas meninas de periferia trançam o cabelo? Pode falar. O que que você acha que é? De acordo com as conversas que você tem com elas aqui?

**Kaylane:** Hoje em dia, as meninas usam trança porque é algo prático. Porque é algo que você fica pronta e, porque é algo que desperta uma ousadia. Eu não sei, assim eu falo com as meninas que é um poder diferente, você de trança, você ficou ousada! As meninas chega aqui, murxinhas. Eu boto uma trança, meu Deus, você ver, transforma e transforma. Eu não sei se é, que eu converso demais (risos) . Olha, ela sai uma outra pessoa, você vê, você vê lá o brilho, né? É outra coisa. Mas as meninas... o porquê mesmo de trançar, é isso. Eu vou ter meninas que trançam, porque tem, pelo mesmo motivo que eu quando comecei, porque vai ter que sair da química de qualquer jeito. Até as meninas que se viciam (*na trança*).

**Isabel:** E eu acho que eu faço parte do grupo das viciadas (risos) estou começando, viu? Mas só que o meu dinheiro não deixa.

**Kaylane:** Mais é viciante você, você acordar pronta para você poder ir para qualquer lugar é uma coisa prática e você está arrumada o tempo todo, então não tenho preocupação.

**Isabel:** ai gente agora vamos falar também da possibilidade de tá todo mês com a cara diferente, né?

**Kaylane:** Todo mês com cabelo diferente. (risos) Nem que você divida em 300 vezes, eu não vejo problema, meus clientes são assim, sabe, né, dizer a é igual. Eu falo para as meninas, gente trança é luxo, né? Não é... não é barato, né? Uma escova um que você faz ali no salão de 8 em 8 e é baratinho, não é? Tem todo o custo financeiro por trás, né? E mesmo assim, as meninas dão um jeitinho. Divide em “trocentas” vezes a gente divide, mas todo mundo quer estar de trança.

**Isabel:** Legal, é? você falou um pouco sobre como era seu cabelo antes de estar no natural, mas você consegue se lembrar da relação, como que era a sua relação com o seu cabelo na sua infância?

**Kaylane:** Eu não vou conseguir lembrar real porque: Eu alisei muito, muito nova.

**Isabel:** muito cedo

**Kaylane:** eu lembro a idade mais ou menos?

**Isabel:** Mas foi sua mãe que alisa os cabelos e que pediu.

**Kaylane:** Eu que pedi. Não era porque ela quis. É... acho que pelo sofrimento do pentear né? porque a mãe hoje em dia, você tem muita informação

**Isabel:** aham

**Kaylane :** para você finalizar o cabelo cacheado não mas antes não mainha passava um pingo de creme, molhava aí, na hora que eu chegava na escola o cabelo já estava uma bucha, ai era horrível meu Deus do céu, era triste (risos) minha mãe fazia... olha por incrível que pareça ...( pausa para a trançista pegar o material que trançava o cabelo) no meu cabelo mainha fazia trancinha, na escola as professoras me chamava de “trancinha” eu ia pra escola toda de trança, toda trançadinha, aquelas trancinha toda durinha, e se não fosse assim a bichinha não dava conta de pintar meu cabelo. Era o cabelo cheio né, cacheado, crespo, tudo misturado e aí, óh! eu odiava hoje em dia não, hoje em dia... Eu alisei o cabelo [\*\*\* trecho inaudível] olha a cara dela de: “como assim?” (risos)

**Isabel:** depois de tudo que você passou! (risos)

**Kaylane:** depois de todo esse drama (risos)

**Isabel:** É, mas é super normal, também a gente brinca assim...

**Kaylane:** eu fiquei 5 anos com meu cabelo natural, amei! Aí teve toda a fase de, que eu aproveitei muito meu cabelo, mas depois eu não me vi mais com o cabelo. Eu boto o cabelo cacheado, igual eu tô agora.

**Isabel:** aham !

**Kaylane:** eu boto trança, mas eu alisei o cabelo e quando eu tô com cabelo liso eu me sinto outra pessoa! [fala de interrupção do esposo da entrevistada em 39:57min], aí eu, aí eu fui alisei porque eu não me sentia mais bem com meu cabelo cacheado. Mas eu pude conhecer meu cabelo né, ter toda a experiência, valeu a pena, valeu muito a pena! É já não me sentia bem porque, eu acho que não eu não estava mais na fase da minha vida de... com o cabelo cacheado mas, foi transformador para mim, é... ficar conhecer meu cabelo saber cuidar, é... da minha eu conheci muita gente na mesma fase ajudei muita gente quando eu tinha tempo né hoje em dia eu tenho as minhas clientes que passam pela fase da transição e eu falo muito para elas a transição não é só a mudança do cabelo, você vai mudar tudo. Você já passou pela transição?

**Isabel:** Já. Meu cabelo é natural, por incrível que pareça. Em relação a química né, porque tem tinta. Mas eu passei pela transição acho que três vezes...

**Kaylane**Ah tá vendo (risos). Você quis se transformar tantas vezes...

**Isabel:** Mas eu tenho 37 anos (risos) você tem 20.(risos) Três vezes. A primeira vez foi esse, esse desejo também né de parar com a química, a segunda vez, foi é... eu estava já “transacionada” (risos) e foram escovar meu cabelo e colocaram uma escova com química aí chegou e alisou. Daí eu tirei de novo, e a terceira vez foi em apoio a uma prima minha, que eu cortei de novo ele. Já estava grandinho e aí ela queria fazer a transição, mas ela sentia né... aí eu fui cortei o meu de novo pra apoiar ela.

**Kaylane:** Meu Pai do céu, isso é que gostar de transformação (risos)

**Isabel:** e olha... assim não tem problema nenhum sabe? se tivesse cortar hoje eu cortava de novo.

**Kaylane:** Isso, então é isso que eu falo, as meninas “fala”: E você não tem medo de se arrepender? Eu falo: gente eu boto trança (risos)

**Isabel:** entendi

**Kaylane:** Eu não vou passar a transição igual passei e há 5 anos atrás, que não tinha como a gente... é, na transição você entra numa depressão, quando você corta cabelo é triste, é ruim! Hoje em dia se você... hoje em dia eu vejo as meninas que raspam...

**Isabel:** não, hoje tá não! hoje tá assim graças a Deus né!

**Kaylane :**Você sofria *bullying*.

**Isabel:** Exato! Hoje, tipo assim elas estão colhendo frutos de quem plantou lá atrás né.

**Kaylane:** Ham, Ham! E de quem sofreu viu, porque eu sofri minha fia... que quando eu botei minhas tranças...ô meu Deus do céu

**Isabel:** Eu na época na minha Transmissão eu não tinha esse conhecimento das tranças, tinha muito preconceito porque falavam que quebrava todo tal, tal...

**Kaylane:** Fedia!

**Isabel:** Fedia...

**Kaylane:** hãhã, hãhã

**Isabel:** Feder acho que eram mais... (risos) acho feder era o medo maior. E até hoje quando eu coloco o pessoal pergunta: “E como é que você lava?” aí eu digo: com água e shampoo, do jeito que você lava o seu! Do jeito que você lava o seu eu lavo o meu, entende? (risos).Mas acho muito importante sabe, assim a sua, a sua consciência sabe? Porque tipo, você podia só vim fazer trança e acabou! Mas você está o tempo todo nessa tentativa de fazer as pessoas entenderem que... Sabe? tá tudo bem, pode usar, não é bem assim, quebra os preconceitos né? realmente acho que isso é importante mesmo!

**Kaylane:** Eu acho que...óh minha filha, assim... se a gente quiser... eu falo com as meninas aqui, tudo que você quiser, cê pode! as meninas falam: “ Ah,eu tenho vontade mas eu penso tanto no que vão falar” eu era muito assim, a transição me mudou isso. Porque tipo assim, eu não fazia nada, sem te perguntar. Eu tinha que ter tipo assim...

**Isabel:** aprovação.

**Kaylane:** aprovação de alguém, nem que fosse de um qualquer ali na rua eu tinha que aparecer e olhar a reação pra ver. Hoje em dia não! E as minhas clientes tambémfoi me despertando isso né, [\*\*\* trecho não inteligível] minhas clientes chegam e... não, eu quero colocar um negócio aqui vô... nossa, que eu vou brilhar lá na outra esquina. Eu falei sobre isso, tem que ser assim!

**Isabel:** Então a sua relação com seu cabelo hoje...

**Kaylane:** a minha relação com o meu cabelo hoje é... é doida né (risos) minha relação com o cabelo é doida, mas tipo assim é aceitável já.

**Isabel:** Ok! Ótimo, ótimo. Melhor ainda maravilha. ãanh, e assim quando você recebe suas clientes aqui, você... porque não tem jeito, a transcista acaba sendo um pouco psicólogo também né? Terapeuta.

**Kaylane:** Desse jeito.

**Isabel:** essas coisas né? padre, para ouvir confissões... fazer confissões

**Kaylane:** Essa semana uma cliente falou assim: “eu precisava vir aqui conversar com você”

**Isabel:** aí (risos)

**Kaylane:** eu falei: O que que foi mulher? (risos). Aí pronto! conta a vida!

**Isabel:** É, aham! e aí quando você está nessa, nessa relação né, transcista cliente, você... por tudo que você já ouviu, por tudo que você já viu, você acha que as suas clientes, elas têm uma tem uma relação étnico racial bem, bem estabelecida com elas? Com o cabelo delas também? que são duas coisas diferentes. Por exemplo, você disse: “eu me reconheço como mulher preta” mas gosta do seu cabelo esticado.

**Kaylane:** sim

**Isabel:** e fica de boa! E isso não, não faz você deixar de ser essa mulher preta, entende? ou menos preta por isso também. Então tem essas duas relações, tem a relação da pessoa com a sua cor né, digamos assim, e a relação dela com o cabelo dela. Então como é que você, analisa nas suas clientes essa relação com esses dois elementos do corpo.

**Kaylane:** Com o cabelo? Olha, é porque, eu estou o tempo todo com o cliente que está entrando na transição, um cliente que está saindo da transição, com o cliente que não, não tem o cabelo né, crespo... cabelo cacheado... então é, é muito uma mistura né. Então eu vou... vai, vai ser muito de... de experiência de pessoa para pessoa. Eu tenho, eu tenho um cliente aqui que elas são da... igual eu falo da militância! Né, do “eu boto trança por isso”

**Isabel:** você tem esse público?

**Kaylane:** Tenho muito, tenho bastante. Que é por conta da história, que é que conhece né, que elas... eu tenho um cliente aqui que ela bota (trança) porque... por conta de todo né?

**Isabel::** ãham...

**Kaylane:** De todo o passado, e... “eu sou negra” e aí se tem toda essa essa fala né, tudo isso. Eu tenho esse tipo de cliente. Aí eu vou teri um tipo de cliente que é, porque não sabe o que quer, que é igual eu, quer tudo né.

**Isabel:** Igual eu também sou meio assim, eu escovo, eu boto trança (risos) eu corto, boto cacho...

**Kaylane:** pois é, e a gente vai se descobrindo. Eu já decidi. Eu já aceitei que eu sou várias em mim mesma( risos)

**Isabel:** que bom que você aceitou isso na idade boa (risadas) não faz igual eu quase 40 pra entender isso.

**Kaylane:** uma loucura... Eu, eu entendi óh, quando eu passei pela a transição que eu já estava com meu cabelo grande, há... tipo agora o último ano que eu passei como cabelo cacheado, eu passei com cabelo cacheado pra não desmotivar as meninas que estavam em transição, eu fiquei com meu cabelo cacheado porque pra mim, por eu ser transcista, eu tinha viver de trança e eu tinha que ter meu cabelo natural para ter essa representação.

**Isabel:** Hum hum, meio que uma ética né do trabalho

**Kaylane**né? Essa representação toda...

**Isabel:** mas não tem nada a ver né,

**Kaylane:** não tem nada a ver, mas aí eu fiquei aí um ano presa nesse... essa loucura. Eu botava a trança e já não tava legal, eu não me sentia bem eu tirava. Eu ficava com esse cabelo cacheado, já não tava bom também, aí eu escovava. Ave Maria! Eu escovava, ai me sentia tão bem. As meninas: “ Ká , você não alisou o cabelo? Eu falava: não gente, não alisei, calma!

Mas aí depois eu falei assim: “eu tenho que me sentir bem, né com o meu cabelo comigo... é... sou eu, né? eu não vou deixar de ser transcista, eu não vou deixar de motivar as mulheres a passar pela transição

**Isabel:** não vai deixar de ser uma mulher negra também.

**Kaylane:** É, eu conto toda a minha história. Eu tenho uma cliente Jamile, que ela alisou o cabelo, e ela com o cabelo dela é crespo. E Jamile é, é defensora de todos os as coisas desse mundo (risos) e aí uma moça chegou no Instagram dela e falou, e pegou e falou pra ela: “ah você ficou bonita beleza e tal, mas e aí como é que você vai defender agora tudo que você fala? já que você alisou o seu cabelo?”

A mulher teve a ousadia menina de falar isso! eu falei:

“Ah se fosse eu, eu ia chorar!” Mas Jamile não! Jamile tinha toda, toda a fala dela pronta para entregar e aí eu falei gente o importante é você se sentir bem, tanto que eu também coloco o cabelo nas meninas que quer cabelo liso. Eu também tenho cabelo liso para colocar nas meninas, quem quer ter cabelão liso fica com os cabelos lisos, quem não quer bota trança, e no fundo tá todo mundo, todo mundo é... fazendo aquilo que ...

**Isabel:** buscando a mesma coisa né?

**Kaylane:** o que vai se sentir bem. É fala, é por isso que eu não gosto de mim... entrar nessa, nessa discussão de... “ah porque eu sou preto eu tenho que me aceitar do jeito que eu sou né?” não, se não tá bom pra você bê, você muda bota outro cabelo, acabou! Entendeu? é sobre isso, é isso que eu falo com as meninas : “não, não tá bom pra você? Procura outra coisa. Muda!” eu tenho um cliente aqui minha fia , que ela vai alisa esses cabelo e volta passo pela transição... Eu falo, elas gostam desse processo. Da a mudança né de ta se transformando, e cabelo é isso, cabelo transforma a gente não tem como dizer que não.

**Isabel:** Verdade. Bom, aqui dentro do meu roteiro, meio que você já conseguiu dar conta de das respostas, mas eu queria saber se você quer falar mais alguma coisa né,

**Kaylane:** eu quero saber...

**Isabel:** tem alguma coisa fora daqui, que eu não perguntei, e que você quer falar

**Kaylane:** Não! Eu quero saber o porquê que você escolheu fazer o seu TCC com esse tema?

**Isabel:** Ah essa parte não dá pra ficar gravada (risadas) senão vai ficar mais de 2 horas de gente de gravação então... vamos encerrar a gente continua a conversa sem gravar (risadas).

**Kaylane:** Foi ótimo!

**Isabel:** Ok! Quer deixar algum recado para as meninas?

**Kaylane:** vou deixar um recado para as meninas, para não se prender a padrão de beleza, nem o padrão que é realmente o padrão e também à aceitação de que você tem que aceitar do jeito que é. Se você quer mudar, você muda mudar é transformador, mudar cabelo é maravilhoso é terapêutico, de preferência comigo viu? (risadas) e é isso.

**Isabel:** ótimo, maravilha.

**Kaylane:** não se prenda

Data: 29 de Agosto de 2023

Duração: 39:49 m

Local: Estabelecimento de trabalho da entrevistada

Páginas: 13

## **Cleide Rosário de Souza**

**Isabel:** Bom, meu amigo, para início, né? Gostaria que você se apresentasse, falasse. Seu nome, idade, apresentação mesmo.

**Cleide :**Meu nome é Cleide, tenho 32 anos, tenho um filho de 6 anos. Mulher preta, mãe solo. Moro em Eunápolis, no bairro Juca Rosa desde os meus 2 anos de idade. Sou. criada, nascida e criada aqui.

**Isabel:**Beleza, e quando que você começou a trançar?

**Cleide :**Comecei a trançar em 2016. Eu estava grávida. E comecei a trançar, porque... Eu queria trançar o meu cabelo eu utilizava trança no meu cabelo desde 2015 e aí eu quis usar novamente. Só que o fato de eu estar grávida eu acabei saindo do serviço, num tinha dinheiro pra pagar, e aí falei,: “vou aprender a fazer a trança pra fazer em mim”. A intenção do momento era só essa de fazer em mim e para eu poder fazer minhas próprias tranças, porque eu não tinha dinheiro para pagar. E ali eu comecei olhar vídeos no YouTube, comecei a fazer com o pai do meu filho, tranças. E, fui embora em 2017. Não, fui embora no final de 2016 e retornei para cá em 2017, que foi quando eu realmente comecei a trabalhar com isso. E não, não trabalhei mais com outra coisa, só com trança mesmo.

**Isabel:** Quando você, quando você começou a trançar assim, você resolveu começar a trançar, você tinha já, uma clientela que você buscou? Ou foi mais vizinha e familiares?

**Cleide :**Quando eu comecei, em 2016, que eu estava grávida, eu trançei primeiro, uma amiga minha, eu, juntamente com pai do meu filho, trançei primeiro uma amiga minha. Pra a gente ver se a gente ia conseguir, né? Porque eu já tinha feito o meu, e ele achou que que ficou legal, que eu tinha jeito e tal. Então ele falou: “não, vamos seguir, vamos dar continuidade”. E aí a gente chamou essa amiga da gente para a gente fazer um teste e aí deu certo. Não, não ficou perfeito porque a gente nunca tinha trançado o cabelo de alguém. A gente pegou, e ela como a primeira, como modelo. E aí a gente trançou a dela, a gente viu que deu certo, a gente começou, aí eu já comecei a fazer de uma prima, já comecei a fazer de uma outra amiga e aí quando eu vi quando eu fui embora, e voltei, eu só tinha essas pessoas que eu tinha deixado aqui. Pessoas

que eu tinha trançado, e aí depois dessas 3, quando eu voltei, que eu comecei a fazer minha clientela.

**Isabel** :É, e por que de você se interessou pelas tranças?

**Cleide**: Porque na verdade, eu já, já trabalhava com cabelo, né? Sempre mexi com cabelo, desde os meus 11 anos. Eu, eu que sempre alisava o meu, eu que escovava o meu. Minha intenção nunca foi trabalhar com tranças, era com o cabelo. Já fiz cursos de cabeleireiro, já trabalhei em salão também, porque eu sempre gostei de mexer com cabelo. Mas trança, nunca tinha sido algo que eu pensasse, apesar de quando era criança, eu já... Eu trançava o cabelo de minhas irmãs essas trancinhas que a gente faz no cabelo, só do cabelo mesmo, só que nunca passou pela minha cabeça o fato de trabalhar com tranças. Só a partir do momento que eu fiquei sem dinheiro para fazer as minhas que veio... essa vontade mesmo de trançar, e eu vi que eu gostava. Porque eu já gostava de mexer com o cabelo, então o fato de já trabalhar com cabelo me deu, me trouxe a possibilidade de continuar com as tranças.

**Isabel**: Uhum, entendi. E você teve alguma referência na vida pessoal, profissional que te levasse a ter interesse na carreira ou a, construir a sua carreira, né? Você teve alguma referência?

**Cleide**: Não, que eu lembre assim, não. Não tive nenhuma assim que eu olhasse... você fala mais questão de inspiração?

**Isabel**: É.

**Cleide**: Não, não tive. Porque aqui não tinha ninguém que fazia trança. Na verdade, tinha um pessoal que fazia trança, que estudei até com essa menina, que ela usava trança desde quando ela era criança. Sempre vi, mas nunca foi uma inspiração, porque eu não nunca pensei em trabalhar com tranças, então não. Não me inspirava em alguém.

**Isabel**: Uhum.

**Cleide**: Só questão de YouTube mesmo.

**Isabel** :Você mesmo pesquisava.

**Cleide**: Era, pesquisava as tranças, *box braids* e ia.

**Isabel** :E na época, era fácil achar conteúdo?

**Cleide:** Sim, era porque, querendo ou não, é fora daqui do estado já tinha muitas meninas que usavam.

**Isabel:** E quando você foi embora, foi para um lugar onde tinha referência de transcistas. Que usava?

**Cleide:** Sim, fui pra São Paulo, fiquei um ano e pouco lá.

**Isabel:** Beleza na sua, na sua, na sua identificação aí você já se identificou como mulher preta, né? Essa sua identidade étnica-racial você tem ela construída antes ou depois de ser transcista? Como que é? É desde criança.?

**Cleide:** Não. Na verdade...(risos)

**Isabel:** Você sempre se viu como uma mulher preta?

Cleide: Não, não, eu sempre achava que o fato de, de receber muito preconceito, de... de passar por isso, me fazia acreditar que eu não era tão preta. Eu era morena, clara, sabe? Eu não me aceitava. Não gostava do fato de ser preta. Eu olhava para mim e falava assim: "não, eu acho que não sou". Porque meus irmãos, todos são pessoas mais claras que eu, né? Então eu achava assim: "Não, meus irmãos são claros então eu também sou. Só sou um pouquinho mais escura, mas eu sou clara" sabe? E... e não tinha essa construção dentro de mim, de que eu era uma mulher preta não. Fui criando ao longo do tempo. 2013, que foi quando eu fiz a minha transição, porque quando a gente passa pela transição, é um processo que acaba mudando a gente não só por fora, não só fisicamente, mas por dentro, muda tudo, muda por completo quando a gente faz a transição. A gente acaba se conhecendo, né? Porque antes a gente num... quantas meninas que não têm noção de como era seu próprio cabelo? Eu não tinha mais noção de como era o meu cabelo, então quando eu fiz a transição, eu comecei a me conhecer novamente. Saber quem era eu, como era o meu cabelo é qual tipo de creme que eu ia usar, porque eu só usava creme para cabelo liso, né? Porque a gente alisava o cabelo e achava que era aquilo ali. Então eu fui me construindo. A partir do momento que eu fiz a minha transição, aí eu entendi eu era uma mulher preta, e que eu era bonita daquela forma.

**Isabel:** E por que você resolveu transitar?

**Cleide:** Porque o meu cabelo começou a cair, né? Eu tive um corte químico, e... não crescia mais na parte do meio do da minha cabeça, o cabelo não crescia mais e aí eu falei: "eu vou ter que parar!" não foi nem questão assim de tipo: "Ah, é, vou mudar porque eu quero tirar, não quero mais usar química". Foi a questão de necessidade mesmo. Não crescia mais aquela parte que estava caindo. E eu falei: "não, vou parar de alisar. e vou voltar o meu cabelo natural, vou ver como que é e tá". E aí deu 4 meses depois que eu parei de alisar, eu já cortei, tirei tudo, tirei toda a química. Foi difícil, eu não conseguia nem sair na rua. Olha no espelho, não conseguia sair. Fiquei 3 dias sem sair na porta de casa porque eu tinha vergonha. E aí... só que aí depois

disso que eu fui entendendo, eu fui aprendendo a me amar, aprendendo a olhar no espelho e ver que eu tinha a minha beleza, que a gente tem a nossa beleza, né? E aí foi através daí desse momento que eu comecei a me construir. Entender que eu era preta, começar a usar batom vermelho, escuro. Que tudo isso a gente, querendo ou não, é ilimitado neh? O fato da gente ser preta... “Ah, colocou um batom vermelho: “porra não combina” Por que? Porque é preta! Ah, colocou um cabelo de outra cor? “Ah, tá horrível!” Por quê? Porque é preta. Então, a partir do momento que você faz a transição, pelo menos comigo foi assim, mudou completamente tudo. Meu jeito de pensar, a maneira de, de agir, de me olhar no espelho. Foi através daí 2013 ,2014.

**Isabel:** E quando você fez sua transição, você... você se lembra da reação da família de amigos? O que você sentiu?

**Cleide:** Muitas é... palavras pesada... “Tá parecendo nego macho!”, “Está parecendo que tem que tem câncer”, “Parecendo que tem doença”. Porque 2013 querendo ou não, né? Acaba sendo bastante, tempo bastante tempo. E ouvia muito essas coisas, pessoas na rua, quando me viu, quando eu consegui sair mesmo na rua que olhava, se espantava. Sabe tipo: “meu Deus, que que você fez?”, “Você é doida?”, “Você tirou aquele cabelo?”, e era um cabelo tipo podre, arregaçado todo destruído, todo de, de pontas duplas, ressecada. Mas era maravilhoso para as pessoas. Não tinham noção nem do que eu estava passando, mas... Teve um episódio mesmo, que meu amigo falou que ele tava dentro, do dentro do ônibus e eu estava passando na rua, assim, e a mulher falou assim: “Ah, aquela menina ali está doente”, “Cortou o cabelo porque está doente”. Então são coisas assim que... umas coisas pesadas assim que..., mas só que, em nenhum momento deu vontade de desistir. Assim, porque eu já tinha feito e era, já tinha noção que era aquilo que eu queria, entendeu? Então não passou pela cabeça, a vontade de desistir.

**Isabel:** Aí o cabelo vai crescendo e a identidade vai crescendo junto, né?

**Cleide:** Isso

**Isabel:** Legal! É... você fez algum curso profissionalizante? Você mencionou aí um. Mas foi assim... Eu não sei como, que nível era, né? Se era avançado...

**Cleide:** Bom, o primeiro que eu fiz foi de, de cabeleireira mesmo. Era pra mexer com química, secador essas paradas. E aí, eu consegui fazer um curso de transcista mesmo, 4 anos depois, porque eu era transcista, eu consegui fazer porque aqui na cidade não tinha. Então, pra mim, era uma dificuldade muito grande, ter que sair daqui pra ir fazer curso em outro lugar. Por várias questões, né? É... o fato de eu de eu ser uma mãe solo, de criar meu filho, de ter essa responsabilidade de várias coisas e aí ter que é... é juntar um dinheiro para fazer um curso, juntar um dinheiro para poder pagar sua passagem, juntar um dinheiro levar o seu filho. E tudo isso pesa para gente, que que vive isso aí sozinha. E aí eu passei anos e anos tentando fazer um curso, não conseguia fazer. E aí foi quando surgiu uma oportunidade de ir em São Paulo novamente e aí eu fui lá e fiz. Consegui fazer, mas foi mais para a questão, assim, de... de ter noção de como ministrar também para outras pessoas porque, tinha muita

gente que pedia curso, e eu não me sentia à vontade de ministrar porque eu nunca tinha passado por isso antes, nunca tinha visto alguém ministrar, então eu não me sentia segura e aí eu fiz, mais para ter essa noção também e acabar aprendendo outras técnicas também que eu não, não dominava.

**Isabel:** É legal. E hoje, quando você, assim, quando você quer estudar, quando. Quer aprender algo novo, o que é tendência, né? No mercado das tranças, você recorre a quê? Você vai fazer curso? Você sai da cidade como que é?

**Cleide:** Geralmente é YouTube mesmo, porque... Querendo ou não, continua aquela mesma situação de que, nem tudo que está no auge, no momento o pessoal aqui sabe, então é sempre alguém de fora que sabe. A gente tem de ir para isso, ou a gente vai, ou olha, para o YouTube e acaba aprendendo.

**Isabel:** E assim, entre os tipos de trança que você faz, quais são os modelos que você oferece para clientela? Quais são os tipos de material que você usa?

**Cleide:** As tranças, a maioria aqui, as tranças que mais sai, são as *box braids*, que são as tranças soltas e com o material, que geralmente é feito com jumbo. Algumas pessoas ainda fazem com linha hoje em dia, mas é bem raro porque, graças a Deus, o jumbo chegou até nós. E mas realmente é essa aquele que mais faz. E tem essa daqui, que é boxeadora, é... também utiliza o jumbo. Tem a *nagô* que você pode fazer só com seu próprio cabelo ou com material também. Aí vai surgindo outros modelos de trança, como a "*Gipsy*", que usa a cacho que é trança com cacho. Tem a *Good Brads*, que também é uma trança com cacho, só que de modelos diferente, tem vários tipos de trança.

**Isabel:** Ok. Quais que o pessoal mais faz?

**Cleide:** Mais, é a *box braids*.

**Isabel:** É a *box*? É a que o pessoal chama de 'rasta' né? E o material? Você tem, tem fornecedor. É difícil de conseguir? Como que é?

**Cleide:** Geralmente aqui na cidade já tem. Tem loja que vende. Só que geralmente as meninas trazem para mim, fica um pouco mais fácil as meninas trazerem ou quando é com meu material eu pego com esse pessoal, só que não pega uma grande quantidade. Sempre a quantidade que o cliente vai precisar e uso.

**Isabel:** E qual a importância de trançar pra você? Qual a importância da trança pra sua vida?

**Cleide:** Para mim, o... a maior...a parte mais importante assim, é de ter noção que eu levo para as pessoas, e a maioria são pessoas negras, o que é se conhecer de verdade. Porque quando você está, geralmente a maioria das pessoas que passam

pela transição, elas usam as tranças, né? Para poder conseguir passar por ela. E as tranças em si, querendo ou não, ela te dá um poder. Ela traz um poder para você, quando você se olha no espelho e você se ver de trança. Algo que você não usava e do nada você está ali, com algo que te deixa mais bonita, que te deixa mais viva. E isso é importante para mim. Ver que com o meu trabalho eu consigo mostrar para as pessoas que sofreram, assim como eu, mostrar para elas que elas têm um poder dentro delas e elas podem colocar para fora esse poder. Coisa que com a... trabalhando com a química eu não conseguiria, entendeu? Não vou ter isso. É algo que a gente já fazia antes para tentar ser aceito. Então as tranças não é... a química não. A química gente desde cedo, infelizmente fomos obrigado, não é? A gente é obrigado a se ver de cabelo liso a... E as tranças trazem esse poder para mulher e, principalmente para mulher preta que é o diferencial, e é a parte mais importante para mim. Porque o fato da gente ter, ter passado por várias coisas e ainda passar, machuca quem sente na pele, né?

[momento de diálogo entre a trancista e sua cliente, definindo o tamanho do penteado]

**Isabel:** E como, como que é para você ser mulher trancista em Eunápolis? Se fosse assim, você pode pensar por comparação, né? Se você fosse uma trancista em São Paulo, uma trancista Salvador e ser uma trancista em Eunápolis. Você acha como que é para você?

**Cleide:** Dificultoso (risos). Difícil porque as pessoas não entendem o valor, não aceitam. Tem pessoas que acha que a gente está enriquecendo em cima delas. Então em outros lugares, quando a gente, por exemplo, a gente participa de grupos, né? Trancistas de Eunápolis, trancistas do Brasil, trancistas de São Paulo... e quando a gente põe o nosso valor lá, que às vezes é, é questionado lá no grupo e a gente põe o nosso valor elas se espantam: “como assim? Cês cobram isso?” Às vezes uma trança que a gente cobra, tipo 300 que é nossas tranças solta aqui em Eunápolis é 300, é... 300 reais pra eles é uma *Gana*, sabe? que era é outro tipo de trança que eu falei que é a boxeadora com seis, é geralmente em outros lugares é 300. E aí, tipo a 300 para a gente é uma trança gente passa dia inteiro. Sabe? Então é mais a questão mesmo de, de ser cansativo e não ser reconhecido, entendeu? Não... não ser reconhecido como como trabalho. As pessoas não, não olham com valor, não dá valor a isso aqui.

**Isabel:** É, você acha que essa desvalorização vem pelo quê?

**Cleide:** Vem pelo fato de ser um bagulho, bagulho nosso, né? De preto, né? Se fosse de branco... Cê vai no salão de branco alisar o cabelo 400 reais em uma progressiva, está ótimo! Maravilhoso! De 3 em 3 meses que você faz, nossa que perfeito. “A mulher trabalha super bem, analisa super bem!” Mas a trança é, cultura africana, cultura de preto nossa história. Preto nunca é valorizado, então, querendo ou não... “Ah, para fazer isso aí no cabelo?”, “pra mim, ficar parecendo, as neguinha eu tenho que pagar tanto”? Eu acho que é mais por isso a desvalorização da questão.

**Isabel:** Você já passou por alguma situação, em que você teve que falar da sua profissão, e alguém questionou a sua profissão? Tipo: você vai abrir uma conta em um banco, né? Eles sempre têm aquelas perguntas.

**Cleide:** É que é, assim: “Ah, o que é que você faz? Sou trancista. Aí, tipo: “Trancista? cabeleireiro?”. Não, sou trancista. Mas não tem trancista como profissão Nossa, se a gente for fazer um trabalho assim na carteira, não tem como assinar como trancista. Ele vai ser sempre cabeleireiro, entendeu? Apesar de que, graças a Deus, tem uma mulher aí que ele é trancista também, que ela está correndo atrás disso. De, de regulamentar, né? É uma profissão, sabe?

**Isabel:** Então, para você, de fato, trancista é uma profissão?

**Cleide:** É uma profissão.

**Isabel:** Não é só um passatempo, com as pessoas pensam?

**Cleide:** Eu faço tudo com o dinheiro do meu trabalho, que é ser trancista. Então desde dois mil... vou falar em 2017, que foi realmente o ano que eu falei: “Não, não faço mais nada para ninguém”, e comecei a trançar de verdade mesmo 2017. Desde 2017 para cá, eu pago minhas conta, eu vivo minha vida, tenho meu filho, então para é minha profissão.

**Isabel:** Uhum. E assim você acabou de dizer, né, que todo o seu sustento então vem das tranças. Então a trança, o que a trança representa para você a título de sustento é seu único ofício no caso? E você não teria nem tempo também de fazer outra. Coisa, né? (risos) Nem se quisesse(risadas)

**Cleide:** Não tenho tempo para fazer outra coisa, até queria, mas não dá. É, é tanto que as pessoas questionam o fato de não... porque antes, as pessoas que eu escovava o cabelo pergunta: “Ah, porque você não volta a escovar?”, “queria tanto escovar meu cabelo”! Só que não dá. Ou você escolhe um, escolhe outro e, para mim, o mais importante é trançar, porque para mim mexe com interior da gente. Então, eu prefiro trançar, do que... Aí tem gente fala: “Nossa, mas se você fizesse escova é, é relaxamento e tal, você ganharia mais.” Mas não é sobre dinheiro, sabe? É sobre o que você gosta de fazer. Eu faço porque eu gosto. Tem gente que pergunta: “Ah, mas você deve ter muita paciência, né? Eu falo, não! Eu gosto de fazer isso aqui, e se fosse só pela paciência, eu não estava fazendo. Porque tem horas que a gente olha e fala: Não dá! Paciência a gente não tem sempre, mas, é amor. você tem que gostar de fazer. É igual quando as meninas fazem curso, eu sempre falo pra elas que se elas não tiverem amor, nem adianta fazer. Uma hora vai parar. Ela pode começar e tudo mais, uma hora para.

**Isabel:** Legal...

[outra interrupção para a transcista atender uma cliente que chegou]

E as tranças? É o que a trança representa para você do ponto de vista político? Político, social de construção? Pra você e para seus clientes também, né? Você falou o que a trança representa do ponto de vista do sustento, por exemplo. Você só vive disso, você se identifica como mulher preta e tudo mais. E se você for pensar a sua profissão, o seu ofício, do ponto de vista de uma construção política, de uma afirmação política, de uma posição política, a trança representa alguma coisa ou ela não muda nada na sua na sua posição política social de mulher preta ou para as suas clientes?

**Cleide:** Não, não, que que eu acho não.

**Isabel:** Beleza. Você comentou aí que você fez a transição, né? Eu não me lembro a idade sempre que você comentou a idade. Quantos anos você tinha?

**Cleide:** 22.

**Isabel:** Aí, já estava bem mulher, né? Então, é que eu imaginei que fosse na infância.

**Cleide:** Não.

**Isabel:** Então, como é que era a sua relação com seu cabelo na sua infância?

**Cleide:** Não lembro.

**Isabel :** Não lembra?

**Cleide:** O meu natural?

**Isabel:** Como era a sua relação no seu cabelo? Tipo, você mencionou que quando você faz a transição, você se relacionou bem dificultoso com ele, né? Até se descobrir, ver seu cabelo mesmo de verdade, sem química e tal e na sua infância? Como que se relacionava com seu cabelo, sempre alisou?

**Cleide:** Sempre alisei.

**Isabel:** Mas você mesmo queria alisar ou era algo tão natural que... ?

**Cleide:** O que acontece... minha mãe, era casada [pausa para ela falar com a cliente sobre o resultado do cabelo]. Minha mãe era casada e com 11 anos ela se separou. Só era ela quem fazia meu cabelo, que penteava, que cuidava do meu cabelo. E aí quando ela se separou, que ela teve que voltar a trabalhar, eu comecei... eu ia ter que

começar a cuidar do meu cabelo sozinha. E foi aí que ela resolveu alisar para ficar mais fácil para eu cuidar sozinha. Porque a partir dali ela... a gente já não tinha mais ela para poder cuidar do nosso cabelo.

**Isabel:** Uhum. Entendi. E você gostou quando viu? Era, era fácil.

**Cleide:** Gostei né...Por quê? Porque a gente... Nosso sonho, né?

**Isabel:** Estava igual a todo mundo né? (risos)

**Cleide:** Isso. Mais ou menos. Um pouquinho parecida com a elite.

**Isabel:** Mas você lembra de ter sofrido algum tipo de bullying na sua infância? Com o seu cabelo?

**Cleide:** Não. Por causa do meu cabelo natural não. Porque eu não lembro dele. Eu não lembro dos momentos que eu tinha cabelo natural, só depois do,da transição que eu fui ter noção de como era. Palestrante 2

**Isabel:** E aí, sobre o bullying. E hoje, sua relação com seu cabelo, é ótima, não precisa nem perguntar né? Palestrante 2

**Cleide:** Sim, com o meu cabelo sim. Mas prefiro usar trança, mas com meu cabelo em si, sou de boa.

**Isabel:** Beleza. Se fosse para você traçar um perfil do seu público, você conseguiria me dizer quem são as pessoas que vem trançar com você?

**Cleide:** É, é muito misturado. Não, não tem um público maior, sabe? de mulher ou homens ou adolescentes jovens não tem. É uma mistura.

**Isabel:** De faixa etária é “misturadão” e de raça? São mulheres brancas? São mulheres pretas?

**Cleide:** Maioria são mulheres pretas.

**Isabel:** E essas mulheres pretas em sua maioria, elas são da elite? São da periferia?

**Cleide:** A maioria da periferia. Que é o público que eu gosto de trabalhar também.

**Isabel:** Aham, beleza. É você já? Assim como é que você se relaciona com as suas clientes no caso... Você mencionou que você gosta muito da construção que você faz

do ponto de vista da identidade dessas mulheres, né? Mas você percebe que a maioria delas sentam aqui sem ter essa noção, e aí você se relacionam com ela nesse sentido de, de ajudar nessa construção, de fazer elas entenderem todo o bagulho, né? Como você diz (risos) ou não, ela se senta, trança e tchau acabou?

**Cleide:** Não, é... a maioria delas que vem, ela já vem com dúvida, entendeu? “Ah, eu estou com medo de ficar feio”, “Estou com medo de não combinar comigo”. Várias meninas que trançou e no mesmo dia tirou o cabelo, só mandava foto dizendo: “Véi estou tirando porque não me adaptei, tô achando que está feio, tô achando que está estranho em mim”, “não combinou”. Então tem muita pessoa assim. Infelizmente, nos dias de hoje, ainda tem muita mulher que não se ama, não, não gosta da sua cor, não gosta do seu cabelo. Tem mulheres que trança cabelo há mais de 10 anos e que estão trançando comigo agora e que desde desses 10 anos, trançando cabelo até hoje, não consegue usar o cabelo natural. Tem muita, muita história assim, louca de pessoas que não consegue se ver ainda com o próprio cabelo.

**Isabel:** Hum, Hum. Você consegue pensar porque que essas mulheres vêm trançar os cabelos assim?

**Cleide:** Infelizmente, tem muito mulher que, que é moda ainda né? Fala que é... “Ai está na moda, vou trançar e tal”. Mas tem muitas também por transição. Tem muita, só porque acho bonito ou porque vai fazer alguma...” Ah, eu vou fazer... vou participar de alguma parada assim” vou...quero fazer uma coisa diferente no meu cabelo e faz.

**Isabel:** E... essas geralmente elas voltam?

**Cleide:** Volta, sempre volta porque acaba viciando.

**Isabel:** Mas ainda assim, não conseguem ter uma... tipo assim, uma consciência de toda...

**Cleide:** Não. Não tem. Tem gente que faz, faz, faz e, ainda... por exemplo, questão da cor mesmo. Faz e aí fala assim: “ai eu acho muito lindo, é colocar cores, mas eu não teria coragem porque eu sou preta”, tipo isso, entendeu? “Eu não acho que ficaria legal colocar tal cor, porque eu sou negra então, ia ficar muito feia” “la ficar estranha, em gente branca.eu já acho mais bonito”. Só que isso aqui nem é de branco, entendeu? Mas elas acham bonito em branco, não sei qual por qual motivo elas têm essa, essa frase, esse questionamento

**Isabel:** E você tem alguma cliente branca que usa trança ou você nem atende (risadas). Porque tem trancista que nem atende.

**Cleide:** Não, eu atendo. Se pagar, eu faço o que elas quiserem. Qualquer tipo de trança faço. Tenho muito cliente branca, e elas, inclusive elas me perguntam isso e fala: “Ah, o que que você acha sobre trançar cabelo de mulher branca?”, Eu falo, não

tenho nada a ver nisso (risos). Eu falo é meu trabalho. Eu só trabalho, você me pagando, eu estou fazendo. Porque existe muita...As pessoas acaba... É muita burocracia em cima disso, entendeu? É não sabe separar o que é trabalho, o que é luta, entendeu? Existe a luta, existe o seu trabalho, não vou ter... Se existisse só clientes brancas? Eu ia parar de trabalhar? Ia deixar de sobreviver? Parar porque só tem cliente branca?

**Isabel:** Entendi,

**Cleide:** não dá.

**Isabel:** Sim, entendi. Às vezes tem que saber, tipo... tem um lugar da militância, não é? E a gente tem que saber transitar nesses dois lugares, né? E até a forma da gente também aprender a sobreviver. Palestrante 2

**Cleide:** Com certeza.

**Isabel:** Você tem algum alguma... algum grupo assim, se é grande, se é pequeno de mulheres, que que vêm fazer essas tranças que são religiosas, são evangélicas? elas não têm problemas com religião, por coloca trança?

**Cleide:** Não. Alguns tem fala que os pastores reclamam, mas é bem pouco. As ovelhas estão bem rebeldes. (risos)

**Isabel:** Hum, Hum. Ou consciente, né?

**Cleide:** Bem rebeldes conscientes ultimamente, graças a Deus e também, querendo ou não, o bagulho está entrando, né? Nas igrejas, está entrando em tudo quanto é lugar e vai ficar difícil deles barrar. Então, ou aceita. Ou a ovelha sai da igreja.

**Isabel:** Certo, você está com tempo livre agora de fala. Então, de repente, tem alguma consideração que você queira fazer que não está aqui dentro do roteiro de pergunta. Então fique à vontade alguma... Não tem problema, de falar alguma coisa que você queira falar, alguma... Não sei.

**Cleide:** Não, acho que eu não tenho nenhuma consideração.

**Isabel:** Algum recado para as meninas que ainda tem algum tipo de problema com o usar trança?

**Cleide:** Agora eu não pensei, por que você não pega assim? Você, como assim quase um mês? Não lembro dessa parte na outra entrevista, tá? (risadas)

**Isabel:** Eu dei uma adaptada. Porque geralmente a entrevista, ela entrevista aqui fechada, né? Então de repente eu não perguntei uma coisa que você queria falar, então? Fique à vontade.

**Cleide:** Estou tranquila.

**Isabel:** Ok. É o seu filho? Você tem só ele é?

**Cleide:** É graças a Deus.

**Isabel:** Você de alguma forma, você acha que sua profissão ou até mesmo, eu acho que...transcista pra você não é nem uma profissão, é uma filosofia de vida, né? Você, você tipo, educa ele, nesse sentido de uma luta antirracista? A trança possibilita isso no dia a dia dele ou não? Você separa bem, tipo, não deixa que ele participe dessas coisas ou como que é?

**Cleide:** Não. Ele participa de tudo na verdade, né? Porque querendo ou não ele sempre teve, então... Ele sempre participou. Sempre deixou bem claro a questão racial. Apesar dele ser uma criança, querendo ou não, e influenciar, por mais que ele tenha essa base dentro de casa de entender, o que isso passa em questão de racismo, em questão de preconceito. Tudo isso ele tem uma base. A gente conversa muito sobre isso, porém, ainda assim, não é o suficiente para ele ter noção de que aquilo ali atinge ele, se ele passar por algo fora de casa. Porque querendo ou não, a construção não é só de quem está vivendo isso, é das outras pessoas também que passam esse tipo de preconceito. Infelizmente, elas são desconstruídas. E precisaria muito, muito, muito de, de uma base e às vezes essas pessoas não têm uma base. Então, às vezes não adianta só você ter a base. É você entender, que você é daquele jeito que você é bonito daquele jeito, não adianta só você entender isso. É preciso outras pessoas serem educadas também para entender isso e não repassar. O que às vezes é a gente dentro de casa ou uma rua, porque às vezes a gente acha que só dentro de casa que ensina, mas a rua ensina muito. Às vezes, não é nem dentro de casa, que a criança aprende a ser preconceituoso, a ser racista.

**Isabel:** Como é que anda seus planos, seus projetos? Você pretende continuar a ser transcista? Não tem pretensão de parar. Mudar de ramo?

**Cleide:** Às vezes a gente pensa em desistir quando vem as tribulações, as coisas mais pesadas, mas... No momento não é um pensamento, não é que a gente pense em parar, né? Não planeja em parar? Pense em desistir pelas cargas, né? Mas não planeja de parar de fazer outra coisa, não, até porque não...O que? Sabe, já fiz tanto isso que eu não me vejo fazendo outra coisa. Não existe outra coisa que eu gosto. A não ser cabelo né? Tipo, "ah não vai fazer na trança, mas você pode fazer outro tipo de cabelo". Beleza. Pode ser que isso aconteça um dia, pode ser, mas não... um planejamento, né?

**Isabel:** Entendi. Você mencionou aí a questão de carga, né? Carga e tribulação da profissão. Isso eu imagino que você está falando em relação a... Não sei, ao relacionamento com o público, né?

**Cleide:** Não, nem só público, é tudo, tudo. A carga, aquele negócio que a gente estava falando no início aqui que a gente estava conversando. Sobre a mulher ter uma carga muito pesada em relação a tudo, independente de você ser casada, de você ter alguém que te ajude dentro de casa, mas querendo ou não, a carga sempre fica para a mulher e, independente do que seja. Seja criação de filhos, seja a questão de cuidar da casa, de ser dona de casa e seja questão de cliente, de ficar na rua, qualquer coisa. A carga é bem mais pesada para mulher, mas eu falo de um modo geral mesmo, da carga, entendeu? Quando você está cansada, já de fazer tudo aquilo, entendeu? E tem várias coisas. O cliente também é um ponto, mas não é o principal de você está tão cansada de algumas coisas.

**Isabel:** É, eu imagino que. se eu colocar, se eu falasse um tópico, você vai conseguir desenvolver uma fala.

**Cleide:** Pode ser que sim.

**Isabel:** Que é o tópico seguinte: A dor da trancista. Quais seriam as dores de uma trancista? Você colocou uma aí agora? O fardo, a carga por ser mulher, tal, dependendo da situação familiar, ser solteira ou.

**Cleide:** Eu acho que a dor maior é de você... quando você faz tudo sozinha, quando você não tem um apoio aí... querendo ou não, essa dor. O fato de você tentar fazer o máximo e as pessoas não entenderem que você está fazendo o máximo. É as pessoas acharem que por você ser trancista, ou por você trabalhar sozinha, é para você mesma, você está sempre disponível, entendeu? Você não pode ter uma vida fora disso aqui. Você trabalha só com isso aqui e “você precisa me atender”. Então, esse é o fato das pessoas não entenderem que você tem uma vida por trás do seu trabalho, é um fato que pesa. Porque quando você trabalha para outras pessoas, você cumpre um horário. Você sabe que aquele horário você tem que estar lá quando você trabalha para você...

**Isabel:** E a sociedade respeita os horários né?

**Cleide:** Respeita os horários porque é um horário comercial. E quando você, você trabalha para você. A sociedade acha que você tem que tá disponível.

**Isabel:** Você é livre.

**Cleide:** Livre, disponível seja domingo, você tem que estar ali. E se você não trabalhar você já está rica, não está querendo dinheiro mais. “Já está rica, né? Não está querendo trabalhar domingo”, “porra, feriado, você não vai trabalhar? e aí você fica

pensativo porque, se você não trabalha, você não tem. Quando você trabalha pra outras pessoas. Você não vai trabalhar, mas você sabe o seu dinheiro tá garantido ali, e a gente não E a gente trabalha para a gente mesmo, a gente sabe que se a gente não trabalhar, a gente não vai receber. Então acaba que a gente fica se desdobrando, é... fazendo vontade de cliente. Às vezes de fazer um cabelo de noite, sendo que você está cansada já de fazer. A pessoa: “não só isso, só isso”! Esse fardo é muito pesado de levar, de, de achar que a gente tem que estar sempre agradando o cliente. E não, não é assim. O cliente nem sempre manda, nem sempre tem razão. Você faz o possível, você vai fazer aquilo que está dentro do que você aguenta fazer. Não é que você tem que ta sempre ali obedecendo. Porque se não, você não estaria trabalhando para você entendeu?

**Isabel:** Hum hum, sim. Quando você fala de limites, né? Eu, eu já coloco também na questão do corpo, né, Das dores do corpo. Então a trancista tem limites no corpo dela, né? De dores. Então, como que você lida com isso? Porque você fica dia inteiro em pé, às vezes, noite adentro, em pé. Porque tem, tem trancistas que abrem exceções, como você acabou de colocar, às vezes, a pessoa deixa a vida dela para estar atendendo meia-noite, sabe Deus até que horas. E eu tenho certeza de que isso infringe muita dor no corpo. Então, como você lida com isso, o seu corpo hoje? Ele responde a algum tipo de dor de sofrimento nas mãos. Por conta da profissão?

**Cleide:** Por mais que às vezes, se eu trabalhar, tipo, vários dias seguidos, eu posso sentir dores nas mãos, as costas sempre dói. Querendo ou não, já é parte de da gente já, né? Não tem jeito, as costas sempre vai doer. Mas eu evito tomar remédio, não tomo medicamento, só um momento assim que realmente não... “travou agora vai ter que tomar um remédio”, não tem jeito. Mas eu faço de tudo para não tomar. A maioria que que faz, sempre me fala que toma medicamentos. Eu já não. Não gosto muito de tomar.

[pausa para atender alguém que chegou]

**Isabel:** E esse é um fator que te faz pensar em parar? A dor.

**Cleide:** Não.

**Isabel:** A gente tem a LER (lesão por esforço repetitivo) mesmo né? Que é aquela doença que dá na mão, quem tem movimento repetitivos, não é? Você nunca nem cogitou parar por isso?

**Cleide:** Não. E tem várias meninas aqui começaram a ter problemas. Espero em Deus que eu nunca... porque a gente precisa fazer exercício e, infelizmente eu ainda não faço. É necessário fazer os exercícios e ter o... estabelecer um tempo para você parar, né? Tipo, a questão que eu estava falando de você estabelecer seu limite, de você não ficar só naquilo: “Ah, eu tenho que fazer porque meu cliente...” por exemplo, às vezes chega e fala assim: “Ah, é porque é meu aniversário, amanhã”, aí você fica tipo, porra, mas amanhã era minha folga. Aí você fala: “mas ela tá comigo a tanto tempo”.

Sabe? tipo, você não consegue dizer não por causa de alguns de alguns fatores. O fato de ser cliente há muito tempo, ou então o fato de ser o aniversário da pessoa. Você fica pensando e você prefere tirar o seu dia, que é no seu dia de descanso, que é o dia que você ia brincar com seu filho, o dia que você ia fazer algo pelo seu filho. Por você! Você tira então, querendo ou não, você precisa estabelecer esse limite, entendeu? Não é que a pessoa não mereça aquele voto que você está dando aquela... É, é a questão mesmo de você tirar o tempo para você. Mas isso tudo é questão de organização também. O fato de trabalhar sozinha, a gente acaba não tendo organização, porque é muita coisa para resolver e acaba não tendo. É sempre bom você trabalhar com outras pessoas para que tenha essa organização, para que tenha... que você estabelece esse limite de tempo, de horário de trabalho.

**Isabel:** E parece que quando, quando tem ...você atendia em casa, né? Quando eu fui fazer trabalho, você atendia em casa, não era?

**Cleide:** Hum, hum.

**Isabel:** Você atendia em casa, agora você está com seu ponto. Parece que a estrutura física, o ter ponto, dá um limite no cliente.

**Cleide:** Sim, porque se você não está atendendo em casa... mesmo várias vezes eu estou lá, e aí do nada chega alguém e fala: "aí, você tem horário agora?" Aí eu falo: Ah, agora, agora? tipo é, "só uma trancinha assim é rapidinho", aí você tipo você, aí você acabou cedendo e acaba fazendo. É muito complicado agora, quando você tem um ponto comercial, não. É nem só a questão das pessoas entenderem os limites, mas a questão de... das pessoas respeitarem você como profissional, porque quando você trabalha em casa, as pessoas não, acabam não tendo essa valorização. Não, não te dá esse valor de falar assim: "Porra ela é profissional". Por mais que eu veja, graças a Deus, minhas clientes sempre falam comigo o fato de... "Aonde você for eu vou", "você pode estar em casa". Tem cliente minha que fala: "Ah, pra que que você vai gastar dinheiro com ponto? seus clientes, tudo vem na sua casa". Só que é o fato da pessoa olhar para você, como profissional. O fato de olhar para você e entender que aquilo deu um trabalho, não é um hobby. Não é... "Ah, não estou fazendo nada... porque sei lá, porque eu estou fazendo nada, vou fazer isso aqui".

**Isabel:** Bom, as perguntas fechadas eram só essas. Lembrou de alguma consideração? Então encerramos aqui. Obrigada.

**Cleide:** Eu que agradeço.

**Isabel:** Fala o seu insta pra constar no...

**Cleide:** É @na.preta. É, é só isso mesmo que eu tenho que eu uso, só Instagram, beleza? Obrigadinho um beijo.

